



JOHN ABBOTT





JOHN ABBOTT

A Mãe no Lar © 2017 Knox Publicações. Publicado originalmente em inglês com o título “The Mother at Home” de John S. C. Abbott.

Todos os direitos desta edição são reservados.

1ª Edição em Português: 2017

Tradução
Karis Davis

Revisão
Anna Layse Davis
Layse Anglada

Editoração e Capa
Paulus Anglada

ISBN
978-85-61184-22-3

Todos os direitos desta tradução reservados pela:



KNOX PUBLICAÇÕES

Estrada do Caixa Pará, 49 – Levilândia

CEP: 67015-520 / Ananindeua – PA

Fone: (11) 3042-9930

contato@knoxpublicacoes.com.br

www.knoxpublicacoes.com.br

Sobre este Livro

*“Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua.
Atende ao bom andamento de sua casa...”
Provérbios 31:26-27*

A *Mãe no Lar* apareceu primeiramente em 1833, como um livreto publicado pela Sociedade Americana de Panfletos, e tornou-se uma das mais estimadas obras do século XIX sobre a arte de ser mãe, exaltando a gloriosa obra da mãe no lar. O livro enuncia e ilustra os princípios básicos do dever da mãe em criar seus filhos “no temor e na admoestação do Senhor”. Seu sucesso imediato levou o autor a escrever um companheiro para este volume, voltado para os filhos: “*A Criança no Lar*”.

A *Mãe no Lar* enfatiza a grande importância de criar filhos sob os olhos de Deus, sempre conscientes de Sua presença e submissos à Sua Palavra – as Escrituras Sagradas. Essa citação, extraída do último capítulo do livro, mostra a importância tremenda que o autor coloca sobre o cuidado maternal com as crianças:

Aquela que foi a primeira na transgressão, ainda poderá ser o principal instrumento terreno na restauração. É verdade que outros fatores podem contribuir grandemente. Outras influências vão interagir naquela pequena mente proveniente das mãos da mãe, e levá-la adiante em seu desenvolvimento. Mas as mães devem ser os principais instrumentos na sua redenção... Ó, mães! Reflitam sobre o poder que o Seu criador colocou em suas mãos! Não há influência terrena que possa ser comparada à sua. Não há uma combinação de fatores tão poderosos na promoção da felicidade – ou da miséria – da raça humana como as instruções do lar.

Creemos que esse livro será bem-vindo nos lares e nos corações dos pais cristãos de hoje que desejam obedecer ao mandamento bíblico de criar os seus filhos na admoestação do Senhor.

“O objetivo deste livro é a utilidade prática, não o efeito literário. Ele foi escrito para mães nas situações normais da vida. Existem muitas mães, em todos os vilarejos do nosso país, que estão buscando avidamente por informação a respeito do governo de seus filhos. Espero que esse tratado possa dar-lhes alguma assistência.” – do Prefácio do Autor.

Prefácio

Esse livro tem sido proveitoso para um grande número de mães cristãs que desejaram compartilhá-lo com você. É claro que a primeira responsabilidade de um crente ao ler é comparar, em oração, os princípios do autor com os princípios das Escrituras, e rejeitar todos os erros pragmáticos e humanistas. Portanto, esse livro não é apresentado a você como *O livro sobre criação de filhos*. O autor, John Abbot, como todo homem, sem dúvida, também tinha os seus problemas; um dos quais, por causa do período em que vivia, era a tendência de exaltar demais o papel da mãe ¹. Recomendamos que você considere também os direcionamentos bíblicos dados ao pai. Estamos certos de que encontrará nestas páginas muito conselho prático e biblicamente sadio que será uma fonte abundante de convicção e encorajamento no cumprimento da grande responsabilidade dada à “*Mãe no Lar*”.

Gostaríamos de lembrar os leitores que a linguagem desse livro, escrito já há alguns séculos, é um tanto rebuscada para os nossos dias, mas é perfeitamente inteligível e muito bem expressiva, e por isso optamos por manter, sempre que possível, as palavras e expressões do próprio autor. Tomamos a liberdade apenas de dividir alguns dos parágrafos mais longos em porções menores.

Optamos também por deixar intacto o texto e os títulos originais no corpo principal do texto, e inserimos sugestões de divisões da leitura em semanas e dias, além de outros subtítulos e anotações, sob as quais as mães poderão acrescentar as suas próprias. Com esses recursos extras, buscamos facilitar a leitura do livro por mães ocupadas, que assim terão oportunidade de serem diariamente lembradas de algum aspecto importante relativo à educação cristã de seus filhos, e de meditar nas palavras e exemplos oferecidos pelo autor, cujas porções profundas e relevantes talvez sejam melhor aproveitadas pelas mães se forem digeridas aos poucos.

Além disso, advertimos o leitor que talvez venha a notar uma falta de ênfase na soberania de Deus (por exemplo, na história da conversão de John

Newton, no primeiro capítulo, e em outras passagens do livro) de que este capítulo e o livro de modo geral busca enfatizar justamente o outro lado da moeda, a responsabilidade humana, de modo que, ainda que seja difícil compreender como essas duas dimensões se harmonizam, peço que o leitor busque sempre sustentar ambas as doutrinas juntas, mesmo quando, em certo momento, focaliza-se o aspecto humano.

Finalmente, e até pelo motivo exposto acima, esse primeiro capítulo é um tanto duro quando comparado com o restante do livro. Acreditamos que o autor desejava, por meio de palavras e exemplos marcantes, chamar atenção para a importância do seu assunto, e alertar os pais sobre a sua imensa responsabilidade na criação de seus filhos, e ele faz isso de maneira eficaz, embora um tanto chocante para o estilo atual inconsequente e pragmático de se tratar desse assunto. A ironia é que o mundo de hoje não carece de exemplos terríveis como estes (e mesmo piores, a julgar pelo número crescente de matanças e suicídios cometidos por jovens) de filhos rebeldes, escandalosos, violentos e corruptos, mas considera um tabu tratar da enorme responsabilidade dos pais na criação dos filhos, atribuindo o problema à escola, ao governo, à pobreza, ao porte de armas, etc., quando há muito tempo se sabe que o caráter de um homem é grandemente determinado pelo tipo de criação que ele recebe nos primeiros anos de sua vida, cujo cuidado foi colocado nas mãos insubstituíveis da mãe. O leitor que encarar bem esse capítulo estará com a atitude mental apropriada para encontrar nos demais capítulos um tom bem mais brando por parte do autor, e uma abundância de conselhos e exemplos práticos e valiosos.

Planos de Leitura

Creemos que o conteúdo deste livro é tão pertinente que ele convida a diversas releituras, e que as mães serão beneficiadas se puderem ler, nem que seja uma frase ou porção pequena que a lembre dos seus deveres diários para com os seus filhos. Pensando nessas mães ocupadas, oferecemos diversos planos de leitura: O livro tem dez capítulos e está dividido em 31 semanas. O leitor mais apressado que puder ler o material de uma semana em um dia, poderá terminar o livro em um mês. O conteúdo de cada semana foi dividido em cinco porções pequenas que estão indicadas na barra lateral pelos dias da semana e podem ser lidas diariamente de

segunda a sexta-feira. Nesse caso, o leitor pode completar os 155 dias no período de sete meses. Adicionamos também espaço para anotações e lições particulares que a mãe deseje guardar como que num diário pessoal. Esperamos que esse livro venha a ser para você um tesouro de sabedoria, um companheiro diário, útil e querido, e que a voz deste autor tão sábio continue soando em nossos dias e servindo de guia para mães de crianças de todas as idades.

¹ Em detrimento do papel do pai na criação e disciplina das crianças (nota da tradutora).

Índice

Sobre este Livro

Prefácio

Capítulo 1
Responsabilidade

Capítulo 2
Autoridade Materna: A Necessidade da Obediência

Capítulo 3
Autoridade Materna: Problemas e Disciplina

Capítulo 4
As Dificuldades da Mãe

Capítulo 5
Faltas e Erros

Capítulo 6
Instrução Religiosa: Quem, Quando e Como?

Capítulo 7
Instrução Religiosa: Conteúdo, Práticas e Expectativas

Capítulo 8
Frutos da Piedade

Capítulo 9
Mais Frutos da Piedade

Capítulo 10
Resultados: Os Prazeres e Recompensas dos Pais

Capítulo 1

Responsabilidade

SEMANA 1

Segunda-feira

A Influência da Mãe no Caráter de um Homem

O Poder e a Influência da Mãe

Há alguns anos, um grupo de rapazes que estava se preparando para o ministério se interessou em investigar que proporção deles havia sido criado por uma mãe piedosa. Eles ficaram grandemente surpresos e satisfeitos ao descobrir que, de cento e vinte alunos, mais de cem haviam sido frutos da oração de suas mães, e sido guiados, pelos conselhos delas, ao Salvador. Apesar de alguns destes haverem se rebelado contra todas as restrições do lar, e como o filho pródigo, terem vagado no pecado e no pesar, ainda assim eles não puderam esquecer as impressões que haviam tido na infância, e foram eventualmente trazidos ao Salvador, para a alegria e bênção de suas mães.

Muitos fatos interessantes têm, nos últimos anos, atraído a atenção dos cristãos para esse assunto. Os esforços que uma mãe empreende para o desenvolvimento do conhecimento e da virtude de seus filhos são necessariamente reservados e discretos. O mundo não os conhece; e por isso o mundo tem sido lento em perceber o quão poderosa e extensiva é essa influência secreta e silenciosa. Mas certas circunstâncias estão agora direcionando os olhos da comunidade para o cuidado maternal, e a verdade está, a cada dia, aparecendo mais distintamente diante do público, a saber, que a influência que é exercida sobre a mente durante os primeiros oito ou dez anos de existência, guiará, em um alto grau, os destinos daquela mente para essa vida e para a eternidade. E como a mãe é a guardiã e a guia desses primeiros anos de vida, dela é que sai a mais poderosa influência na formação do caráter de um homem.

E como não poderia ser assim? Que impressões podem ser mais fortes e mais duradouras do que aquelas recebidas pela mente no frescor e na susceptibilidade da juventude? Que instrutor pode obter uma confiança e um respeito maiores do que uma mãe? E onde pode haver tanto deleite no adquirir conhecimento, senão quando um pequeno rebanho se agrupa ao redor do colo de uma mãe para ouvir a respeito de Deus e do céu?

Terça-feira
Tal Mãe, tal Filho
Exemplo 1

Há um ditado que diz: “Um bom menino geralmente se torna um bom homem”. A mãe de George Washington disse certa vez: “George sempre foi um bom menino”. E aqui nós vemos um segredo de sua grandeza. George Washington tinha uma mãe que fez dele um bom menino, e imprimiu em seu coração aqueles princípios que o elevaram a benfeitor de seu país, e um dos mais brilhantes ornamentos do mundo. A mãe de George Washington merece a gratidão de toda esta nação. Ela ensinou ao seu filho os princípios da obediência, da coragem moral e da virtude. Ela, em grande medida, formou o caráter desse grande herói e estadista. Foi em sua casa, junto à lareira, que ela ensinou o seu menino brincalhão a dominar-se a si mesmo; e assim ele foi preparado para a carreira brilhante de tanta utilidade que perseguiria no futuro. Nós somos devedores a Deus pelo dom de George Washington; mas nós devemos ser igualmente gratos a Deus pelo dom desta mãe inestimável. Se ela tivesse sido uma mãe fraca, indulgente e infiel, as energias não controladas de Washington poderiam tê-lo elevado ao trono de um tirano; ou a desobediência infantil poderia ter preparado o caminho para uma vida de crimes e uma sepultura desonrosa.

Quarta-feira
Tal Mãe, tal Filho
Exemplo 2

Byron teve uma mãe que era o exato oposto da senhora Washington; e o caráter da mãe foi transferido para o filho. Não devemos estranhar, portanto, o seu caráter e conduta, pois nós o vemos como sendo a consequência quase que necessária da educação que recebeu, e das cenas

que testemunhou na casa de sua mãe. Uma hora, ela permitia que ele desobedecesse com impunidade; outra hora, ela tinha acessos de raiva e o espancava. Assim, ela o ensinou a desafiar toda autoridade, humana e divina; a mergulhar, sem restrição, no pecado; a se entregar ao poder de toda paixão enlouquecedora. Foi a mãe de Byron quem lançou os fundamentos de sua preeminência na culpa. Ela o ensinou a arrojarse no mar da imoralidade e da impiedade, em cujas ondas ele foi agitado por toda a sua vida. Se os crimes do poeta merecem a condenação do mundo, o mundo não pode esquecer que foi a mãe quem encorajou em seu jovem coração aquelas paixões que fizeram dele uma maldição entre os seus conhecidos.

Quinta-feira
Outras Influências na
Formação do Caráter

Existem, é verdade, inúmeras causas operando incessantemente na formação do caráter de uma pessoa. A influência materna não é, de modo algum, a única influência que é exercida. Mas ela pode ser a mais poderosa; pois com a bênção ordinária de Deus, ela pode formar na mente infantil os hábitos e implantar os princípios, aos quais outras influências somente darão permanência e vigor.

Uma mãe piedosa e fiel pode ter um filho dissoluto. Ele pode romper todas as amarras, e Deus pode entregá-lo a “comer os frutos das suas próprias artimanhas”. Os pais, de tal modo afligidos e de corações partidos, podem apenas se ajoelhar diante da soberania do seu Criador, que diz: “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus”. A consciência, contudo, de ter cumprido com o seu dever tira dessa aflição muito de sua amargura.

E, além disso, esses casos são raros. Filhos imorais são normalmente fruto de pais que têm negligenciado a educação moral e religiosa de sua família. Muitos pais são eles mesmos imorais, e assim, não somente permitem que seus filhos cresçam sem qualquer restrição, como, por seu próprio exemplo, os atraem ao pecado. Mas há outros, no entanto, que sendo eles mesmos retos, virtuosos e até piedosos, acabam por negligenciar a cultura moral de seus filhos; e como consequência, estes crescem em

desobediência e pecado. E pouco importa qual é a causa que leva a essa negligência. A negligência em si será ordinariamente seguida pela desobediência e vontade própria.

Sexta-feira
Quando um dos
Pais é Negligente
no seu Dever

Esta é a razão porque filhos de pessoas importantes, tanto na igreja como no estado, são frequentemente a desgraça de seus pais. Se a mãe não estiver acostumada a governar os seus filhos, se ela depender do pai para impor a obediência e o controle, então, quando ele estiver ausente, todo o governo familiar ficará ausente, e as crianças serão deixadas a correr soltas, para aprenderem as lições da desobediência, para praticarem as artes do engano, para construírem, sob o alicerce do desdém pela mãe, um caráter de insubordinação e iniquidade.

No entanto, se as crianças estiverem sob o governo eficiente de uma mãe prudente, o oposto disso será, quase invariavelmente, o caso. E já que, quase sempre, os primeiros anos de vida são confiados ao cuidado da mãe, segue-se que a influência materna, mais do que qualquer outra coisa, formará o caráter futuro de seus filhos.

SEMANA 2
Segunda-feira
A Mãe de
John Newton

Exemplos da Influência Materna

A história de John Newton é frequentemente mencionada como uma prova da impressão profunda e permanente que uma mãe pode produzir sobre a mente de seu filho. Ele tinha uma mãe piedosa. Ela sempre se dirigia para o seu quarto, e colocando a mão na cabecinha dele, implorava a bênção de Deus sobre o seu menino. Essas orações e instruções marcaram profundamente o seu coração. Ele não podia deixar de reverenciar aquela mãe. Ele não podia deixar de sentir que havia uma santidade em tal caráter, que exigia dele reverência e amor.

Ele não pôde apagar de seu coração, mesmo em sua vida subsequente, as impressões produzidas na sua infância. Apesar de ter se tornado um perverso vagabundo, apesar de ter abandonado o lar, os amigos, e toda virtude, a lembrança das orações de sua mãe, como um anjo da guarda, o seguiram por onde ele andou. Ele participou das cenas mais degradantes e desgraçadas da vida de um marinheiro, e quando estava rodeado de colegas desprezíveis, em farras na madrugada, ele imaginava sentir a mão macia de sua mãe em sua cabeça, implorando a Deus que perdoasse e abençoasse o seu menino. Ele foi para a costa da África, e tornou-se ainda mais degradado que os nativos daquele território.

Mas a mão macia de sua mãe continuava sobre a sua cabeça, e as orações ferventes feitas por ela ainda soavam em seu coração. E a sua influência, apesar do lapso de muitos anos da vida dele no pecado, trouxeram de volta o pródigo: um penitente e agora transformado filho de Deus; e o elevaram ao posto de um dos mais belos ornamentos da igreja cristã, o qual por sua vez, conduziu muitos filhos e filhas à glória.

Terça-feira
Um Encorajamento
à Fidelidade Materna

Que comentário indispensável é esse sobre o poder da influência materna! E que encorajamento ele oferece a cada mãe para que seja fiel em seus esforços de treinar o seu filho para Deus! Se a senhora Newton tivesse negligenciado o seu dever, se ela tivesse sido remissa como muitas mães cristãs, o seu filho, sob a vista humana, poderia ter continuado no pecado, e ter sido excluído do céu. Mas foi por meio da influência da mãe que o filho foi salvo. Newton tornou-se, depois, um dos mais bem-sucedidos pregadores do evangelho, e cada alma que foi salva por instrumentalidade dele, ao cantar no céu o cântico da misericórdia redentora, irá, por toda eternidade, bendizer a Deus por ter dado a Newton aquela mãe.

Quarta-feira
A Influência da
Primeira Infância

Isso nos mostra que a influência que é exercida sobre a mente, na primeira infância, pode, por muitos anos, ficar aparentemente perdida. Quando um filho sai de casa, e entra num mundo de atividades, são muitas as tentações que o rodeiam. Se ele deixa a sua casa sem ter princípios bem estabelecidos da religião e do domínio próprio, ele irá certamente cair diante dessas tentações. Ele certamente poderá cair, mesmo depois de tudo o que a mãe fez ou poderia ter feito, e pode tornar-se profundamente envolvido em todo tipo de pecado. Mas é possível que, mesmo que este filho tenha aparentemente esquecido de cada lição que aprendeu em casa, a influência das instruções, e especialmente das orações de sua mãe, ainda estejam poderosa e eficazmente trabalhando em seu coração. Ele pensará nas lágrimas da mãe, quando o remorso o mantiver acordado à meia-noite, ou quando o perigo o ameaçar de apossá-lo à censura do tribunal de Deus. Os pensamentos de um lar sagrado irão com frequência lançar amargura em sua taça de prazeres pecaminosos, e o compelir a ansiar pela virtude e pela paz que ele abandonou. Mesmo que esteja bem longe, em lugares infames, degradado e abandonado, este filho irá, ocasionalmente, pensar numa mãe de coração partido. E assim ele pode, depois de muitos anos, talvez muitos anos depois até de ela ter falecido, ser levado, pela lembrança de suas virtudes, a abandonar os seus pecados.

Quinta-feira
Um Exemplo da Força
da Influência Materna

Não muito tempo atrás, um senhor, em uma de nossas grandes cidades, estava indo participar de uma reunião de marinheiros em uma capela da marinha. Bem em frente à capela havia um hotel de marinheiros, na frente do qual estava sentado um marinheiro durão, sofrido pelo tempo, com os braços cruzados, e fumando um cigarro, observando as pessoas que aos poucos se chegavam para a reunião. O senhor se dirigiu a ele e disse: “Então, amigo, vamos para a capela?” “Não!”, disse o marinheiro rispidamente. O homem, que aparentemente estava pronto para uma réplica, parou e respondeu mansamente: “Ao que parece, meu amigo, você é

alguém que já viu dias difíceis; você ainda tem mãe?” O marinheiro ergueu a cabeça, olhou sério para o rosto do homem, e não respondeu nada.

O homem continuou: “Se a sua mãe estivesse aqui agora, que conselho ela lhe daria?” E as lágrimas encheram os olhos daquele pobre marinheiro; ele tentou, por um momento, escondê-las, mas não pôde; e, enxugando-as rapidamente com as costas de sua áspera mão, levantou-se e disse, com uma voz quase inarticulável pela emoção: “Eu vou para a reunião”. Ele cruzou a rua, entrou pelas portas da igreja, e se assentou com a congregação ali reunida.

Não se sabe o que veio a acontecer com aquele homem depois desta ocasião. Mas é quase certo que ele deve ter tido uma mãe que lhe deu uma boa instrução; e quando o desconhecido fez menção a ela, mesmo endurecido como o marinheiro estava, o seu coração se derreteu. Não é de maneira alguma improvável que essa conversa possa ter confrontado esse homem com os seus pecados e o conduzido a Cristo. De qualquer forma, esse episódio revela a força da influência maternal; mostra que anos de afastamento e de pecado não podem apagar do coração a impressão que as instruções e as orações de uma mãe deixaram ali.

Sexta-feira
O Futuro da Mãe
Depende da Criação
dos Filhos

A Responsabilidade e a Felicidade da Mãe

É uma grande aflição ter crianças desobedientes quando elas são pequenas; mas é uma aflição dez vezes maior ver uma criança crescer para a maturidade na desobediência, e tornar-se um homem dissoluto e desregrado. Quantos pais têm passado dias de tristeza e noites sem dormir como consequência da má conduta de seus filhos! Quantos já tiveram seu coração quebrantado, e seus cabelos brancos levados com tristeza à sepultura, somente como consequência de sua própria negligência em treinar os seus filhos na instrução e na admoestação do Senhor! Pense nisso: a sua felicidade futura está nas mãos de seus filhos. Eles podem trazer pesar

a todas as suas expectativas, amargar cada prazer, e torná-lo tão miserável, que a sua única expectativa de alívio será com a morte.

A menininha que você segura agora em seu colo, e que brinca, tão cheia de alegria ao seu redor, entrou num mundo em que as tentações que a cercam são imensas. O que pode capacitá-la a resistir a essas tentações, senão princípios de piedade bem estabelecidos? E de onde ela vai obter esses princípios, senão das instruções e do exemplo da mãe? Se, pela sua negligência presente, ela daqui pra frente ceder à tentação e ao pecado, onde você irá encontrar paz de coração? Ó, mãe! Você não está ciente da impiedade com que a sua amada filha pode, no futuro, vir a devastar o seu coração!

SEMANA 3
Segunda-feira
As Tristezas Causadas
por Filhos Dissolutos

Muitas ilustrações de natureza mais impressionante poderiam ser fornecidas aqui. Seria fácil apelar para um vasto número de sofredores que poderiam atestar da tristeza que o pecado de um filho tem ocasionado. Você pode ir, não apenas em sua imaginação, mas em realidade, para o quarto escuro, onde uma mãe está sentada chorando, e recusando ser confortada, por causa de uma filha que está afastada da virtude e do céu. Ainda assim, ninguém pode imaginar quão devastadora é a agonia que acomete a mãe assim desonrada e quebrantada. Essa é uma tristeza que só pode ser compreendida por alguém que já provou a sua amargura e sentiu o seu peso.

Nós podemos ir para a casa da piedade e da oração, e encontrar ali o pai e a mãe com o semblante abatido pelo sofrimento; nenhum sorriso passa pelos seus rostos, e a fala sofrida deixa transparecer o quão arraigado é o seu pesar. Perguntaríamos a respeito da causa dessa tristeza quebrantadora? A mãe responderia apenas com lágrimas e soluços. O pai iria juntar todas as suas forças e dizer “minha filha”, e mais nada. A angústia do seu espírito não lhe permitiria falar mais nada sobre o seu pesar.

Você pensa que estou exagerando? Não! Deixe que a sua amada filhinha - aquela que agora é o seu maior orgulho e alegria - seja abandonada à

infâmia e mal vista pela sociedade, e então você irá sentir o que a linguagem não pode expressar.

Esse é um assunto assustador; mas é algo que uma mãe precisa sentir e compreender. Há fatos que poderiam ser contados aqui que são suficientes para fazer qualquer pai tremer. Nós poderíamos conduzi-lo à morada do pastor, e mostrar a você como o pecado de sua filha tem devastado sua esposa, lhe empalidecido o rosto, abalado a estrutura, e agonizado o coração de um pai idoso. Nós poderíamos lhe levar à mansão do homem rico, e mostrar toda a elegância e opulência de que ele está cercado; e então ele lhe diria que é um dos mais infelizes filhos da aflição, e que alegremente daria todos os seus tesouros se pudesse comprar de volta a virtude de sua filha; que ele poderia, de bom grado, abrir mão de sua própria vida se pudesse assim apagar a memória da infâmia de sua filha.

Terça-feira

A Mais Encantadora Criancinha pode vir a
ser a Causa da
sua Miséria

Não importa qual seja a sua situação na vida, aquela criancinha, não tão inocente, cujas encantadoras brincadeiras e cujas gargalhadas alegres provocam tanta afeição no seu coração, pode causar a você anos da miséria mais imitigável.

E mãe! Veja aquele bêbado vagante, que tropeça à sua porta. Ouça as horríveis imprecações que fala ao passar, inchado de bebida e com as vestes rasgadas. Esse escândalo ambulante tem uma mãe. Talvez, viúva e na pobreza, ela precise do conforto e do suporte de um filho amoroso. Você tem um filho. Pode acontecer de você, por um infortúnio, logo vir a se encontrar nessa situação. Se seu filho é dissoluto, você será duplamente viúva, infinitamente pior do que se não tivesse filho algum. Você não pode suportar sequer o pensamento de que seu filho possa se tornar um vagabundo como esse, não é? Quão terrível deve ser, então, experimentar essa triste realidade!

Quarta-feira

Um Triste Exemplo

Certa vez, conheci uma mãe que tinha um filho único. Ela o amava profundamente, e não conseguia negar a ele qualquer dos seus desejos. Ele, é claro, logo aprendeu a governar a sua mãe. Quando o pai morreu, a pobre mulher foi deixada à mercê desse vil menino. Ela havia negligenciado o seu dever quando ele era pequeno, e agora as suas paixões desgovernadas haviam se tornado fortes demais para o controle dela. Voluntarioso, turbulento e vingativo ele era a maldição mais amarga de sua mãe. Seus acessos de raiva às vezes beiravam à loucura. Um dia, enfurecido com a mãe, ele tocou fogo na própria casa, que foi totalmente destruída com tudo o que ali havia, deixando a mãe num estado de total pobreza. Ele foi preso como incendiário, e em sua cela, tornou-se um maníaco, se já não o era antes [embora, com treino, até feras possam ser controladas], e em sua loucura acabou por arrancar os próprios olhos. Ele agora está lançado numa escuridão perpétua, confinado por paredes de pedra e pelas grades de sua prisão, um louco enfurecido.

Ah, quão difícil deve ser para uma mãe, depois de toda a sua dor, ansiedade e cuidados, descobrir em seu filho um espírito demoníaco, ao invés de um guardião e amigo! Você tem cuidado de sua criança, por todos os meses de sua frágil infância. Você tem negado a si mesmo, para que possa dar-lhe conforto. Quando o seu filho esteve doente, você desconsiderou o seu próprio cansaço, e a sua própria fraqueza, e passou longas noites vigiando o seu berço, provendo para todas as suas necessidades. Quando ele melhorou e sorriu, você sentiu uma alegria que ninguém senão os pais podem sentir, e você apertou o seu tesouro tão amado em seu peito, orando que os seus futuros anos de obediência e de afeição pudessem ser a sua ampla recompensa. E agora, que recompensa temerosa é ver essa criança crescer para odiar e maltratar você; para lhe deixar sem amigo, na doença e na pobreza; para desperdiçar todos os seus recursos em assombros de iniquidade e degradação.

Quinta-feira
O Caráter do seu
Filho está Agora nas
suas Mãos

Oh, como a sua alegria terrena está completamente à disposição de seus filhos! O caráter deles está, agora, em um sentido importante, em suas mãos, e você pode formá-lo para o bem ou para o mal. Se você for consistente em seu governo, e fiel no cumprimento dos seus deveres, o seu filho irá provavelmente reverenciar você por toda a vida, e ser o seu consolo nos anos de seu declínio. Se, por outro lado, você não consegue reunir resolução para punir o seu filho quando ele é desobediente; se você não frear suas paixões; se você não o trouxe a uma sujeição total e voluntária à sua autoridade; você pode esperar que ele seja a sua maldição. Com toda probabilidade, ele lhe desprezará por sua fraqueza. Desacostumado a ter limites no lar, ele irá romper todos os limites, e lhe desgraçar com sua vida e com a sua morte.

Mas poucos são os pais que pensam nisso como deveriam. Eles não estão conscientes das tremendas consequências que dependem de um governo decisivo e eficiente dos seus filhos. Milhares de pais agora vivem em nosso país como carvalhos destruídos e arruinados por raios e trovões. Milhares tiveram todas as suas esperanças atropeladas, todo prospecto escurecido, e têm se tornado vítimas dos desapontamentos mais agonizantes e humilhantes, somente em consequência da má conduta de seus filhos. E ainda assim, milhares de outros estão indo na mesma direção, prestes a experimentar o mesmo sofrimento, e estão aparentemente inconscientes do perigo.

Sexta-feira
O Dever de Treinar
as Crianças para Deus
e para o Céu

É verdade que existem muitas mães que sentem o peso dessa grande responsabilidade talvez tão profundamente quanto deveriam senti-las. Mas há muitas outras – mesmo entre as mães cristãs – que parecem esquecer que seus filhos estarão cada vez menos sob o seu controle do que estão quando jovens. E elas os estão treinando, pela indecisão e pela indulgência, a cedo tyrannizar os seus pais com um cetro de ferro – e a traspasar os seus corações com muitas tristezas.

Se você for infiel para com seu filho quando ele é criança, ele será infiel a você quando for velho. Se você o indulgir com todos os desejos tolos e irrazoáveis quando ele é criança, quando se tornar um homem ele irá indulgir a si mesmo; ele irá gratificar cada desejo do seu coração; e os seus sofrimentos, mãe, se tornarão ainda mais agudos quando você refletir que foi a sua própria infidelidade que causou a ruína de seu filho. Se você deseja ser a mãe alegre de uma criança alegre, dê a sua atenção, e os seus esforços, e as suas orações, ao grande dever de treiná-la para Deus e para o céu.

Capítulo 2

Autoridade Materna:

A Necessidade da Obediência

SEMANA 4
Segunda-feira
O Princípio da
Importância da Obediência

A Importância da Obediência

Até o momento, eu tenho buscado mostrar à mãe como a sua felicidade depende do caráter bom ou mal de seus filhos. Creio que as suas reflexões próprias têm, sem dúvida, feito com que esse assunto fique marcado profundamente em seu coração. A questão que provavelmente surgiu na sua mente, enquanto você lia o primeiro capítulo, é: “De que maneira eu devo governar os meus filhos, com o fim de assegurar a virtude e a felicidade deles?”. Essa é a questão que eu buscarei responder a partir de agora.

A obediência é absolutamente essencial ao governo familiar apropriado. Sem ela, todos os seus demais esforços serão em vão. Você pode orar *por* e *com* os seus filhos; você pode se esforçar para instruí-los na verdade religiosa; você pode ser incansável em seus esforços para fazê-los felizes, e para conseguir a afeição deles. Mas se eles tiverem o hábito da desobediência, as suas instruções se perderão, e o seu trabalho será em vão. E por obediência, eu não me refiro ao ceder apático e vagaroso à ameaças repetidas, mas à aquiescência imediata e alegre às ordens dos pais. Tampouco é suficiente que a criança venha a ceder a seus argumentos e persuasões. É essencial que ela se submeta à sua autoridade.

Terça-feira
Exemplos e
Consequências da Desobediência

Vou dar-lhes um exemplo para ilustrar essa observação. A sua menininha está doente; você vai levar-lhe o remédio que foi prescrito para ela, e isso ocasiona o seguinte diálogo:

- Olha, filhinha, eu tenho um remédio para você.
- Eu não quero tomar esse remédio, mãe!
- Ô, filhinha, toma o remédio, sim, que ele vai fazer você se sentir melhor.
- Não vai não, mãe; eu não quero isso.
- Vai sim, minha filha; o médico disse que sim.
- Mas ele tem um gosto horrível, e eu não quero tomar!

A mãe continua com suas persuasões, e a criança persiste em sua recusa. Depois de um longo e cansativo conflito, resta à mãe ou jogar o remédio fora, ou recorrer à compulsão, e forçar a criança a engolir o remédio amargo. Assim, ao invés de recorrer à sua autoridade própria suprema, ela está apelando para a razão da criança. E, sob essas circunstâncias, a criança, é claro, recusa-se a submeter-se.

Não muito tempo atrás, outra mãe, sob circunstâncias similares, sem conseguir persuadir a sua criança a tomar o remédio, e sem ter resolução suficiente para compeli-la, jogou o remédio fora. Quando o médico veio visitar, ela ficou com vergonha de admitir sua falta de governo e, portanto, não contou para o médico que o remédio não havia sido dado. O médico, encontrando a criança pior, deixou outra prescrição, supondo que o remédio prévio havia sido administrado apropriadamente. Mas a criança não tinha a menor intenção de ser convencida de que precisava tomar o remédio que tinha gosto amargo, e os esforços renovados da mãe foram inúteis.

Mais uma vez, essa mãe, afetuosa e imprudente, mas cruel, jogou fora o remédio, e a febre veio a arder cada vez mais alta no corpo da criança. Mais uma vez o médico retornou, e ficou surpreso em constatar que seus remédios foram ineficazes, e que a pobre criança sofredora estava à beira da morte. A mãe, quando foi informada de que a criança estava para morrer, em sua agonia, confessou o que havia feito. Mas era tarde demais. A criança faleceu.

E você acha que essa mãe olhou para aquele corpinho pálido com uma agonia normal? Você acha que nunca passou pela sua mente que foi ela quem destruiu a sua criança? Os médicos lhe dirão quantas crianças já perderam suas vidas assim.* Estando desacostumadas à obediência quando estavam com saúde, elas se tornaram ainda mais avessas a ela quando doentes. Os esforços que são feitos para induzir uma criança teimosa a tomar remédio, frequentemente produzem uma agitação tão grande e capaz até mesmo de desfazer totalmente os efeitos do remédio; e assim a mãe é com frequência deixada a chorar sobre a sepultura de seu filho, simplesmente porque ela não ensinou aquela criança a obedecer.

Quarta-feira
O Dilema:
Explicar ou Obrigar?

Sem dúvida, é dever dos pais convencer os seus filhos da razoabilidade e da propriedade de seus requerimentos. Isso deve ser feito para instruí-los, e para familiarizá-los com a obrigação moral. Mas sempre deve haver autoridade suficiente para impor obediência imediata, quer a criança possa ou não ver a razão do requerimento.

De fato, é impossível governar uma criança por mero argumento. Haverá muitos casos em que ela será incapaz de ver a razoabilidade da ordem; e com frequência, os seus desejos serão tão fortemente opostos ao dever, que todos os esforços para convencê-la serão em vão.

A primeira coisa, portanto, a ser buscada, é trazer sua criança à perfeita submissão. Ensine-a que ela precisa lhe obedecer. Algumas vezes, dê as suas razões; outras vezes, não. Mas que ela entenda perfeitamente que deve fazer o que for ordenado a ela. Acostume-a a aquiescer à sua vontade imediatamente e de bom grado. Isso é obediência. E isso é absolutamente essencial ao bom governo familiar. Sem isso, a sua família irá apresentar cenas contínuas de barulho e confusão; o trabalho de criar os seus filhos será quase insuportável, e, com toda probabilidade, o seu coração será partido pela futura licenciosidade e ingratidão deles.

Quinta-feira
Nem Sempre é

Melhor Dar as Razões
às Crianças

Para ilustrar mais completamente o que eu quero dizer com esse ponto de que nem sempre é melhor dar razões às crianças, permitam-me supor um caso. Um menino chega à sua mãe para pedir permissão para ir brincar na rua, de tarde:

– Não, meu filho – diz a mãe – eu preferiria que você não fosse. Aqueles meninos da rua são ruins, e você vai aprender maus hábitos. Eu prefiro que você fique em casa.

– Mas, mãe, eu não acho que eles sejam meninos ruins. O Guilherme e o João estão lá, e eu não vejo por que eu não poderia ir.

– Porque eles falam palavrão, e são mal-educados. Além disso, está frio, e não seria saudável para você sair agora. Eu acho que você ficará muito mais feliz se ficar em casa conosco.

– Então, mãe, se eles falarem palavrão, eu volto pra casa. É que eles vão brincar o jogo que eu mais gosto, e eu queria tanto ir...

Assim, surge uma discussão prolongada que provavelmente terminará com a vitória do menino. A mãe não percebe que todos os seus argumentos são completamente anulados pelo forte desejo do menino de gratificar a sua vontade, desejo este que o intoxica completamente. É perfeitamente vão, num momento desses, tentar convencê-lo. Ele está totalmente cego.

Sexta-feira
Um Caminho Melhor

Tomando o exemplo que acabamos de supor, o único caminho apropriado é a mãe dizer com mansidão, mas com firmeza:

– Não, meu filho, você não pode ir.

– Porque não, mãe? Eu quero ir.

– Eu não posso lhe dizer o porquê no momento. Eu vou conversar sobre isso com você outra hora.

Então a mãe deve esperar até que o filho tenha passado uma tarde brincando alegremente em casa, e logo antes dele ir dormir, quando a consciência dele está em paz, e a sua mente predisposta em favor do dever e

da felicidade doméstica, ela então pode falar para ele a razão por que ela o mantém longe da rua e das cenas barulhentas e vergonhosas de tentação e de pecado que acontecem ali.

Que todos os pedidos como estes – por gratificações pecaminosas ou perigosas – sempre sejam decididos por autoridade, e não por persuasão; a menos, como foi sugerido acima, que você queira deixar o seu filho decidir por si mesmo, a fim de que ele aprenda a sabedoria pela experiência. Isso, contudo, deve ser feito muito raramente, e com muito cuidado; ou você irá descobrir que enquanto você estava querendo que ele ficasse enojado com os males do pecado, você acabou fazendo com que ele ficasse familiarizado com o pecado, endurecendo a sua consciência com relação à culpa.

SEMANA 5

Segunda-feira

Estabelecer a

Obediência Não é tão Difícil Quanto Muitos Imaginam

Estabelecendo o Hábito da Obediência

Passamos, agora, a inquirir: como é que esse hábito da obediência pode ser estabelecido? Esse assunto não é tão difícil quanto muitos imaginam. Ele não requer um estudo profundo, ou uma habilidade misteriosa, coisas que poucos possuem. Onde você encontra as famílias mais bem reguladas? Nas casas dos ricos? Seriam os filhos das pessoas famosas aqueles que nos dão os melhores exemplos a serem imitados? É óbvio que não. São em muitos cenários mais humildes que encontramos as exibições mais belas de famílias ordenadas e bem reguladas. Por outro lado, nas mansões dos homens mais ricos e eminentes do nosso país, encontramos frequentemente famílias de meninas bravas e de meninos descontrolados e as cenas mais selvagens de desordem. Não é a grandiosidade do talento ou uma erudição profunda que são os requisitos para se ensinar obediência à criança. Os princípios pelos quais devemos ser guiados são muito simples e óbvios.

Terça-feira

O Princípio Básico

para Ensinar a

Obediência

Nunca dê uma ordem que você não tem a intenção de que seja obedecida . Não existe uma maneira mais efetiva de ensinar a desobediência à criança do que dando a ela ordens que você não tem a intenção de fazer cumprir. A criança é, dessa maneira, habituada a desdenhar da sua mãe; e em um curto tempo, o hábito se torna tão forte, e o descaso que a criança sente pela mãe é tão confirmado, que as súplicas e ameaças da mãe são semelhantemente ignoradas.

– Maria, não mexa nesse livro! – diz uma mãe à sua menininha, que está tentando puxar a Bíblia da mesa.

A menina para por um instante, e então tenta pegar o livro novamente. Logo, a mãe repara que Maria continua mexendo com a Bíblia.

– Você não me ouviu dizer para não tocar nesse livro? – ela exclama – Por que você não obedece?

Maria tira novamente a sua mão por um tempo, mas logo é encontrada a se divertir com o livro proibido. Até que uma hora, a Bíblia cai no chão. A mãe dá um pulo, bate raivosamente na criança, e exclama:

– É isso mesmo, da próxima vez você me obedece!

A criança grita, e a mãe guarda a Bíblia, dizendo:

– Eu não entendo por quê essa menina não me obedece direito!

Essa não é uma cena familiar muito interessante, mas cada um dos meus leitores irá admitir que ela não é incomum. E é de se estranhar que uma criança tratada dessa maneira seja desobediente? Não. Ela está, na verdade, sendo guiada pela sua própria mãe à insubordinação. Ela está, de fato, sendo ensinada a fazer pouco caso das ordens da mãe. Mesmo a punição imprópria que às vezes se segue à transgressão não é infligida em virtude da sua desobediência, mas das consequências acidentais. No caso descrito acima, se a Bíblia não tivesse caído, a desobediência da criança teria passado sem castigo. Ó, que este seja um princípio imutável no governo familiar: que a sua palavra é lei.

Quarta-feira
Ensinando a
Desobediência

Uma vez, quando eu passeava no campo, fui surpreendido por um temporal e fui compelido a buscar abrigo numa casa, em uma fazenda. Uns seis meninos malcriados e incontroláveis estavam correndo pela sala, fazendo uma bagunça que não permitia que eu conversasse com o pai deles, que estava sentado em frente à lareira. Vendo que eu estava tentando falar alguma coisa, o pai gritou:

– Parem com esse barulho, meninos!

Eles não deram mais atenção a ele do que à chuva. Logo, de novo, o pai exclamou, com uma voz irritada:

– Meninos, se aquietem ou vocês vão apanhar; eu estou dizendo que vão mesmo!

Mas os meninos, já acostumados com tais ameaças, gritavam e discutiam sem parar.

Finalmente, o pai disse para mim:

– Eu acho que eu tenho os piores meninos da cidade; eles nunca me ouvem!

A verdade era que aqueles meninos tinham o pior pai da cidade. Ele lhes estava ensinando a desobediência da maneira mais direta e eficiente que podia. Ele estava dando ordens que não tencionava fazer cumprir, e eles sabiam disso. Esse, sem dúvida, é um caso extremo, mas é na proporção exata em que qualquer dos pais permite que a sua autoridade seja desprezada, que ele se expõe ao desdém de seus filhos, e realmente os ensina lições de desobediência.

Quinta-feira
A Solução Aplicada

Existe alguma dificuldade em obrigar a obediência a qualquer mandamento definido? Tomem o exemplo da criança brincando com a Bíblia. Uma mãe mansa e prudente diz, distinta e decididamente, para a sua filha:

– Minha filha, este é um livro importante e você não deve tocar nele.

A criança hesita por um momento, mas cedendo a uma forte tentação, volta a mexer no livro proibido. A mãe imediatamente se levanta, toma a

criança e a carrega até o seu quarto. Ela se senta e lhe diz calmamente:

– Maria, eu lhe disse para não mexer com a Bíblia, e você me desobedeceu. Eu fico muito triste, mas eu precisarei castigá-la.

Maria começa a chorar, e a prometer que não irá fazer isso novamente.

– Mas Maria – diz a mãe – você me desobedeceu, e precisa ser punida.

Maria continua a chorar, mas a mãe, séria e calmamente, a pune. Ela inflige uma dor real – uma dor que será lembrada. Então, ela diz:

– Maria, a mamãe fica muito triste de ter que lhe castigar. Ela ama a sua filhinha, e quer que ela se torne uma boa menina.

A mãe, então, talvez a deixe sozinha por alguns minutos. Um pouco de solidão irá aprofundar a impressão deixada.

Em cinco ou dez minutos, ela retorna, pega Maria no colo, e diz:

– Minha querida, você está arrependida por ter desobedecido a mamãe?

Quase qualquer criança iria dizer:

– Estou!

– Você vai cuidar para não me desobedecer de novo?

– Vou sim, mamãe.

– Então, Maria, eu lhe perdoo, até onde eu posso; mas Deus está triste, pois você O desobedeceu assim como a mim. Você quer que eu peça a Deus para lhe perdoar?

– Quero, mãe – responde a criança.

A mãe, então, se ajoelha com a sua filha, e faz uma oração simples pedindo a Deus pelo perdão e pelo retorno da paz e da alegria. Ela, então, a conduz para fora, mansa e subjugada. À noite, logo antes da hora de dormir, a mãe calma e carinhosamente a relembra de sua desobediência, e a aconselha a pedir o perdão de Deus novamente. Maria, numa simplicidade infantil, confessa a Deus o que fez, e pede que Ele lhe perdoe, e que cuide dela durante a noite.

Quando a criança acordar, na manhã seguinte, você não acha que as suas afeições estarão mais fortemente fixadas em sua mãe, em consequência da disciplina do dia anterior? Ao brincar pela sala, você acha provável que ela irá esquecer a lição que foi ensinada, e novamente irá estender a mão para

mexer num objeto proibido? Aquele ato de disciplina tende a estabelecer um princípio geral na mente da criança, que será de operação permanente, estendendo a sua influência para cada ordem, e promovendo a autoridade geral da mãe e a sujeição da criança.

Sexta-feira
A Primeira Objeção:
Falta de Tempo

Objecções Comuns

Falta de Tempo

Eu sei que algumas mães dizem que elas não têm tempo para prestar tanta atenção aos seus filhos. Mas o fato é que nem um terço do tempo é requerido para cuidar de uma família ordenada quanto é necessário para dar conta de uma desordenada. Ser fiel no governo de sua casa é a única maneira de remir o tempo. Você tem tempo sobrando para ser distraída e perturbada pela desobediência contínua? Você tem condições de ter a sua atenção desviada, a todo instante, dos afazeres com que está ocupada, por causa das traquinagens de suas crianças voluntariosas?

Veja a mãe que está rodeada por uma família de crianças que estão habituadas a fazer o que querem. Ela está bem ocupada, eu suponho, costurando uma roupa, que precisa ser imediatamente acabada. Toda hora ela precisa parar o que está fazendo para ver o que as crianças estão aprontando. O Samuel está subindo na mesa. A Jane está mexendo com as panelas, e o João está galopando pela sala sobre uma vassoura. A mãe, quase surda com o barulho, fica imaginando por que os seus filhos dão muito mais trabalho que os das outras famílias.

– Jane, não mexa com as panelas! – Ela exclama.

Jane corre por um instante, corre atrás do Charles pela sala e volta a aprontar com as panelas.

– Charles, guarda esse ancinho!

Mas o menino não presta atenção nenhuma ao que a mãe mandou.

A mãe, percebendo logo que ele está estragando o carpete e arranhando os móveis, se levanta, sacode o Charles, e põe o ancinho no lugar próprio;

mas quando ela finalmente consegue se sentar e voltar à sua tarefa, Charles está montado na vassoura, e “voando” o mais rápido que pode.

Eu não preciso continuar com esta descrição. Mas todos sabem que ela não é exagerada. Cenas assim ocorrem com frequência. Milhares de espíritos imortais são treinados para esta vida e para a eternidade em meio a essa turbulência, anarquia e barulho. E agora esta mãe me diz que ela não tem tempo para trazer os seus filhos à sujeição. Ao passo que, se ela tivesse sido fiel com cada criança individual, ela teria se livrado de uma perda de tempo e de um trabalho imensos.

SEMANA 6

Segunda-feira

A Primeira Objeção Solucionada

Vamos supor o caso de outra mãe, que tem o mesmo trabalho a fazer. Ela ensinou os seus filhos a obedecerem, imediata e implicitamente. Ela dá a três deles talvez alguns blocos, em um canto da sala, e lhes diz que eles podem brincar de “construir casinhas”, mas que eles não devem fazer barulho, e que não devem interrompê-la, pois ela precisa trabalhar. Os outros três, ela coloca no outro lado da sala, com um quadro negro e giz, e lhes diz que podem brincar de “desenhar figuras”. As crianças, acostumadas a esses programas ordenados, se ocupam bem quietas e alegres por quase uma hora. A mãe prossegue sem interrupções em seu trabalho. Ocasionalmente, ela levanta os olhos e dá uma palavra de elogio a seus filhos, quando nota os pequenos arquitetos num canto, e quando repara nos desenhos feitos sobre o quadro, mostrando assim a seus filhos que ela está participando com eles, e que está interessada nos seus divertimentos. As crianças estão satisfeitas e alegres. A mãe continua trabalhando sem interrupção.

Ela não deixa que eles continuem em suas distrações até que fiquem cansados delas. Mas depois de estarem brincando por quase uma hora, ela diz:

– Venham, meus filhos, vocês já brincaram bastante; vocês podem agora recolher todos os seus blocos e guardá-los na gaveta.

– Ô, mãe – diz Maria – eu posso brincar só mais um pouco, porque eu estou terminando de montar a minha casa...

– Tudo bem, você pode terminá-la – diz a mãe sensata e bondosa – mas me avise assim que terminar.

Em poucos minutos, Maria diz:

– Pronto, mãe, olha só o tamanho dessa casa que eu construí!

A mãe olha para a casinha, acrescenta uma palavra agradável de encorajamento, e então lhes manda guardar os blocos no lugar devido. Ela manda as crianças com o quadro que o pendurem e guardem o seu giz, para que, no dia seguinte, quando precisarem do giz e dos blocos novamente, não haja perda de tempo procurando por eles.

Agora me digam, qual das mães tem mais tempo? E qual das mães tem um tempo mais alegre? E qual das mães terá maior conforto no caráter e nas afeições futuras dos seus filhos?

Terça-feira

Segunda Objeção: É Quase Impossível Ver Crianças Obedientes

A Raridade de Crianças Obedientes

Talvez alguém dirá: Você pintou uma cena bonita, mas onde a encontraremos na realidade? É de lamentar que essas cenas sejam difíceis de serem encontradas. Mas é longe de ser verdade que elas não aconteçam. Existem muitas famílias assim, de pais contentes e de crianças amorosas. E essas famílias não se confinam aos ricos e estudados. Não se requer riqueza, nem aprendizado extensivo para se educar famílias assim. O princípio de governo é simples e claro. Começa-se impondo obediência a cada ordem. E executa-se estabelecendo o princípio de que a palavra dos pais nunca pode ser desprezada. Todo pai sensato irá, sem dúvida, tentar agradar os seus filhos em seus desejos razoáveis. Ele irá se esforçar para tentar fazê-los felizes; mas ele nunca irá permitir que seus filhos gratifiquem a si mesmo em contradição à sua vontade.

Para ilustrar isso, voltemos às crianças brincando com os blocos. A Maria pede permissão para brincar por mais alguns instantes, até que ela possa terminar a sua casa. A mãe, desejosa de fazer os seus filhos contentes,

concede esse desejo razoável. Aqui está uma indulgência judiciosa. Mas suponha novamente que as crianças tenham continuado a brincar sem prestar atenção na ordem da mãe. Talvez elas pretendessem agora fazer uma torre e continuar brincando até que usassem todos os seus blocos para montar a torre. Aqui está um ato de desobediência direta. As crianças estão consultando a sua própria inclinação, ao invés dos mandamentos da sua mãe. Uma mãe sábia não irá permitir que tal ato passe despercebido ou sem ser punido. Ela pode talvez decidir, considerando as circunstâncias do caso, que uma reprimenda séria seja tudo o que é necessário. Mas ela não irá falhar em usar essa ocasião para inculcar em suas mentes uma lição de obediência.

Quarta-feira
Terceira Objeção:
Excesso de
Rigorosidade

Excesso de Rigorosidade

É possível, ainda, alguém objetar dizendo que, por notar coisinhas assim tão pequenas, a mãe estará sendo rigorosa demais, sempre achando problemas nos filhos. Mas não é coisa pequena para uma criança o desobedecer uma ordem de sua mãe. Este *um* ato de desprezar a autoridade prepara o caminho para o próximo. É o início do mal que deve ser resistido. As primeiras manifestações de insubordinação devem ser repreendidas.

Sem dúvida, ocorrerão casos de faltas mínimas, que pais sábios poderão julgar mais apropriado deixar passar. Com frequência, as crianças serão descuidadas e inadvertidas. Elas ocasionalmente podem agir com má-educação, sem qualquer intenção real de fazer o mal. E aqui é necessário discernimento para decidir quais coisas devem ser ignoradas; mas nós podemos estar certos, eu penso, de que a desobediência direta e aberta não é, em caso algum, para ser classificada como uma dessas faltas menos significativas. O comer de uma fruta expulsou os nossos primeiros pais do paraíso. A atrocidade da ofensa consistiu na sua desobediência a um mandamento divino.

Quinta-feira
Quarta Objeção:
Falta de Poder para
Impor a Obediência

Falta de Autoridade

Agora, toda mãe tem o poder de obter obediência imediata se ela começar a exigir isso de seus filhos quando eles são pequenos. Eles estão, nesta idade, totalmente em suas mãos. Todos os seus prazeres estão à disposição da mãe. Deus deu a ela todo o poder que ela precisa para governá-los e guiá-los como achar melhor.

Nós temos buscado mostrar, pelas ilustrações precedentes, que o princípio fundamental do governo é: quando você der uma ordem, invariavelmente imponha a sua obediência. E Deus tem dado a cada mãe o poder de fazer isso. Ele colocou em suas mãos um bebê indefeso, totalmente dependente de você; de modo que, se ele lhe desobedece, tudo o que você precisa fazer é cortar as fontes dos seus prazeres, ou infligir alguma dor corporal, de uma maneira tão consistente e invariável que a desobediência e o sofrimento venham a ser indissolavelmente associados na mente da criança. Que poder maior um pai ou uma mãe pode querer do que o que Deus já lhe deu? E se nós falharmos em usar esse poder para os propósitos para o qual ele nos foi dado, o pecado é nosso, e as suas consequências cairão sobre nós e sobre os nossos filhos.

Sexta-feira
Quinta Objeção:
O Exercício da
Disciplina é Doloroso
para os Pais

Sentimentos e Conveniência Momentâneos

O exercício da disciplina será frequentemente doloroso, mas se você se esquivar do dever aqui, estará se expondo a todo aquele trem de “ais” que as crianças desobedientes vão puxando atrás delas. Se você não consegue reunir resolução suficiente para privá-las dos seus prazeres e infligir a dor

quando for necessário, então você irá sentir que um coração quebrantado e uma velhice de tristeza não serão imerecidos.

E quando você olhar para os seus filhos dissolutos e para as suas filhas ingratas, há de se lembrar de que houve um tempo em que você poderia ter freado as suas tendências más. Se você ama a conveniência momentânea mais do que o bem-estar de suas crianças e do que a sua própria alegria permanente, você não pode murmurar diante do destino que você livremente escolheu.

E quando você se reencontrar com os seus filhos diante do tribunal de Deus, e eles apontarem para você e lhe disserem: “Foi pela negligência do seu dever que nós estamos banidos do céu, e condenados ao lamento eterno!”, você então sentirá o que nenhuma língua pode expressar. Ah! É aterrorizante para uma mãe brincar com o seu dever. Destinos eternos estão confiados a ela. A influência que você está exercendo agora continuará, sem poder ser freada pela sepultura ou pelo juízo, e se estenderá por aquelas eras que não terão fim.

Capítulo 3

Autoridade Materna: Problemas e Disciplina

SEMANA 7
Segunda-feira
Encarando
o Confronto

Lidando com Situações de Confronto
e com Diferenças de Disposição

Em se tratando do assunto da obediência, eu gostaria de levantar alguns pontos e oferecer algumas sugestões importantes:

Em primeiro lugar, há uma variedade muito grande nas disposições naturais das crianças. Algumas são muito dóceis em seus sentimentos, e são governadas facilmente pelo amor. Outras são independentes e cheias de vontade própria. Às vezes, uma criança tem os seus ânimos exaltados e a sua vontade tão determinada, que não pode ser subjugada senão por um esforço muito grande.

Quase qualquer mãe fiel está acostumada com tais confrontos, e ela sabe que estes, com frequência, formam uma crise no caráter da criança. Se a criança obtém a vitória em um embate, é quase impossível para a mãe, futuramente, reconquistar a sua autoridade. A criança sente que foi vitoriosa, e que a sua mãe foi derrotada; e é com muita dificuldade que ela será compelida a renunciar à sua independência.

Se, por outro lado, a mãe conquista, e a criança é subjugada, esta sente que a questão está estabelecida e ela terá pouca disposição para se levantar contra alguém que provou ser seu superior. Tenho conhecido muitos desses embates, severos e prolongados, que são muito dolorosos para os sentimentos dos pais. Mas, da feita que se iniciou, devem ser continuados

até que a criança seja subjugada. Não é seguro, de maneira alguma, que os pais se rendam e se retirem derrotados.

Terça-feira
Exemplo de
uma Situação de Confronto

Vou dar um exemplo de tal embate ocorrido alguns anos atrás. Um senhor, sentado na sua sala de estar, com sua família ao redor, tomou o livro do alfabeto das crianças e chamou um de seus filhinhos para vir e ler. João tinha uns quatro anos de idade. Ele sabia todas as letras do alfabeto perfeitamente, mas aconteceu que naquele momento ele estava mal-humorado, e sem a mínima disposição de agradar ao seu pai. Muito relutantemente ele veio, como foi mandado, mas quando o pai apontou para a primeira letra do alfabeto, e disse:

– Que letra é essa, João?

Ele não obteve resposta. João só olhava para o livro, emburrado e calado.

– Meu filho – disse o pai de uma maneira bem carinhosa – você conhece a letra A.

– Eu não consigo dizer “A” – disse o João.

– Você consegue dizer, sim – disse o pai num tom sério e decidido. – Que letra é essa?

João recusou-se a responder. Agora, o embate já tinha começado. João estava obstinado e determinado que não iria ler. O seu pai sabia que seria uma ruína para o seu filho deixar que ele vencesse o confronto. O pai sentiu que deveria, por mais difícil que fosse, subjugá-lo. Ele o levou para outro quarto e o disciplinou. Então retornaram, e o pai novamente mostrou a letra pro João. Mas o João ainda se recusava a dizer o nome. O pai novamente se retirou com o seu filho, e lhe disciplinou mais severamente. Mas foi sem proveito nenhum, pois a criança mesmo assim se recusou a dizer o nome da letra, e quando lhe diziam que aquela era a letra “A”, ele declarava que não podia dizer “A”. Mais uma vez, o pai infligiu a punição que ousava dar, mas ainda assim, a criança, toda agitada em si, se recusava a ceder.

O pai estava sofrendo da mais intensa preocupação. Ele se arrependeu muito de ter sido levado a tal confronto. Ele já havia punido o seu filho com

uma severidade que ele temia exceder. E mesmo assim, o sofredor voluntarioso ficava diante dele, aos prantos e tremendo, mas aparentemente como uma rocha que não queria ceder. Eu lembro de ter ouvido várias vezes aquele pai mencionar a agonia que ele sentiu naquele momento. O seu coração estava sangrando com a dor que ele tinha sido compelido a infligir sobre o seu filho. Ele sabia que naquele momento a questão de quem iria ser a autoridade final estava sendo decidida. E porque o seu filho havia resistido tão fortemente e por tanto tempo, o pai temia grandemente o resultado.

Quarta-feira

O Fim Vitorioso do Confronto

A mãe, sentada, assistia tudo aquilo sofrendo ainda mais intensamente, sem dúvida, mas perfeitamente satisfeita em saber que era o dever dos pais subjugar a sua criança, e que numa hora tão crucial, os sentimentos de mãe não deveriam interferir. Com um coração pesado, o pai, mais uma vez, tomou o seu filho pela mão para conduzi-lo para mais uma punição. Contudo, para a sua inimaginável alegria, a criança se esquivou de resistir a maiores castigos, e chorou:

– Pai, eu vou dizer a letra.

O pai, com sentimentos indescritíveis, tomou o livro e apontou para a letra.

– “A” – disse João, distinta e perfeitamente.

– E que letra é essa? – disse o pai, apontando para a próxima letra.

– “B” – disse o João.

– E qual é essa?

– “C” – ele continuou.

– E esta? – apontando novamente para a primeira letra.

– “A” – disse a criança, com atitude bem humilde.

– Agora leve o livro para a sua mãe, e diga pra ela que letra é essa.

– Que letra é essa, meu filho?

– “A” – disse o João.

Era evidente que ele estava perfeitamente submisso. As outras crianças estavam assentadas ali. Elas haviam assistido a batalha e tinham visto de quem era a vitória. E o João aprendeu uma lição que nunca esqueceu: que o braço do seu pai era forte demais para ele. Ele aprendeu que o caminho mais seguro e feliz para ele era obedecer. Ele aprendeu a nunca mais lutar batalhas desiguais como esta.

Quinta-feira
Uma Objeção:
“Isso é Crueldade!”

Mas é possível que alguém me diga que foi crueldade punir a criança daquela maneira. Crueldade? Foi misericórdia e amor. Teria, sim, sido cruel, se o pai, naquela hora, tivesse sido infiel, e se esquivado do seu dever doloroso. Os ímpetos maus que ele estava, ali, com muito auto-sacrifício, lutando para subjugar, se deixados sem controle, iriam, com toda probabilidade, fazer de seu filho um vexame para a sociedade.

Não é de maneira alguma improvável que das decisões tomadas naquela hora dependiam o caráter e a alegria daquela criança por toda a sua vida, e mesmo para a eternidade. Não é improvável que, se o menino tivesse vencido ali, todos os esforços futuros para subjugá-lo teriam sido em vão, e que ele viria a quebrar todos os limites, ser infeliz nessa vida, e encontrar-se perdido por toda a eternidade. Crueldade? O Senhor preserve as crianças da “bondade e misericórdia” daqueles que chamam de crueldade um amor tão abnegado.

Sexta-feira
Evitando Confrontos

É sempre melhor, se possível, evitar tais colisões. Muitas crianças são ensinadas a obediência implícita, sem jamais ter de entrar em tais combates com os seus pais. E é certamente melhor governar uma criança pelo procedimento brando da disciplina ordinária, do que adentrar nesses confrontos tão difíceis, nos quais com frequência se requer a maior severidade. A sabedoria, portanto, nos ensina a fazermos o possível para

não dar à criança uma oportunidade de convocar todas as suas energias para desobedecer.

Há ocasiões peculiares, e disposições mentais peculiares, que geralmente provocam esse sentimento forte de rebeldia. Um pouco de previsão pode frequentemente nos capacitar a, sem render a nossa autoridade, acalmar o furor que se levanta, ao invés de incitá-lo à sua mais alta força. Nós podemos, às vezes, por uma administração sábia, deter a rebelião logo que ela se manifeste, antes que ganhe força suficiente para exigir que ajuntemos todos os nossos poderes para acabar com ela.

SEMANA 8
Segunda-feira
Exemplo de Como
Evitar o Confronto

Como uma ilustração, vamos supor que o Tiago e a Maria estejam brincando juntos à noite, e o Tiago fica com raiva e bate na sua irmã. Ele faz isso sem motivo nenhum, e precisa ser punido, e pedir perdão para a sua irmã. Mas a mãe percebe que durante o dia todo, Tiago esteve com uma disposição muito desagradável. Ele passou o dia irritado e chateado. Ela vê que agora ele está agitado e com raiva. Todo pai sabe que essas variações de sentimentos não são incomuns. Um dia, a criança está doce e carinhosa; no dia seguinte, tudo parece estar errado; coisinhas pequenas agravam esta situação, e toda a sua disposição parece estar amargurada.

A mãe percebe que o filho está nesse mau humor. Mas ele errou, e precisa pedir o perdão de sua irmã. Ela sabe que, nesse estado mental esquivo e desagradável, ele será fortemente tentado a resistir à sua autoridade. Estando ele tão irritado sem motivo, seria um dos mais difíceis atos de submissão para ele ter de pedir perdão à sua irmã. Se a mãe lhe mandar fazer isso, a tentação para recusar será tão grande que, com toda a probabilidade, ele vai desobedecer. E então ela terá que castigá-lo. E aqui vem o confronto que, se for iniciado, deve ser continuado até que a criança obedeça. Agora, como é que tal batalha pode ser evitada? Deixando para lá o que aconteceu? Certamente que não. A mãe se levanta, toma o Tiago pela mão, e diz:

– Meu filho, você fez uma coisa muito ruim; você está mal-humorado, e não deve mais ficar na nossa companhia; eu vou lhe colocar para dormir.

Ela, portanto, o conduz para o seu quarto.

Logo antes de deixá-lo sozinho, ela lhe diz num tom bondoso, mas triste, como ela está desapontada, e como Deus, mais ainda, está entristecido pela sua conduta. Como de costume, ela ouve a sua oração, ou se ajoelha ao lado da cama dele, e ora para que Deus o perdoe. Ela, então, o deixa sozinho para refletir e para dormir.

Assim, ele é punido pela sua falta. E enquanto ele fica deitado na sua cama, e ouve os seus irmãos e irmãs brincando alegres lá embaixo, ele sente como é melhor e mais sábio ser um menino comportado. Pela manhã, ele acorda. A noite deu repouso aos seus sentimentos excitados. Ele pensa em como a sua má conduta do dia anterior o deixou infeliz, e resolve ter mais cuidado daqui para a frente. Todos aqueles sentimentos rebeldes são dominados pela influência calmante do sono. As suas paixões não estão agitadas. A mãe pode agora tratar com a sua mente sem qualquer medo de ter um embate com uma vontade determinada e teimosa.

Quando as crianças descem para tomar café, pela manhã, ela chama o Tiago e a Maria para virem ter com ela. Tomando a mão de cada um, ela diz mansamente:

– Meu filho, você deixou todos nós tristes ontem à noite quando você bateu na sua irmã; eu espero que você esteja arrependido pelo que fez.

– Eu estou, sim, mãe – diz Tiago, sendo agora levado facilmente aos sentimentos de penitência e de submissão, aos quais, durante os momentos de irritação e agitação, ele não poderia, a não ser com grande dificuldade, ter sido levado. Assim, por um tratamento sábio, o objeto desejado é obtido, e perfeitamente obtido, enquanto o combate é evitado. A falta não é ignorada, e o Tiago está subjugado.

Porém, se a mãe, sem considerar o estado sentimental peculiar da criança, tivesse mandado que ele fosse, imediatamente, pedir perdão para sua irmã, isso teria levado, com toda a probabilidade, a uma cena que seria dolorosa tanto para a mãe como para o filho. E o efeito final da disciplina teria sido, talvez, menos benéfico sobre a mente da criança.

Terça-feira
Quando Não é
Possível Evitar o Confronto

Mas ocorrerão casos em que não será possível evitar o confronto. Quando tal emergência surge, é dever dos pais enfrentá-la resoluta e ousadamente. Se, por um falso sentimentalismo, você acaba se esquivando, você está brincando com a responsabilidade sagrada que Deus confiou a você. É bondade uma mãe deixar a criança morrer, ao invés de compeli-la a tomar o remédio amargo que lhe restaurará a saúde e a força? E será bondade deixar essas paixões descontroladas conquistarem a sua criança, as quais, se deixadas impunes, serão para o tempo presente e para a eternidade, uma devastação para ela? Se existe alguma crueldade no mundo que seja, de fato, tão terrível, é a crueldade de pais infiéis e indulgentes.

Devemos entender particularmente, contudo, que tudo o que queremos enfatizar aqui é a firmeza na realização dos deveres dos pais naqueles casos onde estas colisões entre pais e filhos são inevitáveis. Elas podem, contudo, na maioria dos casos, ser evitadas. Se, por exemplo, a criança lhe desobedece, você pode simplesmente puni-la pelo ato de desobediência, e parar por aí, deixando de lado o final dificultoso.

Não é sempre necessário que você, todas as vezes, requeira que a coisa que você ordenou inicialmente seja feita. Você manda a menininha dar um livro para a sua irmã. Ela se recusa. Você pode, então, tomar dois caminhos distintos para manter a sua autoridade que foi violada. Você pode ir e levar o livro você mesma e entregá-lo para a irmã, e então infligir um castigo sobre o desobediente, conforme a ofensa merece. Ou, você pode insistir na obediência; e para obrigá-la, entrar num confronto que pode ser longo e doloroso. Agora, seja qual for desses planos que você adotar, seja firme e decidida na sua execução. O primeiro curso é, contudo, em quase todos os casos, o mais sábio e o melhor.

Quarta-feira
Considerando
Sentimentos

Nas considerações acima, tivemos aludindo às variações de sentimentos às quais a criança está sujeita. Ninguém que tenha tido qualquer contato com a educação pode ter deixado de observar isso. Quase todo indivíduo é consciente de momentos quando ele parece estar afligido com um tipo de sensibilidade mórbida. Nossos espíritos frequentemente se levantam e caem conforme a saúde do corpo; e de fato, uma pessoa tem alcançado uma grande vitória sobre o seu corpo, e um grande triunfo mental quando ela consegue, invariavelmente, preservar o mesmo espírito calmo e alegre, sem ser perturbado pelos cuidados que a assediam, ou pelas irritações de uma constituição doente. O sistema nervoso de alguns indivíduos é construído tão delicadamente que um vento ocidental, ou um dia úmido, podem perturbar completamente a sua mente. Quando nós vemos alguns dos mais sábios e melhores homens oprimidos com tais fraquezas, nós devemos aprender a ter paciência e simpatia com as crianças.

Em tais momentos, uma mãe sábia, sabendo que a irritabilidade é uma fraqueza tanto mental como corporal, irá fazer o que pode para amansar e aquietar. Ela irá evitar qualquer coisa que tenda a agitar os sentimentos e irá se esforçar, por uma recreação tranquila ou pelo repouso, fazer adormecer esses sentimentos. Por esse método, ela irá livrar a criança de muita infelicidade, e irá promover uma disposição doce e amável.

É provável que muitas crianças tenham tido os seus sentimentos permanentemente amargurados por uma completa desconsideração dessas variações mentais. A disposição de uma criança é de uma textura muito delicada para ser manuseada pelo punho rude e descuidado. Os seus sentimentos carinhosos e gentis devem ser cultivados pela simpatia e pelo amor maternos. E nós devemos lutar para abrandar a sua irritabilidade ocasional ao desviarmos a mente dela para longe de objetos que excitam o mal, e atraindo-a a pensamentos alegres.

Quinta-feira
Cultivando
a Disposição

É claro que há uma diferença impressionante nas disposições naturais das crianças, mas nada pode ser mais evidente do que o fato de que uma

boa disposição pode ser amargada por um mau tratamento, e que uma criança de sentimentos naturalmente raivosos pode, por um cultivo sábio, se tornar dócil e mansa. O cultivo da disposição é uma parte importante da educação. Daí a necessidade de se estudar os humores e os sentimentos da criança e de variar a disciplina para adequar-se a essas mudanças.

É claro que surgirão aqueles casos quando os pais acharão difícil julgar qual é o seu dever. Tais casos serão, contudo, infrequentes. A política geral óbvia é: quando a criança está nesse estado excitado, busque removê-la tanto quanto for possível do poder da tentação. E se ela comete uma falta que precisa ser notada, cuide para que o castigo seja de um tipo que é calculado para acalmá-la. Por exemplo, dê-lhe um assento confortável em frente à lareira, e lhe diga que ela não pode se levantar da cadeira por meia hora. Ponha em suas mãos um livro agradável, ou alguma coisa para brincar que possa lhe entreter. Dessa maneira, cuide para que a punição seja adaptada à peculiaridade da desordem moral.

Isso não é brincar de disciplinar, como pode parecer. A criança sente que é real, mas é de uma natureza que opera beneficentemente. Algumas faltas, contudo, que a criança comete, podem ser, sob determinadas circunstâncias, mais adequadamente relevadas.

Sexta-feira

Exemplo de Falta Sabiamente Relevada

Um menino pode, por exemplo, falar irritado com a sua irmã. A mãe não demonstra notar; ela, contudo, vê a importância de imediatamente tranquilizar o seu espírito grosseiro, e ela busca planejar alguma atividade que promova o bom humor. Talvez ela pause o seu trabalho e brinque com as crianças até que, pela sua alegre influência, a alegria e o bom humor sejam restaurados.

– Aqui, meu filho – talvez ela diga. – Quero que você tome esse papel e se sente em sua cadeira, e veja se consegue desenhar um animal tão corretamente que eu possa dizer o que é. E Maria, você pode pegar esse outro papel e sentar nessa cadeira do lado dele e fazer a mesma coisa.

As crianças estão bem animadas com a sua nova atividade. Logo, elas ficam ocupadas trabalhando, e cochichando uma para a outra, para que a

sua mãe não ouça quais são os animais que eles estão desenhando.

Por esse artifício simples, a pequena nuvem de sentimentos irritados que estava se levantando é totalmente dissipada. Se a mãe, ao invés disso, tivesse punido a criança pelo incidente da fala grosseira, a mente não teria sido trazida tão rápida e agradavelmente ao estado desejado. Ou, se a mãe não tivesse tomado nenhuma atitude, a disposição da criança teria sido incentivada pela permissão do aumento do mau humor e, com toda probabilidade, uma querela logo teria começado. Assim, uma observação constante, por parte da mãe, poderá logo capacitá-la a prever muitos perigos e a prevenir muitas dificuldades.

SEMANA 9
Segunda-feira
Cuidado com
Punições Injustas

A Justiça e a Bondade na Disciplina

Seguem alguns conselhos que visam promover a justiça e a bondade na administração da disciplina infantil pelos pais, no que me parece uma das mais práticas aplicações de Efésios 6:4: “E vós, pais, não provoqueis os vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”.

Nunca castigue quando a criança não tiver feito o mal de propósito. Com muita frequência, as crianças são punidas injustamente. Passa-se por cima de coisas que são realmente erradas, enquanto as crianças são comumente punidas por causa de algum acidente, no qual ela é totalmente inocente. Um curso de procedimento como este não apenas destrói na mente da criança a distinção entre acidente e crime, mas é em si mesmo absolutamente iníquo. Os pais têm todo o poder, e eles podem ser os tiranos mais implacáveis, deixando a criança sem nenhum recurso de defesa. Não há opressão mais cruel do que aquela frequentemente exercida por pais enraivecidos sobre os seus filhos.

Não é infrequente o caso em que uma mãe, que não pretende ser culpada de injustiça, negligencia o fazer uma distinção apropriada entre faltas e acidentes. Uma criança está brincando pela sala, e acidentalmente rasga a sua roupa, ou quebra uma janela com a bola que a mãe lhe deu permissão

para brincar. A mãe, irritada com o problema que isso lhe irá causar, precipitadamente pune a pobre criança. É possível que a criança tenha sido descuidada, e tão criminalmente descuidada a ponto de merecer um castigo. Mas mesmo nesse caso, ela não deve ser punida pelo acidente, mas pelo descuido que foi culpa dela.

Essa injustiça é muito mais extensivamente praticada do que se imagina. A causa mais comum de punição injusta é confundir as consequências acidentais de um ato com a culpa real que a criança incorreu ao realizar aquele ato. Nós somos muito tendentes a estimar a culpa pelas consequências. Uma determinada criança que tem permissão de subir nas cadeiras e pegar as coisas de uma mesa, acidentalmente deixa cair algum objeto valioso. A mãe pune a criança severamente. Agora, me digam, o que esta criança fez de errado? Você nunca a ensinou a não subir na mesa. Claro que nisso não houve desobediência, e ela não estava consciente de estar fazendo nada inapropriado. Se somente um livrinho tivesse caído, provavelmente ninguém teria notado este acidente. Mas o simples fato de que uma coisa caiu e não a outra não pode alterar a natureza da ofensa. Se o que tivesse caído fosse o relógio mais caro, e este tivesse sido totalmente destruído, isto ainda seria irrelevante; se o que aconteceu foi puramente um acidente, a criança não merece castigo nenhum.

Terça-feira
Punindo a
Desobediência,
Não o Acidente

Talvez alguém diga que nem se precisa argumentar tanto sobre um ponto tão claro. Mas não é evidente que tais atos de injustiça são muito frequentes? E não está quase toda mãe consciente de que ela precisa se guardar mais nesse ponto? É preciso muito controle da parte da mãe sobre os seus próprios sentimentos – uma calma e compostura de espírito que não é facilmente perturbada – ou ela será ocasionalmente provocada a praticar atos de injustiça devidos a problemas dos quais os seus filhos são a causa inocente.

Alguém está se perguntando: O que deveria ser feito em casos como esses sobre os quais estivemos falando? A resposta é simples. As crianças devem ser ensinadas a não fazer coisas que irão expor a probabilidade do prejuízo; e então, se elas fazem o que já lhes foi proibido, considere-as culpadas, tendo havido algum dano material ou não. Se a criança, no caso mencionado acima, tivesse sido assim ensinada, esse teria sido um ato de desobediência explícita. E uma mãe fiel iria provavelmente tomar alguma atitude dessa forma. Sem qualquer manifestação de raiva, ela iria calma e seriamente dizer para o seu filho:

– Meu filho, eu já lhe disse muitas vezes que você não deve subir na mesa. Você me desobedeceu.

– Mas, mãe – diz o filho – eu não quis quebrar nada de propósito.

– Eu imagino que não, meu filho; eu não estou lhe acusando de ter quebrado algo, mas de ter me desobedecido. O estrago foi acidental, e eu não vou responsabilizar você por isso; mas a desobediência foi deliberada e muito errada. Eu fico muito triste de ter que castigar você, mas eu preciso fazer isso. É o meu dever.

Ela então iria castigá-lo, seja pelo infligir de dor, ou pela privação, por um tempo, de algum de seus privilégios ou prazeres usuais. A punição, contudo, seria infligida pela desobediência, e não pelo acidente que seguiu-se à desobediência. A criança não pode negar e sentir que ela foi justamente condenada.

Quarta-feira

Quando a Criança

Nunca foi Ensinada a Fazer o Certo

Mas a questão ainda permanece, o que deve ser feito, no caso da suposição original de que a criança nunca foi ensinada que é errado subir na mesa, ou brincar de bola na sala? Nesse caso, a mãe, manifestadamente, não tem qualquer direito de punir a criança. A falta é dela, de não ter previamente ensinado ao filho a impropriedade de tal conduta. Tudo o que ela pode fazer agora é usar aquela ocasião para mostrar a criança o perigo de brincadeiras assim e proibí-los no futuro.

Se a criança for mais nova, será necessário que a mãe ocasionalmente aluda ao acidente, para que a lição possa ser impressa sobre a mente. Se ela não fizer isso, a ocorrência pode logo ser esquecida, e em poucos dias a criança pode, totalmente por esquecimento, voltar a brincar com seus esportes proibidos.

Devemos fazer concessão quanto à ignorância da criança. Digamos que você tem uma filhinha de um ano e meio, que gosta de se entreter rasgando páginas de jornais velhos que você lhe dá. Ela acha isso um experimento bastante interessante.

Certo dia, você está com sua atenção particularmente ocupada por um bom tempo, até que você levanta os olhos para ver por quê ela está tão quieta ali no chão. E eis que ela tem nas mãos um livro importante e valioso, que ela já arruinou praticamente por completo.

O seu primeiro impulso é puni-la, ou, pelo menos, reprová-la severamente pelo estrago. Mas ela está realmente fazendo alguma coisa que merece punição ou reprimenda? Certamente que não. Como ela pode saber que é apropriado para ela rasgar um certo papel, mas que é errado rasgar outro? Ela nunca se entreteve tão inocentemente em toda a sua vida. A única coisa a ser feita, num caso como esse, é buscar ensinar a criança que um livro deve ser manuseado com cuidado, e não pode ser rasgado. Mas como ensinar a ela a diferença entre um livro e um jornal?

Um menininho, de quase dois anos de idade, costumava se divertir rabiscando papéis com um lápis. O seu pai entrou no quarto um dia e descobriu que o molequinho tinha riscado muitas páginas de um livro novo. As marcas do lápis estavam em todo lugar. Perfeitamente inconsciente do desastre que estava provocando, o menino continuava rabiscando na frente do pai. Em muitos casos, o pai, irritado, teria puxado asperamente o livro do menino, e batido na criança. Eu penso ter percebido que essa foi a primeira emoção na mente desse pai, apesar de ele ser de um espírito extremamente calmo e contido. Contudo, se ele estava com raiva, ele imediatamente viu a impropriedade dessa atitude; pois se aproximou da criança num tom perfeitamente dócil e agradável:

– Ô, meu filho, meu filho, você está estragando o livro! – A criança olhou para cima com surpresa.

– Isto é um livro, meu filho; você não deve desenhar nele. Olhe aqui... – e o pai foi virando as folhas – Você vai estragar o livro do papai. Aqui está um papel para você. Você pode escrever no papel, mas você nunca deve escrever num livro.

O pai, então, tomou o livro, rabiscado como estava, e o guardou, sem qualquer exibição de sentimento animoso. Agora não está claro que essa é a atitude correta a ser seguida, num caso como este? Mas quantas crianças existem que, em tais circunstâncias, teriam escapado de uma punição imerecida?

Essas ilustrações são suficientes para mostrar a importância de fazer-se concessão quanto à ignorância e quanto a acidentes. Elas também mostram o quão frequentemente as crianças sofrem sem que elas sejam realmente culpadas. Se uma criança é punida quando inocente do mesmo modo como quando ela é punida quando culpada, a distinção entre certo e errado é apagada da sua mente. Por isto, esta se torna uma regra importante no governo familiar: nunca punir quando a criança não tiver feito o mal de propósito.

Quinta-feira
Não Desculpe
a Desobediência
de Seus Filhos

Nunca pense que a sua criança é pequena demais para obedecer. Nós somos engenhosos em inventar desculpas para negligenciarmos o nosso dever para com os nossos filhos. Uma hora eles são pequenos demais. Outra hora, eles estão doentes demais. Alguns pais sempre acham uma desculpa, de um tipo ou de outro, para deixar os seus filhos fazerem o que quiserem. Uma criança pode, numa idade bem tenra, ser ensinada à obediência. Nós podemos facilmente ensinar até mesmo um gatinho ou um cachorrinho que ele não deve mexer na panela de carne que é colocada sobre o fogo, que ele deve sair da casa quando é mandado, e mil outros atos de obediência.

Recentemente, um francês colecionou um grande número de canários para um show. Ele os ensinou a obedecer tão implicitamente à sua voz que eles marcham em pelotões num quarto, e são direcionados a realizar muitas manobras simples.

Agora, será que se pode admitir que uma criança de um ano e meio ou dois anos de idade, tem um entendimento inferior a um canário? E devemos inventar desculpas para tal criança de que ela não sabe o suficiente para ser ensinada a obediência?

Uma mãe bastante sensata, que criou uma família de muitos filhos, todos os quais estão agora em situações de respeitabilidade e utilidade, revelou que era a sua prática *obedecer* suas crianças no primeiro ano de suas vidas, mas depois disto, ela sempre esperava que elas a obedecessem. Ela não quis dizer por essa observação, é claro, que no momento que a criança completou um ano, aconteceu uma mudança repentina e total no seu modo de lidar com ela. Durante os primeiros meses da sua infância, ela considerava ser o seu dever fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para suprir as necessidades da criança e deixá-la confortável e alegre. Ela buscava antecipar todas as suas necessidades. Ela era obediente aos desejos da criança. Mas, por volta do tempo em que a criança completava um ano de idade, ela a considerava com idade suficiente para ser submetida às regulamentações salutaras de uma família bem-disciplinada.

Eu estou bem ciente de que muitos pais irão me dizer que essa idade é muito cedo para se começar o governo de uma criança; e outros pais, igualmente numerosos, talvez me dirão que essa idade já é tarde demais; que um começo deve ser feito num período bem mais cedo. Na realidade, o princípio que realmente deve dar direção em tais casos é esse: que a autoridade da mãe deve ser estabelecida sobre a criança tão cedo quanto ela for capaz de entender um mandamento ou proibição expressos por olhares ou gestos. E isso acontece num período bem mais cedo do que muitos pais imaginam. A mãe que tem dúvidas deve tentar o experimento, e ver o quão facilmente ela pode ensinar a sua criança a não mexer na vassoura ou no lixo; ou, quando a criança está sentada no seu colo à mesa, a não tocar nas xícaras e pratos.

A criança pode ser ensinada a obediências em tais coisas quando bem pequena, assim como em qualquer outro estágio de sua vida. E de quantos problemas a mãe se livra por ter ensinado a sua criança a obedecer desde bem cedo! De quanta dor e tristeza ela poupa a sua criança ao acostumá-la, nos seus anos mais tenros, a hábitos de obediência imediata.

Sexta-feira
Temor,
Mas Não Medo

Guarde-se contra o excesso de severidade. Quando se busca um caminho consistente e eficiente de governo familiar, raramente será necessário usar de severidade. Se, quando a punição for infligida, ela é feita com compostura e com solenidade, as ocasiões para castigo serão muito infrequentes.

Que a mãe seja afetuosa e terna com os seus filhos. Que ela participe com eles em seus divertimentos. Que ela ganhe a sua confiança por seus esforços zelosos de fazê-los felizes. E que ela se sinta, quando eles fizerem o mal, não irritada, mas triste; e que os puna com tristeza, mas não com raiva. O temor é um princípio útil e necessário no governo familiar. Deus faz uso dele ao governar as suas criaturas. Mas é arruinador para a disposição da criança controlá-la exclusivamente por este motivo. Quão triste deve ser aquela família onde os pais sempre se sentam com o rosto mal-humorado e carrancudo, e onde a voz é sempre ouvida em tons de severidade e de mandato! Nós vemos pais assim. Os seus filhos têm medo deles. Eles estão sempre restringidos em sua presença; e o lar se torna para eles uma prisão irritante, ao invés de um refúgio alegre de paz e alegria.

Mas onde a mãe fala com os filhos com sorrisos, e recompensa os seus esforços de agradá-la com carinhos; e se comunica com eles em tons de mansidão e de afeição, ela está tocando aqueles acordes no coração humano que vibram em doce harmonia; ela está convocando os mais nobres e amáveis princípios de nossa natureza. E assim, ela prepara o caminho para cada ato doloroso de disciplina que virá, com um poder efetivo sobre o coração. A criança sabe que ela não gosta de castigar.

Em todos os casos em que isso puder ser feito, as crianças devem ser assim governadas pela bondade. Mas quando a bondade falha, e a desobediência sobrevém, não aconteça que a mãe hesite por um momento usar de seu último recurso e castigar tão severamente quanto for necessário. Poucos casos assim irão ensinar quase que qualquer criança como é melhor obedecer do que desobedecer.

Com uma liderança assim, consistente e decidida, e começando com a infância mais tenra de cada criança, em todos os casos ordinários, é possível evitar maiores severidades. E nunca é próprio para os pais serem duros, insensíveis e somente proibitivos nos seus relacionamentos com os seus filhos. O governo familiar mais eficiente pode ser quase totalmente administrado pela afeição, se for claramente entendido que a desobediência não pode passar sem castigo.

Eu não posso senão ter pena daquelas crianças infelizes que não tem coragem de se achegarem aos seus pais com confiança e amor; que estão continuamente temendo os seus olhares severos e suas palavras duras; e que estão conseqüentemente sempre desejosas de sair de casa, para que possam se alegrar. Todo esforço deve ser feito para fazer do lar o lugar mais agradável; para rodeá-lo de associações de prazeres; e assim formar na mente de sua criança uma atração a prazeres pacíficos e purificadores. Isso irá seguramente fortalecer a sua mente contra o vício. E quando ela deixar o teto paterno, ela irá sempre olhar para trás com lembranças saudosas para as suas alegrias; e com gratidão para com aqueles que o fizeram a habitação de tanta felicidade. Nos anos futuros, também, quando os seus filhos se tornarem os líderes de suas famílias, eles irão transmitir aos seus filhos os princípios que você tem implantado. E assim, a influência de suas instruções podem se estender para milhares de crianças que ainda nem nasceram.

Quão pouco nós pensamos sobre a tremenda responsabilidade que pesa sobre nós; e sobre a ampla influência, para o bem ou para o mal, que nós estamos exercendo! Nós estamos pondo em andamento uma corrente de causas que se estenderá para bem longe, no futuro. Muito depois de termos ido para o nosso lar eterno, as nossas palavras e as nossas ações estarão influenciando na formação do caráter dos nossos descendentes. Nós não

poderemos cessar as boas influências que as nossas vidas deixaram em outras vidas, e elas continuarão elevando imortais para a virtude e para o céu, ou os urgindo a prosseguirem em iras e em lamentos.

Capítulo 4

As Dificuldades da Mãe

SEMANA 10

Segunda-feira

Por que Poucos Pais Obtêm Obediência Imediata?

A Falta de Auto-Controle

As observações que temos feito até agora são tão óbvias que alguém pode ser levado a indagar por que o governo familiar ainda é, geralmente, tão defeituoso. Qual a razão de pouquíssimos pais serem bem sucedidos em obter essa obediência imediata? Existem muitas causas que operam para produzir esse resultado. As regras da disciplina podem ser simples e claras, e ainda assim, muitos motivos podem nos influenciar a nos esquivarmos de aplicá-las.

Um grande obstáculo é a falta de domínio próprio por parte dos pais. Quão poucas são as pessoas que têm obtido uma conquista tal sobre si mesmas que as capacita a encarar as várias vicissitudes da vida com calma e compostura! Quão poucos existem que não são – ainda que ocasionalmente – tirados do sério, e provocados a exibir sentimentos irritados e excitados! E será que uma mãe pode esperar governar o seu filho quando ela não consegue governar a si mesma? O governo familiar deve obrigatoriamente começar em casa. Ele deve começar no colo da mãe. Ela precisa aprender a controlar a si mesma, a subjugar as suas próprias paixões; ela deve dar a seus filhos um exemplo de mansidão e de domínio próprio, ou ela pode esperar, com razão, que todos os seus esforços de controlar as paixões dos seus filhos sejam ineficazes.

Terça-feira

O Problema de Pais
que não Se Controlam

Imaginem a seguinte cena: uma criança fica irritada e bate na sua irmã; então a mãe fica irritada e bate na criança. Ora, observem que tanto a mãe como a criança são culpadas precisamente do mesmo crime. Ambas ficaram com raiva, e ambas (por causa da raiva) bateram em outra pessoa. Então qual é o resultado dessa punição pecaminosa? Ela pode fazer com que a criança tenha medo de bater na sua irmã novamente; mas ela vai ensinar à criança que o que ela fez é errado? Que ficar irado é algo pecaminoso? Essa disciplina pode ter qualquer efeito salutar sobre o seu coração? Ora, ela vê que a mãe está irritada, e assim, ela aprende que é apropriado para ela ficar com raiva. Ela vê que quando a sua mãe está irritada, ela bate; e assim ela é ensinada que o mesmo curso é apropriado para ela. O efeito direto dessa punição foi alimentar a chama e fortalecer o hábito da ira. Nesse cenário não acontece nenhuma instrução moral, e nenhuma disciplina salutar. E não obstante, mães que não têm conquistado o seu próprio “eu”, que não conseguem refrear a violência da sua própria cólera, punem dessa maneira com muita frequência. Quando nós vemos uma mãe assim, com crianças raivosas e turbulentas, não precisamos continuar a indagar por que razão essas crianças não são gentis e obedientes. E quando nós refletimos sobre o quão raro é vermos um indivíduo que não seja ocasionalmente provocado a agir pela irritação do momento, nós não devemos estranhar que tantas famílias, com frequência, apresentem cenas de barulho e baderna.

Esse auto-controle, a todo tempo e sob todas as circunstâncias, é uma das coisas mais importantes, e mais difíceis de serem adquiridas. Muitos pais não foram, desde a sua infância, acostumados a se controlar, e para eles é uma luta muito grande amansar aqueles sentimentos que surgem quase que involuntariamente. Mas nós devemos sempre lembrar que isso precisa ser feito, ou não poderemos ser fiéis para com os nossos filhos. Nós devemos colocar os nossos próprios sentimentos e as nossas próprias ações sob um sistema rígido de disciplina, ou será em vão para nós esperar refrear as paixões e restringir a conduta daqueles que estão olhando para nós em busca de instrução e exemplo.

Quarta-feira
O Problema da Raiva
e da Irritabilidade

Certamente, ocorrerão muitos casos que irão provar demasiadamente a paciência de uma mãe. A menos que ela seja naturalmente abençoada com um espírito peculiarmente calmo, ou tenha sido habituada desde a infância a governar-se a si mesma, ela irá descobrir que ela tem muito a lidar com o seu próprio coração. Esse ponto nós queremos sinceramente instar, pois ele é de importância fundamental. A raiva é uma insanidade temporária. E o que pode ser mais deplorável do que ver uma mãe, num ataque de irritação, tomando vingança de sua criança?

Que a mãe se sinta triste, e manifeste a sua tristeza quando a criança erra. Que ela, com calma e reflexão, use a disciplina quando o caso a requerer. Mas que ela nunca manifeste sentimento irritado, ou profira uma expressão raivosa. Se a sua própria mente for assim mantida serena e sem paixão, ela vai instruir pelo exemplo, assim como por preceito. Ela irá facilmente saber e mais judiciosamente realizar o seu dever. E a superioridade da sua própria conduta irá gerar o respeito e a admiração de seus filhos. Até que isso aconteça, será impossível para uma mãe impor as regras da disciplina, por mais simples e óbvias que essas regras sejam.

Quinta-feira
O Problema da Falta
de Resolução

A Falta de Resolução

Um outro grande obstáculo no caminho é a falta de resolução. É sempre doloroso ao sentimento dos pais ter de privar uma criança de qualquer prazer razoável ou infligir uma dor. Daí o sermos engenhosos em inventar desculpas para nos esquivarmos desse dever. O seu filho erra, e você sabe que ele precisa ser punido. Mas você se retrai do dever de fazer isso. Mas veja, de que adianta conhecer as leis da disciplina, se não podemos reunir uma resolução suficiente para exigir que estas leis se façam cumprir em nosso lar? Não fará bem algum ler livro após livro sobre o assunto da educação, a menos que estejamos dispostos a partir de uma decisão calma e consistente de punir os nossos filhos quando a ocasião o requerer. É essa fraca indulgência, essa recusa perversa de realizar um dever doloroso, que tem arruinado milhares de famílias. Há mães que irão, às

vezes, abertamente protestar contra o pai por punir uma criança teimosa. Ela o chamará de cruel ou insensível, e isso levará a sua criança a sentir-se confirmada em sua vontade própria, pelo seu carinho e simpatia perversos.

O que se pode esperar de um curso de ação como este? Essa mãe é o inimigo mais cruel e implacável que a sua criança pode ter. Sob tal influência, ela provavelmente crescerá em infelicidade, não apenas para amaldiçoar o dia em que nasceu, mas para amontoar maldições ainda mais amargas sobre a mãe que a gerou. Não há nada mais ruinoso que você possa fazer para o seu filho. Não há nada que você possa fazer que poderá mais efetivamente ensiná-lo a odiar e desprezar você; não há outra coisa que irá, com mais certeza, levá-la em tristeza e desgraça à sua sepultura, do que permitir que, dessa maneira, os sentimentos maternos a influenciem a negligenciar esses dolorosos, mas necessários, atos de disciplina.

Sexta-feira
A Infelicidade
Causada pela
Indecisão

Eu perguntaria à mãe que está lendo esse livro se ela não está frequentemente consciente de uma grande luta entre o seu senso de dever e a sua inclinação natural. O dever lhe diz que você deve punir o seu filho. A inclinação lhe urge a passar a mão sobre a sua desobediência. A inclinação triunfa; e o seu filho se retira vitorioso, e, é óbvio, confirmado em seu pecado. Esteja certa de que é nisso, em seu próprio coração de mãe, que reside um dos grandes obstáculos ao seu sucesso; e até que esse obstáculo seja superado, tudo o mais será ineficaz. Não seria difícil, de maneira alguma, encher este volume com casos ilustrativos desse fato, e das terríveis consequências resultantes.

Alguns anos atrás, uma senhora foi deixada viúva, com vários filhos pequenos. Ela os amava devotadamente. A aflição que ela havia experimentado com a perda do seu marido fixou as suas aflições com grande intensidade de ardor e sensibilidade sobre as suas crianças. Elas eram a sua única esperança. Triste e deprimida como estava, ela não podia suportar puni-las ou privá-las de nenhuma indulgência. Que mulher infeliz e

desguiada! Ela poderia esperar escapar das consequências de uma situação dessas? Ela estava vivendo sob a esperança enganosa de que as suas indulgências iriam assegurar o amor de seus filhos. Agora, porém, um de seus filhos tem dezessete anos de idade; um rapaz duro, turbulento e voluntarioso que já se encontra totalmente além da influência da restrição materna. Ele é o tirano da família e a sua mãe, afligida, está de coração quase que totalmente partido por esse acúmulo de sofrimento.

O resto das crianças está seguindo no mesmo caminho. Ela vê e treme diante da calamidade, que agora é tarde demais para ser revertida. Ela teria sido bem mais feliz se, mesmo viúva, não tivesse filhos. Seus filhos são os seus opressores. Ela é escrava deles. Agora é impossível refazer os seus passos, ou retirar a injúria que ela causou aos seus filhos e a si mesma. Dificilmente podemos conceber uma situação tão verdadeiramente lamentável. E o que causou essa magnitude de tristeza? Simplesmente a relutância da mãe em realizar o seu dever. Ela olhava para os seus filhos órfãos com todas as frágeis emoções de uma mãe viúva, e não aguentava impor a eles as restrições necessárias, e insistir sobre a obediência às suas ordens. Ela sabia perfeitamente bem que, quando eles desobedeciam, eles deveriam ser punidos; que era o seu dever fazer valer a sua autoridade. Não foi a sua ignorância que causou essa terrível ruína da felicidade; foi a falta de resolução – aquela afeição excessiva, e tola, e cruel, que a induziu a consultar os seus próprios sentimentos ao invés do bem estar permanente de seus filhos.

SEMANA 11
Segunda-feira
Disciplina Séria
e Efetiva

Talvez o leitor esteja se perguntando se esta é uma história real. Trata-se de um relato real de mil casos por toda a nossa terra! Mães, apelamos à sua observação, se você não vê a todo lado, ao seu redor, essas contínuas destruições de esperanças terrenas. Não temos advertências suficientes para evitarmos essa pedra fatal? E não obstante, todos os que tem observado o

mundo com um olhar atento podem testemunhar que essa irresolução parental é uma das mais proeminentes causas de aflições domésticas.

É necessário que os pais tenham energia de caráter, ou os atos de disciplina serão tão ineficientes a ponto de fazer mais mal do que bem. O espírito da criança ficará irritado, mas não subjugado. A punição se torna um aborrecimento corriqueiro e a sua influência é mais decididamente perniciosa. É da maior importância que, quando ela for exercida, ela seja séria e efetiva. E é certo que a mãe que adota medidas imediatas e decisivas irá avançar com bem menos problemas para si e para os seus filhos, e irá, no final das contas, infligir bem menos dor do que aquela que adota as medidas fracas e procrastinadoras que vemos com tanta frequência. Enquanto esta última precisa estar constantemente ameaçando, e infligindo aquela “zombaria de castigo” que é exatamente o suficiente para irritar o temperamento e estragar a disposição de seus filhos, a outra irá, de um modo geral, ver a sua palavra ser prontamente obedecida e raramente irá achar necessário sequer punir.

Terça-feira
A Verdadeira
Benevolência

Mas poucas pessoas obtiveram um conhecimento mais correto da natureza humana do que Napoleão Bonaparte; e poucos conseguiram adquirir tal controle sobre a mente humana. Diz-se que, certa vez, havia um grupo fazendo grande rebelião nas ruas de Paris, espalhando devastação por onde passava. Um dos seus generais foi enviado com um batalhão de infantaria para dispersar o tumulto. Ele leu a lei sobre motins. Eles riram disso. Ele ameaçou atirar neles. Eles o desafiaram. Ele abriu fogo com cartuchos vazios. À medida que os tiros soavam, e nenhum homem chegava a cair, o grupo começou a rir, fazendo pouco dos seus esforços impotentes. Por fim, o general foi compelido a atirar balas de verdade. Mas a essa altura, a agitação do povo estava altamente excitada, e eles haviam se tornado tão familiarizados com os tiros inofensivos que ficaram ali parados quando a verdadeira bala de canhão foi atirada. Eles haviam sido

gradualmente conduzidos a ela. Uma batalha armada foi o resultado; e não foi senão após um imenso massacre que o povo, enfurecido, foi disperso.

De outra vez, quando as assolações de um motim parisiense estava espalhando terror pela cidade, Bonaparte, a passos rápidos, tomou a liderança de várias companhias de artilharia. Imediatamente, ao chegar ao local da devastação, os soldados, retirando-se para a direita e para a esquerda, dispararam sobre a multidão revoltosa o poderoso canhão. Nenhuma palavra foi dita; nenhum momento de hesitação foi manifestado; mas de uma vez, a voz de Bonaparte foi ouvida nos trovões da artilharia, e a massa compacta foi dispersa pela bola do canhão. Os rebeldes, despreparados para medidas tão decisivas, e aterrorizados com o caos, fugiram o mais rapidamente possível para todas as direções. E só então ele soltou as balas falsas. Um estrondo depois do outro soou pelas ruas, aumentando a consternação da multidão apavorada, e em menos de cinco minutos, mal se podia encontrar nas ruas um rebelde solitário que ficara para trás.

Tais foram as medidas adotadas por este homem extraordinário, e que lhe fizeram famoso na opinião pública de maneira quase sem paralelo na história da humanidade. Um tempo depois desse incidente, alguém sugeriu-lhe que ele teria sido mais misericordioso se tivesse primeiro tentado o efeito dos cartuchos vazios, e depois, se necessário, procedido para as medidas extremas. Mas ele respondeu com exatidão que, por tais medidas tardias e lentas, os amotinadores teriam tido tempo de reunir a sua coragem, e muitos mais teriam caído antes de terem fugido.

Quarta-feira

A Benevolência

Verdadeira Encoraja Medidas Decisivas

O princípio ilustrado nessa história é de aplicação universal. A benevolência verdadeira encoraja medidas decisivas. A mãe que primeiro adula, depois ameaça, depois finge punir, e então, pune só um pouco; essa mãe está apenas criando problemas para si mesma e tristeza para a sua família. Mas, por outro lado, se ela rapidamente trata dos atos de desobediência com firmeza, e inflige a punição necessária de maneira

decidida e imediata, ela está, da maneira mais efetiva, promovendo a sua própria alegria, e o melhor bem estar de sua criança.

Os pais são muito mais dispostos a se mostrarem assim fatalmente indulgentes quando a criança é de uma constituição fraca ou está doente. Tais crianças são normalmente mimadas. Que estranho, não é mesmo, quando Deus, em sua misteriosa providência, põe a sua mão sobre alguma criança, e a leva a padecer em fraqueza e em sofrimento, que os pais, por causa disso mesmo, venham a negligenciar o bem estar da criança, e a permitir que as suas paixões aumentem desenfreadas, e que a sua vontade se torne teimosa e abrasada! A mãe talvez esteja mais disposta a realizar o seu dever para com o seu filho mais robusto. Ela fará tudo em seu poder para controlar as suas paixões, e torná-lo um rapaz bom e alegre. Mas o pobre sofredorzinho ela indulge em seus caprichos, até que a paixão se torne forte, e a irritabilidade seja inconquistável, e as mais profundas tristezas mentais sejam assim adicionadas às dores e fraquezas do corpo. Quanta crueldade existe nesse mundo que se passa pelo nome falso de ternura ou amor! Mãe, você tem uma criança doente e sofredora? Você será para esta criança um anjo da guarda se, com controlada e carinhosa decisão, você impuser a sua autoridade. Castigue esta criança tanto quanto for necessário para ensiná-la a obedecer habitual e prontamente. Se você não fizer isso, você será o inimigo mais cruel que esta criança pode ter. Você está fazendo aquilo que tem a tendência mais direta de perpetuar a sua debilidade e de promover a sua miséria.

Quinta-feira
Doença Não Desculpa
a Desobediência

E, ainda assim, eu sei que algumas mães irão replicar: “O quê? Falar autoritativamente, e até punir a pobre criança quando ela está doente? Que crueldade insensível!” E aí está a dificuldade. Você considera maldade fazer tudo o que está ao seu alcance para tornar o seu filho paciente e feliz!

Suponha que uma menininha se acidente e sofra um corte profundo em sua mão. A sua mãe é tão bondosa que ela não deixa chamarem o médico, por medo que ele machuque a sua filhinha ao limpar e fazer o curativo na

ferida. Dia após dia, esta mãe observa a inflamação aumentando e se estendendo. Ela tenta, em sua ignorância, aliviar a agonia da ferida, até que depois de muitos dias de sofrimento excruciante, o médico é chamado para salvar a vida da filha pela amputação do seu braço. Assim que o acidente aconteceu, alguns momentos de atenção e uma dor passageira iriam ter prevenido todas essas consequências horríveis.

Mas é muito mais cruel a conduta daquela mãe que permite que a inflamação da mente piore e se estenda desenfreada; e que, ao invés de infligir uma dor momentânea e necessária para subjugar a vontade teimosa, acalmando a irritação, permite que a desordem moral ganhe tanta força que seja incurável. As consequências que resultam disso são muito mais desastrosas. Elas afetam a natureza imortal do homem, e prosseguem pela eternidade. Não há crueldade tão destrutiva quanto esta.

Contudo, ao mesmo tempo, não se deve supor que a austeridade está sendo aqui recomendada. Ela é desnecessária, e deve sempre ser evitada. Que os tons da voz sejam afetuosos e calmantes. Que a mãe simpatize de todo o seu todo coração com as provações e sofrimentos do seu filho. Que ela seja criativa em artifícios para o seu divertimento. Mas que ela não arruíne o seu tesouro precioso indulgindo-o em sua tolice e desobediência. A sua criança não terá a mínima possibilidade de ser feliz a menos que seja ensinada a subjugar as paixões e a ser obediente à sua vontade. Queremos que haja bondade, mansidão, amor e alegria sempre a se difundir pelo círculo familiar. Mas, se você deseja ver os seus filhos alegres, e ser você mesma feliz, você precisa, quando os seus filhos estão doentes, assim como quando eles estão saudáveis, ajuntar resolução suficiente para assegurar da parte deles um comportamento apropriado e a obediência aos seus mandamentos.

Sexta-feira
Praticando a
Determinação

Seja, portanto, invariavelmente firme ao realizar o seu dever. Nunca refreie-se de punir o seu filho porque isso é doloroso aos sentimentos maternos. É, certamente, sabiamente ordenado pela Providência que deve

ser doloroso para o coração de um pai infligir sofrimento sobre uma criança. Aquele que pode punir sem simpatia, sem emoções de tristeza, não pode punir com um espírito correto. Mesmo o nosso Pai celeste não aflige voluntariamente os seus filhos, mas por causa disso, deixaria Ele de aplicar a Sua disciplina, nos permitindo seguir em pecados impunes? Nós devemos, em oração sincera, buscar Nele a força e a sabedoria, e religiosamente realizar o nosso dever. Nós devemos estar dispostos a deixar os nossos corações sangrarem, se pudermos, assim, salvar as nossas crianças das devastações de seus maus ímpetos, os quais, se não forem controlados, irão arruinar a sua utilidade e paz.

Uma criança, pouco tempo atrás, caiu doente com uma desordem perigosa, uma forte inflamação na garganta. Era uma criança mui ardentemente amada e ordinariamente muito obediente. Mas, nesse estado de desconforto e dor, ela se recusou a tomar o remédio que precisava ser administrado sem demora. O pai, encontrando o filho resolutivo, imediatamente puniu o filho doente e sofredor. Sob tais circunstâncias, temendo que o filho viesse a piorar e morrer, apesar de ter sido uma provação terrível para o pai, o resultado foi que a criança aprendeu que *doença não era desculpa para a desobediência*. E enquanto a doença dele durou, ele passou a prontamente tomar qualquer remédio que fosse prescrito, e foi paciente e submisso, e assim, logo ele ficou bom. Pode alguém dizer que isso foi crueldade? Não, foi um dos atos mais nobres de bondade que poderia ter sido realizado. Se o pai tivesse se esquivado do seu dever aqui, não é de maneira alguma improvável que a vida da criança teria sido perdida. E essa é a maneira de adquirir força de resolução: praticando-a sempre que necessário. Devemos pronta e imediatamente realizar o nosso dever, por mais doloroso que seja.

SEMANA 12

Segunda-feira

Quando um dos Pais Contraria o Outro

A Falta de Harmonia entre os Pais

Outro grande obstáculo no caminho da criação de uma família feliz e virtuosa é a ocasional falta de harmonia entre os pais no assunto da

educação . Às vezes, quando um pai está pronto para realizar o seu dever, a mãe é uma mulher fraca e tola que pensa que qualquer punição e qualquer privação de indulgência é crueldade para com os seus filhos. E quando qualquer destes é punido, ela, por seus carinhos, pode desfazer os efeitos da disciplina exercida e dar a entender, na mente da criança, a impressão de que o seu pai é cruel e injusto. Um pai que vem a enfrentar uma conexão tão infeliz (em que seus atos de disciplina são conectados com a acusação de crueldade - explicação do tradutor) está de fato numa condição desventurada. E se a sua esposa é incapaz de ser convencida das consequências destruidoras de tal curso, ele precisa tomar sobre si mesmo todo o dever do governo. Mas como eu não estou agora escrevendo aos pais, preciso passar desse caso para outro.

Terça-feira
Quando o Pai
é Ausente ou
Negligente

Não é infrequente que uma mãe sensata e fiel se encontre casada com um marido cujos princípios e exemplos estão muito aquém do que ela poderia desejar. Em tais casos, não apenas todo o governo da família acaba recaindo sobre a mãe, como a influência do pai serve para contrariar todos os seus esforços. Essa é, de fato, uma situação difícil. Contudo, longe de ser uma circunstância sem esperança! Você não deve desistir e se desesperar, mas à medida que cada caso emergir, que você seja por eles movida a uma vigilância ainda mais constante e a esforços mais perseverantes e vigorosos. Se a esposa for sábia e consistente em seus esforços, o pai, em quase todos os casos, irá logo sentir confiança no governo da mãe sobre a família e mui alegremente permitirá que ela tome para si todo o peso do cuidado das crianças.

Esse pai está, quase que necessariamente, na maior parte do tempo, ausente de casa, e quando em casa, frequentemente não está no humor de apreciar o convívio de sua família. Que tal mãe ensine as suas crianças a estarem caladas e quietas na presença de seu pai. Que ela faça todo esforço para acostumá-las a hábitos de trabalho diligente, para que elas estejam

sempre ocupadas com coisas proveitosas, e que ela faça tudo em seu poder para induzi-las a serem respeitadas, obedientes e carinhosas para com o seu pai. Esse curso é de fato o melhor que pode ser adotado para reconquistar o pai infeliz. Quanto mais alegre você tornar a casa para ele, mais fortes serão os incentivos apresentados para afastá-lo de lugares onde ele não deveria estar.

Quarta-feira
Essa Dificuldade não
é Insuperável

É verdade, não há situação mais difícil do que a que estamos descrevendo agora, mas os fatos têm provado com muita frequência que essas dificuldades não são insuperáveis. Muitos casos ocorrem nos quais a mãe triunfantemente supera todos esses obstáculos e cria uma família virtuosa e alegre. Ela pode ter um marido violento e descontrolado; e eu não preciso aqui descrever as cenas que essa mãe vivencia; ela vê, contudo, que o bem estar da família depende dela, e concordemente toma ânimo em seu coração para resolutamente cumprir as suas responsabilidades. Ela começa na mais tenra infância das suas crianças, ensinando-as a obediência implícita. Com a sua atitude carinhosa, ela apegos os seus filhos a si com laços que eles jamais vão poder ou querer quebrar.

Os mais abundantes sucessos recompensam os seus esforços. Quanto mais as crianças crescem e amadurecem, mais respeitáveis e atenciosas elas se tornam, pois mais claramente vêem que devem agradecer à mãe pela salvação da desgraça e da ignomínia trazidas pelo seu pai. Cada tristeza de tal mãe é aliviada pela simpatia e afeição dos seus filhos. Ela olha para eles com sentimentos de gratificação materna que língua nenhuma pode descrever. Eles sentem o valor e a dignidade do seu caráter. Apesar de sua situação na vida ser humilde, e ainda que ela não seja estudada ou eloquente, o seu valor moral e o seu governo judicioso fazem com que ela seja reverenciada por seus filhos.

Quinta-feira
Exemplo de

uma Mãe Guardiã
de sua Família

Numa família como essa, em um estado vizinho, numa noite fria de Dezembro, uma mãe estava sentada sozinha à beira da sua lareira entre nove e dez da noite, esperando pelo retorno do seu esposo ausente. Seus filhos, cansados com os labores do dia, haviam se retirado para descansar. Pouco antes das dez, o marido chega, vindo do bar vizinho, onde havia passado a noite com seus degradados companheiros. Ele insistiu em acordar e mandar chamar os filhos, numa hora inadequada como esta, para mandá-los pegar lenha na mata, apesar de haver lenha suficiente na casa. Ele não dava ouvidos à voz da razão e do bom senso, mas bateu o pé e praguejou, dizendo que os rapazes deveriam ir. A mãe, vendo que seria totalmente inútil opor-se aos seus desejos, chamou os seus filhos, e disse-lhes que o seu pai insistiu que fossem à pilha de madeira. Ela falou bondosamente com eles, lhes disse que ficava triste por terem que ir àquela hora, mas disse que eles deveriam lembrar-se de que ele era o seu pai. Seus filhos eram jovens adultos, mas ao comando de sua mãe, eles imediatamente tomaram os bois e foram para a mata. Eles tinham perfeita confiança na sabedoria de governo da sua mãe. Enquanto eles estavam ausentes, ela tratou de preparar uma deleitosa ceia para quando retornassem. O pai, bêbado, logo foi dormir. Por volta de meia noite, os filhos voltaram para casa, e encontraram a mãe pronta para recebê-los com alegria e sorrisos. Um fogo forte estava aceso na lareira. A sala estava quente e agradável. Com muito apetite e com aquela alegria de espírito que normalmente acompanha a realização de um dever, aquelas crianças sentaram-se na companhia da mãe amada para a ceia que ela havia provido, e logo todos estavam repousando na quietude e tranquilidade do sono.

Muitas mães têm sido, desse modo, as guardiãs e salvadoras da sua família. Elas têm criado os seus filhos para serem trabalhadores, e as suas filhas para serem virtuosas. E em sua velhice, elas têm colhido uma rica recompensa de todos os seus esforços, que consiste nas afeições e atenções de seus filhos gratos. Elas lutaram em lágrimas e desencorajamento por muitos anos, até que, por fim, Deus dispersou todas as sombras, e encheu o seu coração com a alegria de testemunhar os resultados benditos da sua

fidelidade. Não seja, portanto, desesperançada; aquilo que foi feito uma vez pode ser feito novamente.

Sexta-feira
Os Mais Importantes Requisitos
no Governo Familiar

Segundo tudo o que foi dito neste capítulo, conclui-se que o domínio-próprio e a resolução são os dois mais importantes requisitos no governo familiar . Com estas duas qualificações, que pessoa alguma tem desculpa para não possuir, quase todo obstáculo pode ser vencido. Sem estes, o seu trabalho e solicitude irão, com toda probabilidade, ser frustrados.

Os seus fiéis esforços, acompanhados da bênção ordinária de Deus, irão abrir diariamente para você novas fontes de prazer a partir do desabrochar das virtudes e da expansão das faculdades de seus filhos. O seu governo decisivo será, sem dúvida, recompensado com a afeição e o respeito daqueles que você está treinando para a utilidade e para a alegria. E quando a velhice vier, os seus filhos lhe darão as boas vindas em suas casas, e se alegrarão em lhe dar um assento à sua lareira, e por incansáveis atenções, irão fazer tudo no seu poder para provar o quão profundamente eles sentem aquela dívida de gratidão que nunca pode ser totalmente paga. Tais alegrias irão obliterar a lembrança de todos os presentes labores e tristezas. Deixe que essas esperanças a alegrem e a encorajem a seguir regozijando-se no caminho do dever.

Capítulo 5

Faltas e Erros

SEMANA 13
Segunda-feira
Não Subestime
o Entendimento
da Criança

Existem muitas faltas no governo familiar que têm sido passadas de geração a geração e têm se tornado quase que universalmente difundidas. Elas são tão generalizadas, e por vezes estamos tão acostumados com elas, que a sua flagrante impropriedade escapa a nossa observação. O crescimento do interesse que agora percebemos no assunto da educação, levando pais a ler e a pensar mais sobre esse tema, têm ensinado muitos a evitar esses erros que ainda prevalecem generalizadamente em nossa sociedade. Há, contudo, muitos pais que não têm facilidade de achar livros sobre esse assunto ou que não foram levados a pensar mais profundamente sobre as suas responsabilidades. Alguns desses erros são tais que quase deveríamos nos desculpar por estarmos aqui advertindo os pais contra eles, já que o bom senso tão claramente os condena, mas lembramos quão grande é a quantidade de pais e mães em nossa terra que estão, por causa da sua situação, privados daquelas fontes de informação e daqueles incentivos ao pensamento que Deus tem conferido a outros.

Falar das Crianças em Sua Presença

Não fale sobre as crianças na presença delas. Nós somos muito prontos a pensar que as crianças não entendem o que dizemos uns aos outros simplesmente porque elas não são capazes de participar por si mesmas da conversa. Mas o que a criança entende de uma língua está bem além da sua habilidade de usá-la. Tenho sido muito surpreendido pelo resultado de experimentos sobre esse assunto. Uma criança pequena que

engatinhava no chão e que não podia articular uma só palavra foi ordenada a levar um pedaço de papel para o outro lado da sala e pô-lo sobre uma cadeira. A criança compreendeu perfeitamente a ordem, e engatinhou até o outro canto da sala e fez como foi ordenada. Um experimento ou dois desse tipo irá satisfazer a qualquer um que duvida do quão adiantada está a mente da criança, muito à frente do seu poder de expressar as suas ideias. E, ainda assim, é comum vermos, quando uma criança tem três ou quatro anos, os seus pais falando na presença delas de coisas astutas ou espertas que elas têm falado ou feito; às vezes, até os seus atos de desobediência são mencionados com um sorriso.

Terça-feira
Um Exemplo de
Conversa Inapropriada
na Presença de
uma Criança

A seguinte conversa ocorreu, certa vez, entre uma senhora e uma mãe cuja criança de três anos de idade estava ali na presença delas.

– Como está o pequeno Charles? – perguntou a senhora.

– Ah, respondeu a mãe com um sorriso – ele é o menino mais levado que você já viu; eu não posso com ele!

– Por quê? – disse a senhora – ele não parece ser uma criança teimosa!

– Não – a mãe respondeu – ele não é tão mal-criado, mas – ela continuou, rindo – ele gosta tanto de aprontar que eu nunca consigo fazer com que ele me obedeça. Ele sabe que não deve mexer no fogão, mas logo antes de você entrar ele pôs um dedo no botão de acender o fogo e me olhou direto na face. Eu lhe disse para tirar a mão, e ele pôs outro dedo no botão. Eu tentei olhar de cara feia pra ele, mas ele, ao invés de parar, girou o botão com vontade e correu, rindo o mais que podia. Eu sei que ele fez isso de propósito, só para me irritar. Ele é muito danado, mesmo!

Inserimos essa história tão indigna para que as mães que estejam lendo esse capítulo saibam exatamente o que queremos dizer com esse cuidado sobre o qual as estamos advertindo. Agora, para não dizer nada daquela infidelidade materna que permite que tais atos de desobediência aconteçam,

concentremo-nos neste momento apenas, e no quão ruinoso para a mente da criança deve ser o efeito de ouvir a sua conduta sendo assim contada e aplaudida. Esse rapazinho rebelde estava mais interessado na narrativa do que a própria mãe ou a senhora visitante, e a impressão produzida sobre a sua mente foi das mais fortes. Foi-lhe ensinada uma lição – a da banalização da desobediência – que não será esquecida tão cedo.

Quarta-feira
Cuidado com a
Vaidade Infantil

Há muitos artifícios que uma criança pratica que devem ser decididamente encarados com um olhar de reprovação, mas dos quais os pais mal conseguem deixar de rir. Essas provas da agilidade mental e esperteza são gratificantes aos sentimentos parentais. Elas prometem uma mente suscetível a um alto grau de cultivo, se apropriadamente guiada e restringida, e há alguns feitos da infância que são de fato engraçados, afetuosos e agradáveis. Eles revelam o sentimento da criança, assim como um intelecto ativo. Pais falam entre si desses acontecimentos inumeráveis que estão diariamente lhes fazendo rir, mas se essas coisas forem mencionadas e aplaudidas na presença de uma criança, o seu coração irá se tufar de vaidade.

Como um leve grau de elogio é frequentemente capaz de acordar emoções de prepotência e vaidade tão desprezíveis, mesmo em indivíduos de mentes maduras! Quão raras são as pessoas capazes de suportar louvor sem serem por este corrompidas! A vaidade é quase que um pecado universal. Ninguém é tão baixo ou elevado que esteja livre do seu poder. E você acha que uma criança pode deixar de ser estragada pelo louvor que tem arruinado tantos homens?

Aqui está uma causa de vermos tantas crianças em idade maternal que se acham o máximo! Nós mesmos bajulamos as nossas crianças sem estarmos conscientes de que elas estão tão prontamente bebendo dos nossos elogios. Nós não lhes damos crédito pela quantidade de entendimento que elas, de fato, possuem.

Quinta-feira
Guarde Suas Crianças
de Pensarem que Elas
são Superiores a
Outras Crianças

É verdade que quase todas as crianças são consideradas pelos seus pais como especialmente inteligentes! Isso surge do fato de estarmos diariamente observando o desdobrar da mente de nossos pequenos, que estão ao redor de nós em nossa sala, enquanto não temos a oportunidade de notar o desenvolvimento mental das outras crianças. Mas apesar de toda essa força da parcialidade parental, nós ordinariamente consideramos as crianças bem menos inteligentes do que elas na realidade são, e por isso é tão comum uma mãe falar sem cuidado na presença de seu filho que tem 3 ou 4 anos de idade, da mesma maneira que falava na presença do seu infante de poucos meses.

A necessidade de cuidado sobre esse assunto ficará óbvia a cada pai depois de um momento de reflexão. Não permita que nada seja dito na presença de uma criança que tenda a excitar a sua vaidade. Guarde-se contra a possibilidade de ela supor que ela faz e diz coisas marcantes, ou que é superior a outras crianças.

Sexta-feira
A Dificuldade de
Proteger Nossos Filhos
da Bajulação

Contudo, ainda que os pais consigam restringir as suas próprias línguas, é bem mais difícil restringir a língua dos outros. Muitos visitantes têm o hábito constante de bajular as crianças por onde eles vão. Sem levar em conta o ruinoso efeito de suas palavras sobre as mentes frágeis e suscetíveis das crianças, eles pensam apenas em agradar aos pais. Crianças de aparência bela são assim peculiarmente expostas. Como é comum que crianças bonitas tenham um gênio mimado. Essa é uma situação tão frequente que muitas pessoas têm suposto que “beleza mimada” são palavras que nunca podem ser separadas.

Certa vez, eu conheci um menininho, cujo rosto era de uma expressão cativante e animada. Cada um que entrava na casa notava a criança e falava de sua beleza. Um dia, um senhor que veio fazer alguma coisa na casa e estava conversando, não deu àquela criança a atenção a que ela estava acostumada e a qual ela começou a achar que merecia. O menininho tolo fez muitos esforços para chamar atenção, mas sem sucesso, ele finalmente se colocou bem na frente do senhor, e perguntou: “Por que você não vê como eu sou bonito?” Tal sentimento, é verdade, não é sempre expresso tão abertamente, mas é muitíssimo comum ele ser incentivado precisamente dessa maneira.

É certamente um dever nosso aprovar as crianças quando elas fazem o certo e desaprová-las quando elas fazem o errado. Mas devemos usar de grande cuidado para preservar uma criança de ouvir qualquer coisa que irá destruir aquela qualidade de caráter mais bela – um espírito humilde. Por causa disso, muitas vezes é um infortúnio para uma criança ser demasiadamente bonita ou adiantada. É tão difícil preservá-la das contaminações dos elogios, que o que poderia ter sido um grande benefício, se torna uma injúria séria para ela.

SEMANA 14
Segunda-feira
As Conquistas
e Habilidades das
Crianças não Devem
ser Exibidas

Exibir os Filhos

Não faça exibição dos feitos de seus filhos. Aqui, mais uma vez, precisamos nos referir ao perigo de excitar a vaidade. Não existe pecado mais universal, ou que seja subjugado com maior dificuldade. Um eminente pregador estava, certa vez, deixando o seu púlpito, quando um dos seus ouvintes veio cumprimentá-lo, elogiando bastante o sermão que ele havia acabado de proferir. “Tenha cuidado, meu amigo”, disse o pregador, “eu carrego um barril de pólvora em meu peito”.

Ora, se o peito de um homem idoso, cheio de piedade e de oração, pode ser assim facilmente inflamado, não deve haver um grande perigo em se

exibir uma criança a visitantes que irão certamente elogiar a sua performance? Você tem, por exemplo, ensinado a sua filha a cantar alguns hinos interessantes. Ela é modesta e despretensiosa, e os repete com muita propriedade. Um amigo da família chega, e você pede que ela repita os seus hinos. Ela o faz. Até aqui, talvez nenhum dano tenha sido feito. Mas logo que ela termina, o seu amigo começa a elogiar. Logo, outro amigo aparece, e depois outro, e a cena é continuamente repetida, até que a sua filha se sente orgulhosa da sua habilidade. Ela começa a se sentir uma verdadeira estrela! E o hino, que era para ajudar a conduzir o seu pequeno coração a Deus, acaba enchendo o seu coração de orgulho. Mas não é isso que se poderia esperar? Como uma criança poderia resistir a tentações tão fortes?

Os pais podem mostrar a seus filhos que eles se agradam de testemunhar as suas conquistas intelectuais. E esse é um motivo forte o suficiente para estimular os seus filhos à ação. Mas, quando as crianças são expostas à bajulação indiscriminada e não-judiciosa de quem quer que seja, não se deve supor, nem por um momento, que elas irão manter uma visão justa de si mesmas.

Terça-feira
Lidando
Diferentemente
com Crianças Tímidas
e Crianças Exibidas

Devemos reconhecer, contudo, que com certas crianças o perigo é muito maior do que com outras. Algumas precisam de muito encorajamento, enquanto outras precisam de restrição contínua. Quem não tem notado as mil artimanhas que uma criança vaidosa pode praticar, só para atrair a atenção? Quem nunca viu uma criança assim, mimada, pegar um livro e começar a ler, ocasionalmente desviando o olhar da página para o visitante, para ver se o seu hábito de ser estudiosa está sendo observado? Poderia uma criança tal como esta ser, com segurança, exposta ao aplauso público?

Pode ser, talvez, que seja vantajoso para uma criança modesta cantar um hino, ou coisa parecida, para um amigo judicioso. Se o seu pastor sente pelas crianças aquele interesse peculiar que deveria ter, ele vai considerar

todos os pequeninos da sua congregação com afeição paternal. Ele não deve ser considerado um estranho na família. As crianças podem comparecer diante dele com confiança e afeição e, se ele tem o espírito do seu Mestre, ele irá cuidadosamente se guardar contra a bajulação, e buscar fazer proveito da ocasião conduzindo a mente a pensamentos sérios. Mas a prática de fazer um “show” das crianças, de exhibir as suas pequenas conquistas, é certamente repreensível; e é, tememos, não apenas comum, mas crescente.

Quarta-feira

Outro Motivo para se Condenar a Prática de Exhibir as Crianças

As seguintes observações sobre esse assunto vêm de um indivíduo que combina a observação perspicaz com uma experiência extensiva:

“Eu sempre senti dor pelas pobres criancinhas, da idade de seis ou oito anos, expostas diante das visitas para repetir versos, partes de peças... Eu, às vezes, não sei para que lado olhar quando uma mãe (e, muito frequentemente, um pai) que eu não poderia deixar de respeitar, por causa do seu carinho por seu filho, força esta oitava maravilha do mundo, que mal consegue falar, a se pôr de pé na frente de uma platéia, e a fazer os gestos apropriados, recitando um poema ou alguma coisa assim. Eu não conheço nada mais agonizante para o expectador do que exhibições desse tipo. Nessas ocasiões, ninguém sabe o que dizer, nem para onde olhar. Se eu tivesse de declarar, com o meu juramento, quais têm sido os momentos mais desagradáveis da minha vida, eu verdadeiramente acredito que, depois de devida consideração, eu diria que foram aqueles nos quais os pais que eu respeito tem me feito aguentar exhibições como estas; pois esta é a minha escolha: ser insincero, ou causar ofensa. Os aplausos que a criança recebe em tais casos as fazem cheias de si e as mandam ao mundo cheias de orgulho e vaidade, os quais deverão ser extraídos delas de um jeito ou de outro. Eu acredito que os pais não têm o direito de gratificar assim os seus próprios sentimentos sob o risco da felicidade dos seus filhos.”

Cenas parecidas com as descritas acima vão de uma vez ocorrer à lembrança do leitor. E o fato de que esse é o sentimento generalizado por

parte de muitas pessoas é, em si mesmo, amplamente suficiente para se desaprovar essa prática.

Quinta-feira
Crianças Devem
estar Acostumadas à Sociedade dos Adultos

Há dois extremos que é necessário evitar. Um é aquele de separar as crianças totalmente do nosso convívio social. O outro é de cansarmos os nossos amigos pela presença e falatório incessante delas. Se considerarmos as nossas crianças como problemas para serem tirados do caminho, quando quisermos nos divertir socialmente, fazendo com que a entrada de alguns amigos para passar a tarde seja um sinal para elas saírem imediatamente para outro ambiente, como podemos esperar que elas amadureçam, e se tornem familiarizados com as convenções da vida? Elas devem ouvir a conversa e observar a maneira de agir dos seus superiores, para que as suas mentes e os seus modos possam ser desenvolvidos.

Não faz muito tempo que eu ouvi um senhor falando sobre uma família extraordinariamente interessante que ele havia acabado de visitar. Era sabido que ele deveria visitar aquela noite. Quando ele entrou na casa, viu três criancinhas sentadas quietas e caladinhas próximo à lareira. A mãe estava sentada perto da mesa, costurando. O pai estava se levantando para recebê-lo. As crianças ficaram, por uma hora ou mais, ouvindo com interesse a conversa que se passava entre os seus pais e o senhor. Elas não fizeram nenhuma interrupção, mas pela sua presença e olhares alegres contribuíram muito para a tarde. Às oito da noite, a mãe falou: “Crianças, são oito horas”. Sem outra palavra, elas todas se levantaram e deixaram a sala. A mãe também se levantou, e então, depois de se ausentar por alguns momentos retornou.

Ah! Quanto prazer há numa família como essa! E quanto aprimoramento as crianças derivam por estarem acostumadas à sociedade dos seus superiores! Dessa maneira, elas aprendem a humildade, pois vêem o quão menos elas sabem do que outros. Elas adquirem informação e as suas mentes são fortalecidas pelas conversas que ouvem. Suas maneiras de agir

são aperfeiçoadas, pois as crianças aprendem mais pelo exemplo do que por preceito.

Se você quer ter prazeres como esses e dar a seus filhos esses benefícios, é indispensável que eles sejam habitualmente bem governados. Não há frustração mais certa do que esperar que as crianças irão se conduzir apropriadamente quando as visitas estão presentes, se em outros momentos elas são incontrolláveis.

Alguns pais, vendo isso e sentindo a importância dos seus filhos participarem da boa sociedade dos adultos, mas ao mesmo tempo, sem conseguir refreá-los, acabam privando-se a si mesmos e aos visitantes de todo deleite, e a seus filhos, de todo benefício. Nós não gostaríamos, nem na imaginação, de presenciar o barulho ensurdecedor de tal cena. As crianças estão, umas penduradas sobre a cadeira do visitante, outras chorando, outras gritando. A mãe está puxando um pela roupa e brigando com o outro. O visitante, distraído com o barulho, busca em vão retomar a conversa. O tempo, a atenção e a paciência dos pais são absorvidos pela sua família desgovernada. O visitante, depois de aguentar a bagunça por meia hora, fica feliz de conseguir escapar. Onde pode haver prazer ou proveito em uma cena como esta?

Sexta-feira
Lidando com
as Perguntas e
Falatórios Infantis

Há muitas vantagens em se encorajar um espírito inquisitivo numa criança. Ela entrou num mundo onde tudo é novo e surpreendente. Claro que ela está, a toda hora, se deparando com objetos sobre os quais ela deseja informação. Mas logo que a criança descobre que seus pais a encorajam a fazer perguntas, ela começa a pensar que isso é uma coisa muito bonita. Ela vai estar incessantemente fazendo questionamentos. Seu motivo vai deixar de ser a gratificação de uma curiosidade razoável e recomendável; ela deseja meramente exibir a sua habilidade, ou falar por falar. É muito necessário restringir as crianças nesse respeito. Seus motivos são geralmente vistos distintamente. E se o motivo que ocasiona a pergunta

for impróprio, que as crianças recebam sinais de desaprovação, e não de aprovação.

– Mãe, pra que serve a jarra de café? – diz a criança de três anos à mesa do café da manhã.

– É para pôr café dentro – diz a mãe.

– E por que a senhora põe café na jarra? – retoma a criança.

– Porque é mais conveniente para encher as xícaras.

– E o quê... – diz a criança, hesitando, para olhar pela mesa em busca de uma nova pergunta – ...e para que servem as xícaras?

– Elas servem para beber.

– E por que bebemos das xícaras?

Dessa maneira, a criança, durante todo o tempo do café, faz suas perguntas incessantemente. A mãe está continuamente respondendo; ela tinha adotado o princípio de que a sua criança deveria ser sempre encorajada a fazer perguntas. E, por seguir esse princípio cegamente e sem consideração, ela estava inchando o coração da criança com vaidade e fazendo dela uma faladora das mais insuportáveis. O princípio do bom senso para nos guiar nesse assunto é óbvio: se o motivo for bom, e a ocasião apropriada, encoraje a criança nos seus questionamentos. De outra forma, que ela seja desencorajada.

Uma criança está sentada à mesa do café com o seu pai e mãe. A mãe levanta a tampa da chaleira, e a criança vê o conteúdo fervendo intensamente:

– Mãe, – indaga o menino – o que faz o café borbulhar assim?

Aqui, o motivo é bom, e a ocasião é apropriada. Assim, um dos pais pode explicar para a criança o processo químico que chamamos de fervura. Os pais têm motivo para ficarem satisfeitos com a pergunta da criança, e a explicação comunica a ela um conhecimento valioso. Mas, talvez, um visitante esteja presente, com o qual o pai está conversando interessadamente. Sob essas circunstâncias, a criança faz a mesma pergunta. Trata-se, contudo, de um momento inapropriado. Ela deve estar calada quando os pais estão conversando com visitantes. A mãe, portanto, responde:

– Meu filho, você não deve interromper o seu pai. Você deve ficar bem caladinho, e ouvir o que ele está falando.

A mãe, contudo, não esquece a pergunta, e logo aproveita alguma oportunidade para voltar a ela. Assim, ela não deixa de responder à curiosidade sadia da criança, e ainda lhe mostra que é falta de educação interromper a conversa de outros, ou atrair atenção quando há visitantes.

Muita alegria é arruinada e muito desenvolvimento é prejudicado ao se permitir que a conversa de adultos seja interrompida pela tagarelice de crianças. Alguns pais, para evitar essa inconveniência, imediatamente expulsam as crianças da sala quando chegam visitas. Isto é tratar as crianças com injustiça, e os pais irão colher as torturantes consequências das maneiras não-cultivadas de suas crianças e das suas mentes não-treinadas e mal-educadas.

É por essa razão que, nas famílias de muitos de meus conhecidos, encontramos crianças descorteses ou exibidas. Se as crianças são banidas de uma sociedade agradável e inteligente, elas irão necessariamente crescer grosseiras, rudes e ignorantes. O curso a ser buscado, portanto, é óbvio: elas devem estar frequentemente presentes quando amigos estão lhe visitando. Mas elas devem ser ensinadas a se conduzir de maneira apropriada, a sentar em silêncio e a ouvir. Elas não devem falar a não ser que os adultos se dirijam a elas. E sobretudo, elas não devem ser expostas diante da atenção de visitantes para exibir as suas realizações e receber bajulações tão profusamente quanto os seus amigos queiram dispensar.

SEMANA 15

Segunda-feira

As Terríveis

Consequências de se Enganar as Crianças

Enganar as Crianças

Nunca engane as crianças . Muitos estão inconscientes das terríveis consequências que resultam dessa prática comum. Um médico, certa vez, chegou para arrancar um dente de uma criança. O menininho, vendo os instrumentos formidáveis e antecipando a dor, ficou morrendo de medo e se

recusou a abrir a boca. Depois de muitos pedidos sem resultado, o médico falou:

– Talvez não haja necessidade de arrancar, deixe-me massagear um pouco com o meu lenço, e talvez baste isso; não vai doer nadinha.

O menino, acreditando na sua palavra, abriu a boca. O médico, escondendo o seu instrumento no lenço, agarrou o dente e o arrancou. Os pais aplaudiram elogiosamente o seu artifício, mas o homem enganou a criança. Ele abusou da sua confiança, e infligiu uma injúria nos seus sentimentos morais que não vai ser apagada em pouco tempo. Esse médico irá pôr o seu lenço na boca da criança novamente? O menino vai acreditar em qualquer outra coisa que o médico disser daqui para a frente? E quando lhe disserem que é errado falar aquilo que não é verdade, a lembrança da falsidade do médico não estará vívida em sua memória? E, visto que o menino estava consciente de que os seus pais aprovaram o engano, ele não vai sentir que é certo enganar, se é para conseguir realizar os seus desejos?

Essa prática do engano carrega consigo as consequências mais desastrosas. Ela inevitavelmente ensina a criança a desprezar os pais. Depois que a criança detectou uma falsidade por parte dos pais, ela não vai acreditar neles quando falarem a verdade. Essa maneira de agir destrói a sua sensibilidade de consciência e lhe ensina as artes do engano. Quais são as vantagens dessa prática?

Que se recorra à compulsão quando necessário for, mas nunca ao engano. Se uma criança não pode ter confiança implícita nos seus pais, com certeza, nenhuma confiança pode ser esperada da criança. É possível que uma mãe pratique as artes do engano e da falsidade, e ao mesmo tempo, cultive em sua filha um caráter de franqueza e verdade? Quem pode, por um momento, supor isto? *Nós devemos ser o que queremos que nossos filhos sejam*. Eles irão formar o caráter deles a partir do nosso.

Terça-feira
Duas Maneiras de
Lidar com Situações Difíceis

Uma mãe estava, certa vez, tentando persuadir o seu filhinho a tomar um remédio. O remédio era muito amargo, e ela, para o induzir a tomá-lo,

declarou que o gosto não era ruim. Ele não acreditou nela. Ele sabia, por triste experiência, que não podia confiar na palavra da mãe. Um senhor amigo que estava presente tomou a colher com o remédio e falou:

– Tiago, isso é um remédio, e tem um gosto muito ruim. Eu também não gostaria de tomar, mas eu tomaria, se fosse preciso. Mas você tem coragem suficiente para engolir uma coisa de gosto ruim, não tem?

– Sim – disse Tiago, parecendo um pouco menos emburrado – mas esse remédio é bem ruim mesmo!

– Eu sei – disse o senhor – eu imagino que você nunca provou uma coisa pior!

O senhor, então, provou o remédio ele mesmo e disse:

– Realmente! Que gosto horrível! Mas agora vamos ver se você tem coragem suficiente para engolir isso, por pior que seja.

O menino, hesitantemente, tomou a colher. O amigo o encorajou:

– O gosto é realmente horrível, mas a melhor maneira é ajuntar toda a sua coragem, e engolir de uma vez, como um homem.

Tiago fez, ao engolir a dose, um esforço realmente muito grande para uma criança. E agora, quem a criança vai respeitar mais? A sua mãe enganadora, ou o estranho que lidou honestamente com ela? E em quem ele vai acreditar mais prontamente daqui para a frente?

Deve, contudo, ser ressaltado que, se a criança tivesse sido governada apropriadamente, ela teria de uma vez, e sem murmuração, tomado o que a mãe apresentou. Também se poderia certamente supor o caso de que, mesmo depois de todos os argumentos daquele senhor, a criança ainda teria se recusado a fazer o seu dever. Que curso deveria então ser tomado? Em um caso desses, recorra à compulsão, mas nunca ao engano.

Não podemos enganar os nossos filhos sem machucá-los seriamente e sem destruir a nossa própria influência. Um relacionamento franco e aberto é a política única e mais segura no governo familiar, assim como no cenário mais amplo da vida. As artimanhas ardilosas e as manobras astutas do enganador certamente irão, no final, promover a sua própria derrota. Seja sincero e honesto, e você estará seguro. O único caminho certo de assegurar resultados benéficos é através de meios virtuosos e honestos.

Quarta-feira
Encorajar em Vez
de Criticar

Criticar Constantemente

Não fique achando faltas continuamente. Às vezes, é necessário censurar e punir. Mas muito pode ser feito ao se encorajar as crianças quando elas fazem o bem. Seja ainda mais vigilante para expressar a sua aprovação da boa conduta do que a sua desaprovação da conduta ruim. Nada pode desencorajar mais a criança do que aquele espírito, por parte dos pais, que fica sempre e excessivamente achando problemas. E quase nada pode exercer uma influência mais maléfica sobre a disposição, tanto dos pais como da criança. Há dois grandes motivos que influenciam as ações humanas: esperança e medo. Ambos são, às vezes, necessários. Mas quem não iria preferir ter a sua criança influenciada para a boa conduta pelo desejo de agradar do que pelo medo de ofender? Se uma mãe nunca expressa a sua satisfação quando os seus filhos fazem o bem, e está sempre censurando quando vê qualquer coisa imperfeita, eles ficam desencorajados e infelizes. Eles sentem que não há proveito algum em tentar agradar. As suas disposições ficam endurecidas e amarguradas pela preocupação incessante, pois elas descobrem que, no final das contas, quer elas façam bem ou mal, elas serão igualmente achadas em falta. Elas desistem de todos os esforços de agradar, e se tornam calejadas às admoestações.

Que a mãe aprove a conduta de seus filhos sempre que puder. Que ela mostre que o bom comportamento deles a faz sinceramente feliz. Que ela recompense os seus esforços de agradar por seus sorrisos e carinhos. Dessa maneira, ela irá nutrir no coração de suas crianças um dos mais nobres e desejáveis sentimentos da nossa natureza. Ela irá cultivar neles uma disposição amável e um espírito alegre.

Digamos que o seu filho tenha sido, durante o dia, muito agradável e obediente. Logo antes de colocá-lo para dormir, tome a sua mão e diga-lhe:

– Meu filho, você foi um menino muito bom hoje. Fico muito feliz de ver você tão bondoso e obediente. Deus ama criancinhas que são obedientes a seus pais e Ele promete fazê-las felizes.

Essa aprovação da sua mãe é, para ele, uma grande recompensa. E quando, com um tom de voz mais carinhoso do que o ordinário você diz pra ele:

– Boa noite, meu filhinho.

Então ele vai para a cama com o seu pequeno coração cheio de bons sentimentos. E quando ele fecha os olhos para dormir, ele está feliz, e resolve que vai sempre tentar fazer o seu dever.

Quinta-feira
Os Dois Comandantes

Basil Hall descreve assim o efeito produzido num navio de longas viagens, pelos diferentes modos de governo adotados por comandantes diferentes:

“Quando um desses oficiais comandantes voltava ao navio depois de estar ausente por um ou dois períodos, um deles agia assim: depois do café da manhã, ele fazia a sua checagem periódica nos deques. Era o seu hábito constante olhar cuidadosamente ao redor, para descobrir o que estava errado; para detectar a coisa mais minúscula que estivesse fora de lugar; enfim, para achar o maior número possível de motivos para censura. Isso constituía, em sua opinião, o melhor preventivo para a negligência por parte daqueles sob o seu comando, e ele agia dessa maneira carrancuda por princípio.

Já com o outro comandante, ao contrário, a sua atenção parecia ser dirigida principalmente para aqueles pontos que ele poderia aprovar. Por exemplo, ele parava, à medida que andava, de quando em quando, para dizer para o primeiro-marinheiro: ‘Essas cordas foram muito bem arrumadas’; ‘esse modo de guardar as sacolas e bagagens dos marinheiros é exatamente como eu gostaria de ver’. Enquanto o primeiro oficial descrito não apenas passava por cima dessas coisas que estavam bem arrumadas – que haviam custado horas de trabalho para arrumar, mas que poderiam passar despercebidas – a verdade é que ele não ficava tranquilo enquanto o seu olhar não houvesse captado alguma omissão casual que desse uma abertura para desaprovação.

Um desses comandantes dizia para o primeiro-marinheiro, ao passar: ‘Você deixou os deques tão brancos e limpos. Eu acho que você trabalhou neles a manhã toda para conseguir deixá-los tão arrumados’. O outro, em circunstâncias similares, mas sempre buscando encontrar um problema, iria dizer, mesmo que os deques estivessem limpos e brancos como a neve: ‘Você deveria ensinar os varredores a guardar esses montes de corda, apontando para um pedaço de corda, de um centímetro, deixado debaixo de um baú’. Parecia, em suma, como se nada fosse mais vergonhoso para aquele comandante do que descobrir que as coisas estavam tão corretas que não lhe sobraria nenhum motivo para achar falta. Enquanto, para o outro, a necessidade de censurar realmente lhe era um sofrimento.

Sob um, trabalhávamos todos com alegria, pela convicção de que nada que fizéssemos de uma maneira correta deixaria de ser aprovada. Mas o nosso dever sob o outro, sendo feito por medo, raramente era feito com alegria. Não tínhamos nenhuma satisfação pessoal de fazermos as coisas corretamente, pela certeza de que não teríamos nenhum elogio. Também, a grande chance de sermos censurados, mesmo naqueles casos onde tínhamos trabalhado com grande esforço para merecer aprovação, desestimulava todos os esforços generosos e, ao nos ensinar que seríamos culpados em qualquer circunstância, destruía o próprio propósito da punição, quando ela caía sobre nós. Sendo o caso tão desesperançado, o castigo raramente conduzia para a correção de um ofensor, ou para a prevenção de ofensas. Mas o que parecia a coisa mais estranha de todas era que esses homens eram ambos extremamente bondosos. Ou, se havia alguma diferença, o que ficava achando falta era o que tinha uma natureza melhor, e em assuntos não profissionais, era o mais indulgente.

A linha de conduta que eu descrevi não expressava, de maneira alguma, os sentimentos dos comandantes; era puramente uma questão de método de governo. Mas, como parecia ali, e ainda parece para mim, nada pode ser mais completamente errôneo do que o método bravo de um, e nada pode ser mais decididamente calculado a fazer o bem do que o estilo aprovador do outro. E, de fato, sempre tem parecido a mim um absurdo fazer qualquer distinção real entre assuntos públicos e privados a esse respeito.

Nem há a menor razão para se pensar que esse princípio de civilidade, ou consideração, ou qualquer que seja o nome que se dê a essa qualidade, na qual os sentimentos dos outros são consultados, irá prejudicar os desempenhos profissionais, mesmo da sociedade mais livre, nem se deve temer qualquer risco de que a firmeza da disciplina seja prejudicada por tal atenção às boas maneiras.

O desejo de descobrir que as coisas estão certas, e o desejo sincero de expressar a nossa aprovação são hábitos que, em quase toda situação da vida, têm o melhor efeito possível na prática. Esses hábitos, sem dúvida, são vastamente mais agradáveis para o próprio superior, seja ele o coronel de um batalhão, o capitão de um navio, ou o líder de uma casa; pois o mero ato de aprovar apenas raramente falha em pôr os pensamentos de um homem naquele trem agradável que o predispõe a ser habitualmente satisfeito. Essa própria disposição mental já tem em si essa capacidade de propagar uma alegria similar entre todos os que estão à sua volta. Ela requer, de fato, só uma pequena experiência de liderança sobre soldados, marinheiros, crianças, servos ou qualquer outro tipo de dependentes, ou mesmo no relacionamento entre amigos e superiores, para mostrar que esse bom humor, da parte daqueles que queremos influenciar, é o melhor coadjuvante possível para o nosso esquema de administração, seja este qual for.”

Sexta-feira
Os Sorrisos da Mãe Animam os Corações
dos Filhos

O exercício sábio da aprovação é de primeira importância na promoção da obediência, e em cultivar afeição e sentimentos alegres no coração de sua criança. Que os seus sorrisos animem os corações de seus meninos e os alegrem no dever.

Quando eles voltam da escola com as roupas limpas e a face alegre, recompense-os com a manifestação daquele amor de mãe. Isso será o maior incentivo ao cuidado e asseio.

Um senhor inglês costumava encorajar os seus filhos a acordarem cedo ao chamar o primeiro que aparecia na sala, cedo de manhã, de cotovia

[pássaro que acorda cedo e não perde as coisas boas da vida - nota do tradutor]. O que acordava cedo era chamado por esse nome durante o dia. A menor expressão de aprovação parental demonstrou ser um estímulo suficiente para chamar todas as crianças a aproveitarem cedo o ar fresco da manhã. Uma criança frequentemente faz um esforço muito grande para fazer alguma coisa que mereça um sorriso da sua mãe. E as mais amargas lágrimas são frequentemente derramadas porque pais não se compadecem suficientemente com eles em seus sentimentos.

Muitas vezes, o usufruto de boas relações sociais e a disposição de muitas crianças afetuosas são prejudicadas por incessantes reclamações. Algumas pessoas desenvolvem um hábito tão grande de achar faltas que isso se torna tão natural para elas como respirar. Nada lhes agrada. Em cada ação e em cada evento eles estão procurando alguma coisa para desaprovar. Como répteis venenosos, eles tem a faculdade de colher e produzir veneno das mais escolhidas sortes. Crianças são, em grande parte, criaturas de simpatia (no sentido de *afinidade*). O caráter delas é formado a partir do caráter daqueles ao seu redor. E nós devemos cultivar em nosso próprio coração aquelas virtudes que queremos encorajar em seus corações. Se quisermos lhes transmitir sentimentos calmos, gentis e amigáveis precisamos, primeiro, lhes mostrar pelo nosso próprio exemplo como esses sentimentos são valiosos.

Capítulo 6

Instrução Religiosa: Quem, Quando e Como?

SEMANA 16
Segunda-feira
O Dever Primordial
dos Pais

Quem Deve Dar a Instrução Religiosa?

Na instrução religiosa das crianças, mencionaremos a seguir alguns princípios importantes que devem ser mantidos em mente:

Os pais devem fazer do treinamento religioso dos seus filhos o seu próprio dever pessoal. Um sucesso muito grande tem acompanhado os esforços que têm sido feitos para reunir-se crianças em escolas dominicais para a instrução religiosa. Associações maternas também têm sido de valor inestimável, mas nada pode suplantiar a necessidade do esforço e da instrução que acontece dentro de casa. A mãe deve reunir o seu pequenino rebanho ao redor de si e tomar sobre si a responsabilidade da sua instrução religiosa. Ela pode tirar proveito e benefícios em se associar a outros para oração e, se ela for fiel, ela cuidará para que os seus filhos sejam fiéis participantes das reuniões da igreja. Mas que ela não pense que estes deveres a estão exonerando da sua responsabilidade, de maneira alguma.

A influência das escolas dominicais tem, sem dúvida, tendido a despertar um interesse mais generalizado nos lares em favor do bem-estar espiritual das crianças. Ainda assim, há o perigo de alguns pais sentirem que a responsabilidade está sendo transferida de si mesmos para os professores de escola dominical; e que eles estão realizando o seu dever se simplesmente certificarem-se de que os seus filhos estão frequentando fielmente a escola e estão bem empenhados em suas lições. É, contudo, de primeira importância,

que o lar seja o santuário da instrução religiosa. A mãe deve ser um guia sincero e afetuoso ao Salvador. Ela deve tomar os seus pequeninos pela mão, e guiá-los nos caminhos da piedade.

Terça-feira
As Vantagens
Únicas das Mães

Possivelmente, ninguém mais poderá ter a influência que a mãe possui, ou as facilidades das quais ela desfruta. Ela conhece as várias disposições dos seus filhos; os seus hábitos de pensamento; os seus estados de espírito. Assim, ela pode adaptar a instrução às suas necessidades. Somente ela pode utilizar os incontáveis acontecimentos que abrem a mente para a instrução, e a tornam suscetíveis à impressão religiosa. Ela está com eles quando eles estão doentes e com dor. Ela pode tomar vantagem da calma da manhã, e da solene quietude da noite. Nos momentos de tristeza, ela pode direcionar as suas mentes para mundos mais gloriosos, e para alegrias mais satisfatórias.

Deus tem conferido à mãe vantagens que ninguém mais pode possuir. Com essas vantagens, Ele tem conectado responsabilidades que não podem ser deixadas de lado ou transferidas a outros. É em casa, portanto, e pelos pais, que o grande dever da educação religiosa deve ser realizado de maneira principal. A sala quieta é o santuário mais sagrado; a afeição materna é a pleiteadora mais eloquente, e uma criança obediente é o objeto mais promissor das impressões religiosas. Que as mães sintam isso como deveriam, e raramente elas verão os seus filhos deixarem o teto paterno sem possuírem corações fortalecidos com os princípios cristãos e com a sincera piedade.

Quarta-feira
Pais Descrentes
São os Destruidores
das Almas dos
Seus Filhos

Os próprios pais precisam ter profundos sentimentos devocionais. Certamente, será inútil você esperar induzir os seus filhos a fixarem as suas afeições no mundo vindouro, enquanto as suas próprias afeições estão

fixadas neste mundo. O seu exemplo, em tal caso, irá contradizer toda a influência das suas instruções. A menos que os sentimentos cristãos animem o seu coração, é tolice esperar que você poderá instilar estes princípios nos corações dos seus filhos. Eles irão imitar o seu exemplo. Eles confiam na sua direção. Aquela criancinha que Deus lhe deu, e que fica tão feliz com o seu carinho, sente-se segura em prezar por aqueles sentimentos que ela vê que você está valorizando. E então, mãe? Você pode olhar para a sua criança que confia em você, e testemunhar todos os seus agrados afetuosos e abraços calorosos, e não sentir remorso na consciência pelo fato de que o seu exemplo está conduzindo-a para longe de Deus, e reservando para ela a tristeza que nunca cessará?

Você ama o seu filho. O seu filho também ama você e não pode nem sonhar que você esteja abusando da sua confiança e conduzindo-o nos caminhos do pecado e da destruição. Como ele ficaria chocado se lhe dissessem que a sua mãe é uma traidora cruel da sua eterna felicidade! Mãe, se você está casada com o mundo, você ainda não entregou o seu coração a Deus! E assim, sem se contentar com a destruição da sua própria alma, você ainda quer carregar consigo, para o mundo do lamento eterno, esta criança que lhe ama como a sua própria mãe e amiga. Oh! Há nisso um agravo de crueldade que não pode ser descrito. Seria de se esperar que cada sorriso que você visse no rosto do seu filho perturbasse a sua paz; que cada prova da sua afeição viesse a partir o seu coração; que o remorso lhe mantivesse acordada no meio da noite, e amargurasse cada instante do seu dia. O assassino do corpo mal pode suportar os agulhões da consciência. Mas ó, pais descrentes! Vocês são os destruidores da alma; e de que alma? A alma da sua própria criança, aquela que habita tão confiadamente junto a você.

Quinta-feira
Os Pais são os Guias
dos seus Filhos para
a Imortalidade

Não podemos falar sobre esse assunto de maneira menos incisiva. Estamos aqui pleiteando as injustiças sem paralelo que são traídas pelo sorriso e pelo beijo das mães. Satanás conduziu Adão para fora do paraíso.

Judas traiu o seu mestre. Mas neste caso, nós vemos uma mãe guiando o seu filho, o seu próprio filho imortal, para longe de Deus e da paz, para a rebelião do mundanismo e para as tempestades da retribuição. Aquela criancinha que segue os seus passos é herdeira da eternidade. Ela há de sobreviver o intervalo de todos os anos subsequentes para emergir das corrupções do túmulo, para expandir em existência espiritual, seja voando na alta luz dos anjos, ou tateando nas trevas dos demônios. Você, ó mãe, é o seu guia para a imortalidade, para os pastos verdejantes do céu, ou para a abominável desolação do desespero! Se você continuar em impenitência e pecado, o seu filho, com toda a probabilidade, irá com você.

Eu ouvi sobre uma jovem que, no seu leito de morte, levantou os seus olhos para os seus pais e exclamou, em amargura de espírito:

– Ah! Meus pais, vocês nunca me falaram sobre a morte, nem me instaram a me preparar para ela, e agora – ela disse, explodindo numa agonia de lágrimas – eu estou morrendo, e a minha alma está perdida!

Ela morreu; o seu sol se pôs em escuridão. Agora, quais foram os sentimentos daqueles pais! Que agonia deve ter partido os seus corações! Imagine como o espectro da sua filha arruinada lhes tem perseguido em todos os afazeres do dia, e impedido o seu sono à noite!

Lembrem-se, pais, que embora a morte um dia venha a lhes separar dos seus filhos, vocês os encontrarão novamente. A trombeta do julgamento os convocará ao tribunal de Cristo. Quão infrutíferas seriam as tentativas de descrever os seus sentimentos ali, se puder ser provado que vocês têm sido os destruidores das almas deles.

“Aquele dia terrível certamente virá,

A designada hora se apressa.”

A morte é sucedida pelo julgamento, e o julgamento, pela eternidade. Se você é o responsável pela destruição do seu filho, por toda a eternidade você deverá sofrer o seu castigo. Você terá de olhar para a ruína do seu espírito imortal, enquanto a consciência lhe dirá que, se você tivesse sido fiel, você mesma e o seu filho poderiam estar repousando no céu.

Sexta-feira
Liderando

Não pense que você pode ir numa direção, e induzir o seu filho a andar por outra. Você deve não apenas *apontar* para o céu, mas *liderar* o caminho. A primeira coisa que precisa ser feita, cara mãe, é entregar, você mesma, o seu próprio coração a Deus. Torne-se uma crente fiel, você mesma, e só então você pode esperar pelas bênçãos de Deus sobre os seus esforços de guiar a sua criança ao Salvador. Nós suplicamos a toda mãe que vier a ler estas páginas, e que valoriza a sua própria felicidade e a felicidade de seus próprios filhos, que imediatamente submeta o seu coração a Deus. O sangue propiciatório removeu toda a dificuldade do caminho. O Santo Espírito está pronto, em resposta às suas orações, a lhe dar toda a assistência necessária. A cada hora que você negligencia este dever, você está levando as suas crianças para mais longe de Deus, e tornando a expectativa do seu retorno ao justo caminho ainda mais desesperançada.

É inútil esperar que você possa fazer qualquer coisa efetiva para ganhar a alma dos seus filhos para Deus sem possuir sincera piedade. A mãe que se esforça para imprimir em seus filhos um sentimento de gratidão a Deus porque friamente pensa ser este o seu dever verá, no fim, que os seus esforços foram em vão. Ao invés de gratidão, ela vai incitar apenas cansaço e aborrecimento. Contudo, se o próprio sentimento de gratidão está aceso em seu coração, ele é como uma chama que logo se espalhará e se acenderá nos corações de seus filhos.

Talvez alguns dos pais que estão lendo este volume não estejam reconciliados com Deus. Mas eles têm filhos que Deus lhes mandou educar na piedade. Se a piedade sincera e devota nos pais é um requisito indispensável, o que eles devem fazer? Esta é uma pergunta difícil, um caso muito difícil mesmo. Um indivíduo é colocado nesse mundo para ser provado, e Deus diz a ele ou a ela: “vem, e sê meu, e em poucos anos, eu te chamarei para um lar de paz e alegria perpétua”. Os seres assim chamados hesitam – olham para o mundo, olham para o céu – e então se demoram um pouco, e depois se decidem contra Deus, e começam a andar deliberadamente avante naquela estrada descendente. Eles já têm percorrido uma boa distância nessa terrível descida, quando uma criancinha indefesa é

colocada sob os seus cuidados. Eles a tomam pela mão e a guiam adiante. A criança não sabe para onde está indo. Ela ama os seus pais – confia neles – e acredita piamente que eles nunca vão guiá-la para nenhum perigo. Ela se apegue, portanto, bem junto a seus pais, e prossegue caminhando, sem temor algum. Mas os pais não se sentem completamente à vontade. Uma mãe, sob tais circunstâncias, quando ela compreende minimamente qual é a sua situação, não pode continuar tranquilamente levando um filho nessa descida. Portanto, os pais hesitam por um momento no seu caminho, e então tentam mandar o seu filho de volta, caminho acima. Eles lhe dão alguma instrução religiosa – eles lhe ensinam a Bíblia, e mandam-no à escola dominical, na esperança de que será persuadido a retornar, enquanto eles seguem na estrada para a ruína. Que loucura! Mãe, busque a Deus você mesma, e o seu filho talvez a acompanhe. Mas você não pode esperar que ele vá entrar pelo portão estreito, enquanto você está seguindo no caminho largo.

SEMANA 17

Segunda-feira

A Piedade ou o Temor de Deus é a Fonte da Verdadeira Felicidade

O Como e o Quando da Instrução Religiosa

Apresente a Religião sob um Aspecto Agradável. Não há verdadeira alegria sem a piedade cristã. A tendência da religião é nos fazer felizes aqui e no futuro; é despojar a mente da tristeza e enchê-la de alegria. Muitos pais erram neste respeito. Eles enfatizam muito os terrores da lei, falando com expressões faciais tristes e assustadoras. A religião se torna para a criança um assunto indesejável, e a criança a considera como destruidora da alegria. A ideia de Deus é associada com assombro e terror.

Muitos pais têm, nos seus últimos anos, se convencido da falta de sabedoria do curso que eles tomaram quanto a esse assunto, concluindo que, de tal modo, acabaram conectando as considerações religiosas com uma face melancólica e com um tom de voz triste, a ponto de terem tornado o assunto desnecessariamente repulsivo.

Nós podemos, sem dúvida, errar no extremo oposto. A natureza do pecado, a justiça de Deus e o terrível castigo da sua lei devem ser expostos

distintamente. A criança deve ser ensinada a considerar Deus como um ser que, ao mesmo tempo em que ama as suas criaturas, não pode olhar para o pecado sem ódio. Se falarmos com as crianças somente sobre a bondade do Criador, como manifestada nos favores que estamos recebendo diariamente, estaremos transmitindo uma impressão errada do caráter de Deus. É de se temer que elas venham a se iludir pensando que amam a Deus. Elas têm em suas mentes uma ideia poética de um ser amável e sentimental, cujo caráter é composto de carinho e indulgência. Tais pessoas estão tão longe de adorar o Deus verdadeiro quanto os índios ignorantes ou os muçulmanos idólatras.

Deus deve ser representado como Ele tem se apresentado a nós na Bíblia e nas obras da natureza. Ele é o Deus da misericórdia e da justiça. Ele é um Deus de amor, mas é também “um fogo consumidor”. Ele deve ser considerado com a nossa mais ardorosa afeição e também com reverência e piedoso temor.

Terça-feira
Conectando os
Ensinamentos
Religiosos com
Sentimentos
de Alegria

Portanto, as crianças precisam entender distintamente que o pecado não pode passar sem ser punido. Mas elas também devem entender que o julgamento é obra extraordinária de Deus. Ordinariamente, fale da bondade de Deus. Mostre a Sua prontidão para perdoar. Excite a gratidão da criança falando das alegrias do céu. Assim, busque que os deveres da religião sejam sempre conectados com sentimentos de alegria, e imagens de felicidade; que a criança possa perceber que o assombro e a tristeza são conectados apenas com a desobediência e com a irreligiosidade.

As alegrias prometidas do céu são suficientes para levantar os mais vivos sentimentos de uma criança. Esse assunto deve alegrar mais o coração da criança do que qualquer outro a ser apresentado. Apele à gratidão. Excite a esperança. Fale do galardão prometido. Assim, você pode esperar razoavelmente que o seu filho venha a amar o seu Criador, e a viver para o céu. Reserve os terrores da lei para ocasiões solenes, quando você pode

produzir uma impressão profunda e duradoura. Se você ficar continuamente introduzindo esses motivos sombrios, a mente se tornará endurecida contra a sua influência; a religião se tornará um assunto desagradável, e o hábito pecaminoso será confirmado.

Além da influência sobre a mente dos nossos filhos, o efeito sobre as nossas próprias mentes (de se ter uma visão alegre da providência e do governo de Deus) será o mais salutar. Nós devemos, a todo momento, nos lembrar de que a promoção da felicidade é o grande objetivo que Deus tem em vista, em todas as Suas operações. Para isso Ele fez o homem livre. Para isso Ele deu a sua lei. Cada tristeza que chega ao coração humano é enviada em amor, para promover a alegria real e verdadeira. Deus nunca aflige voluntariamente. Quando o coração está esmagado pelo maior peso de sofrimento, a voz de Deus declara que esse sofrimento é o meio que Ele está usando para banir o sofrimento eterno, e para encher o coração de alegria. Sim! Deus ama a felicidade, e está ocupado em todo o tempo e em toda parte do universo em adotar aqueles planos que Ele sabe serem os mais efetivos para realizar os Seus desejos benevolentes.

Quarta-feira

Momentos mais

Apropriados para a Instrução Religiosa

Utilize ocasiões apropriadas . Todos nós sabemos que, assim como acontece com toda criança, há momentos em que encontramos nossos filhos com uma consciência mais enternecida e num estado espiritual mais suscetível à impressão. Mudanças de humores, de fato, vêm sobre as mentes de todos, e, às vezes, por motivos inexplicáveis. Um dia, o crente sente os seus sentimentos devocionais aquecidos e uma elevação de gozo espiritual que, no dia seguinte, ele em vão busca conseguir. O homem cujas afeições estão fixas sobre o mundo, num certo momento, parece sentir-se quase que satisfeito com as alegrias que está experimentando. O mundo parece brilhante; a esperança é animada; e ele se entrega com renovado vigor aos seus projetos enganadores. No dia seguinte, contudo, todos os seus objetos de desejo parecem puras sombras. Ele sente o vazio dos seus prazeres. O seu espírito está triste dentro dele, e ele está quase resolvido a se tornar um

cristão. Com essas mudanças quase todos estão familiarizados. Às vezes, não podemos explicá-las por causas externas. Em outros momentos, as causas iludem a nossa inquirição.

As mães devem estar sempre atentas para usar ocasiões como estas. Quando uma mãe vê o seu filho com um espírito mais manso do que o normal, com uma face pensativa e sentimentos acalmados – que ela então busque a Deus em fervente oração e, com todas as persuasões do amor materno, busque guiar o seu filho em direção ao Salvador. Quando a mente da criança está num estado como este, ela está preparada para a instrução religiosa. Ela pode, então, sentir quão vazias são todas as alegrias que não as da piedade. O seu apego ao mundo é afrouxado, e ela pode mais facilmente ser levada a caminhar naquelas regiões ilimitadas onde poderá, daqui para a frente, achar o seu lar.

Oh, que doce prazer é apresentar as alegrias da religião para o seu filho, cujos sentimentos estão assim disciplinados; observar a lágrima de sentimento umedecendo os seus olhos; ver o seu pequeno peito se enchendo com as novas emoções que se levantam ali. Se há alegria neste mundo, ela deve ser achada numa cena como esta. A mãe feliz que assim está guiando o jovem imortal para o seu lar celeste experimenta um enlevo de sentimento que o mundo não conhece. Tais ocasiões surgem com frequência, e a mãe deve buscar sempre ter o seu próprio coração aquecido com amor a Cristo, para que, em tal hora, ela possa comunicar o calor dessa afeição ao peito de seu filho.

Quinta-feira
Épocas mais
Apropriadas para
Guiar os Pensamentos
para o Céu

Há certas épocas, também, que são peculiarmente apropriadas para guiar os pensamentos para o céu. Os nossos sentimentos variam com as cenas ao nosso redor. Em uma noite escura e tempestuosa, você leva seu pequenino para o seu quarto. A chuva bate violentamente sobre as janelas. O vento assobia ao redor dos cantos da casa. Tudo lá fora é escuridão e perigo. A

mente da criança é necessariamente afetada por esse furor dos elementos. Você abraça a oportunidade para inculcar uma lição de confiança em Deus:

– Meu filho, – você diz – é Deus quem está fazendo este vento soprar forte e o temporal cair. Nem o seu pai, nem eu podemos fazer essa tempestade parar ou ficar mais forte. Se Deus o quisesse, Ele poderia fazer o vento bater com tanta fúria a ponto de quebrar todas as janelas e destruir a casa. Mas Deus vai cuidar de você, meu filho, se você sinceramente pedir a Ele. Ninguém mais pode cuidar de você. Eu espero que você ore para que Deus proteja você, o seu pai e eu esta noite. Quando Deus mandar, a tempestade irá passar. As nuvens vão desaparecer; tudo ficará calmo. E a luz das estrelas cintilantes irá brilhar novamente.

Desta maneira, a criança pode ser ensinada a sua total dependência de Deus. E sob tais instruções, ela não poderá deixar de obter uma profunda impressão do poder do seu Criador. Você pode ensinar que Deus é Onipotente, e isso produzirá uma impressão bem fraca na criança, mas aponte para alguma exibição real do poder de Deus, e você verá que a atenção dela é cativada e a verdade é sentida. Quando a mãe deixa o quarto, e o seu filho permanece sozinho e na escuridão, ouvindo o rosnar da tempestade, a sua mente não se expandirá com novas ideias acerca da grandeza e do poder do seu Criador? Ele não sentirá que é uma coisa temível ofender a tal Ser? E se ele tem sido bem instruído a pôr a sua confiança em Deus, a agitação dos elementos não irá perturbar a serenidade do seu coração. Ele sentirá que, com Deus como seu protetor, ele não precisa temer nenhum mal.

Algumas situações simples como esta podem frequentemente ser aprimoradas para produzirem uma impressão que nunca será esquecida. Pensamentos tais como esses, introduzidos à mente da criança, irão expandir as suas capacidades, dar a ela maturidade, levá-la à reflexão, e, pela bênção de Deus, promover o seu bem-estar eterno. Um incidente transitório como esse tem maior efeito do que horas de conversas religiosas ordinárias.

Um dos deveres mais importantes da mãe é ficar atenta para tais ocasiões e usá-las diligentemente. Qualquer mãe que for fiel achará oportunidades

inúmeras que irão habilitá-la a entrar em contato quase direto com o coração de seu filho.

Sexta-feira
Como Utilizar
Momentos Tristes para
o Ensino Religioso

A hora da doença vem; a sua filhinha está com febre e agoniada sobre o seu travesseiro. Você banha a testa fervente, e umedece a língua seca, e ela ouve a sua oração para que ela possa ser restaurada à saúde. Por fim, a febre diminui. Ela acorda de um sono renovador, aliviada da dor. Você diz a ela, então, que, se Deus não tivesse agido em seu favor, a sua doença poderia ter piorado até ela morrer. Mas chamando a atenção dela para esse ato da bondade de Deus, que ela pode ver e sentir, você pode excitar emoções de sincera gratidão. Você pode então levá-la a sentir uma tristeza verdadeira, toda vez que ela vier a desobedecer o seu Pai celeste.

Uma criança na vizinhança falece. A sua filha a acompanha ao funeral. Ela olha para o corpo sem vida da sua pequena amiguinha. Que mãe tem o direito de negligenciar tal oportunidade de ensinar à sua filha o sentido da morte? Quando a sua filha for dormir à noite, ela com certeza irá pensar na sua amiguinha que morreu. Ao falar com ela acerca do mundo espiritual para o qual a sua amiga foi, do trono de julgamento de Deus, das novas cenas de alegria ou de miséria que ela adentrou, o seu jovem coração não irá sentir essas verdades? E as lágrimas de simpatia não encherão os seus olhos? E, ao dizer à sua filha que ela também logo vai morrer, que ela vai deixar todos os seus amigos, aparecer diante de Deus para ser julgada, e entrar na existência eterna, os acontecimentos daquele dia não darão uma realidade e efetividade às suas observações que serão lembradas por muito tempo? Poucas crianças podem resistir à apelos como estes. O Salvador que tomou pequenas crianças em seus braços, e as abençoou, não desprezará este dia das pequenas coisas, mas irá acalantar os sentimentos assim estimulados e fortalecer a resolução fraca. Nós temos todo o encorajamento para acreditar que Deus, que está mais pronto para dar o Seu Santo Espírito

àqueles que lhe pedem, do que uma mãe para dar de comer à sua criança faminta, acompanhará esses esforços com a Sua bênção.

Um pai, certa vez, levou a sua filhinha ao cemitério para lhe mostrar o túmulo de uma coleguinha que, alguns dias antes, havia falecido. A menininha olhou por alguns momentos, em silêncio e em tristeza, sobre o monte de terra nova e então, ao olhar para cima, disse:

– Pai, eu sei o que significa o hino:

“Eu, no cemitério posso ver
Túmulos menores do que eu”.

– O meu túmulo seria mais longo do que esse.

Hoje, essa querida criança também está deitada ao lado daquele túmulo, mas os seus pais podem sorrir através das lágrimas, ao crerem que o seu espírito está no céu. É ao introduzir crianças a cenas como essas, e aproveitando ocasiões assim, que nós podemos mais bem sucedidamente inculcar as lições de piedade. Um incidente como este penetra mais profundamente no coração do que volumes de conversa normal.

SEMANA 18

Segunda-feira

Como Usar

Situações do Dia-a-Dia
no Ensino Religioso

Você está, talvez, passeando com o seu filho. É uma manhã linda de verão. Os campos estão espalhados diante de vocês em beleza. O canto do pássaro é ouvido. Toda a natureza parece estar soando uma voz de alegria. Ao emitir alguma palavra que lhe dê uma visão imperativa de toda a variada beleza da cena – de monte e vale, de riachos e florestas, de pastos verdejantes e rebanhos mugindo – você com certeza não iria falhar em dirigir a atenção do seu filho para essas belezas, e a partir delas, conduzir a sua mente Àquele cuja palavra chamou todas essas coisas à existência. Não é certo que assim você iria direcionar mais efetivamente os seus pensamentos para o céu? Você não iria, assim, guiar a sua mente para os pastos verdejantes e às águas calmas onde há repouso doce para sempre? Não seria mais fácil introduzi-lo àquele bom Pastor que ali protege o seu

rebanho, ajuntando as suas ovelhinhas nos seus braços e as abraçando em seu peito? Não é verdade que a língua de uma mãe ou pai aqui pode falar com uma eloquência maior do que a de muitos púlpitos?

Ao aproveitar cuidadosamente ocasiões como essas, você pode produzir uma impressão sobre a mente que todos os anos futuros não poderão remover. Você pode conectar tão intimamente os sentimentos devocionais com os eventos sempre variantes e cenas mutáveis da vida, que cada ocorrência do dia-a-dia irá guiar os pensamentos do seu filho a Deus. A tempestade furiosa, a hora da doença, o enterro e o soar do sino irão, por toda a sua vida futura, reconduzir os pensamentos do seu filho de volta à instrução e às orações da sua mãe. Ainda que o seu filho, daí por diante, venha a ser um vagueador longe de casa, seja sobre as montanhas, ou viajando pelos mares, a sua mente será involuntariamente levada Àquele que edificou as montanhas e que rege as águas. Em todas essas ocasiões, portanto, que produzem um efeito tão vívido sobre a mente, busque conectar a elas as visões de Deus e do céu.

Terça-feira
Exemplo de Uma
Lição Inesquecível

Eu nunca poderei esquecer a impressão feita sobre a minha própria mente por uma observação muito simples que, sob circunstâncias ordinárias, não seriam lembradas nem por uma hora. Essa é uma ilustração tão boa do princípio que estamos agora considerando que ela vence a minha própria relutância em apelar para experiências pessoais. Um dia, nos primeiros anos da minha infância, o meu pai me deu uma pequena bolinha coberta de couro, como a que os meninos normalmente usam para brincar. Sábado de manhã, enquanto eu brincava com ela na escola, ela foi acidentalmente jogada por cima do muro e perdida. Nós a procuramos por muito tempo, em vão. Esta perda para mim foi tão difícil quanto seria para um homem perder metade da sua fortuna. Eu fui para casa, e derramei a minha tristeza diante da minha mãe. Ela tentou me consolar, mas com que efeito, eu não consigo agora lembrar. O dia seguinte era domingo. Eu passei o dia com uma propriedade mais do que ordinária. O meu hino, que

costumava ser cantado no domingo, foi cantado perfeitamente. Sentado em minha pequena cadeira, à lareira, eu passei um dia quieto e alegre, lendo e fazendo os diversos deveres apropriados a um dia santificado. A minha conduta foi tal que levou os meus pais a fazerem comentários de aprovação quando eu me despedi deles à noite, com um espírito tranquilo, para ir dormir.

No dia seguinte, como de costume, eu fui para a escola. A bola perdida ocupava a minha mente enquanto eu andava. Ao passar sobre a cerca para o campo em que eu havia procurado a bola por tanto tempo e sem resultado no sábado precedente, quase que o primeiro objeto que eu vi foi justamente a minha bola, parcialmente escondida por uma pedra. Ao meio dia, eu corri apressadamente para casa para avisar a minha mãe, sabendo que ela iria se alegrar comigo em minha alegria infantil. Ela comentou que o eminente senhor Hail havia dito que ele nunca passara um domingo bem observado sem que ele fosse bem sucedido na semana seguinte.

– “Você se lembra, meu filho” – ela continuou – “como você foi um bom menino ontem? Isso lhe mostra que, se você quer ser alegre e próspero, você deve se lembrar do dia do Senhor, e o santificar”. Se essa observação do Sr. Hail é verdadeira, sem exceção, não é o caso de se inquirir agora, embora de que isso normalmente é verdadeiro, poucos duvidarão. Mas o fato é que essa observação, em virtude da conexão com a qual foi feita, produziu uma impressão sobre a minha mente que nunca será apagada. Todos os outros eventos daquela tenra idade já, há muito, pereceram da minha memória, mas este permanece vivo e proeminente. Frequentemente, essa lembrança tem me levado a uma observação escrupulosa do domingo; e até o dia presente, eu posso distintamente perceber a sua influência. A conexão em minha mente entre a bênção de Deus e a observância do domingo é tão íntima que mal chega uma manhã de domingo em que ela não seja involuntariamente lembrada. Provavelmente, cada leitor pode trazer à mente uma ocasião semelhante que tem fixado uma impressão inapagável sobre a sua mente. Se uma mãe for sempre vigilante para aproveitar oportunidades assim, ela fará as suas instruções bem mais efetivas do que seriam de qualquer outra maneira, e evitará completamente o perigo de fazer da religião um assunto cansativo e desagradável.

Quarta-feira
Como Aproveitar
Oportunidades Únicas
para Falar sobre a Eternidade

Difícilmente, haverá uma pessoa tão despreocupada com a eternidade e tão oposta à piedade, que ela não ouvirá, pelo menos às vezes, a conversas religiosas. Certa vez, um senhor cristão estava à bordo de uma embarcação na qual os seus ouvidos estavam sendo frequentemente ofendidos pela linguagem profana de um garoto de cabine rude e incontrolável. Ele resolveu buscar alguma oportunidade para conversar com ele. Uma tarde, o senhor estava deitado, enrolado em sua manta sobre o andar de cima, com um rolo de corda por seu travesseiro, deleitando-se nas belezas do cenário do oceano. Uma brisa suave estava enchendo as velas e levando o navio rapidamente sobre as águas onduladas. As ondas estavam brilhando com seu refulgir resplandecente, e refletiam, em seus inúmeros pontos, os raios da lua. Nenhuma nuvem obscurecia as milhares de luzes que estavam penduradas na “grande circunferência da natureza”.

Aconteceu de o garoto da cabine estar ocupado ajustando algumas cordas perto do lugar onde o senhor estava deitado, aproveitando a riqueza de seus pensamentos vagueantes. Algumas palavras de conversa inicial foram trocadas entre eles, sobre algum assunto ordinário. A atenção do menino foi então, por uma transição fácil, dirigida às estrelas. Ele manifestou crescente interesse quando algumas observações simples, porém marcantes, foram feitas sobre os fatos que a astronomia tem nos ensinado. Daí, a mente do menino foi conduzida a pensar no céu. Ele ficou observando as estrelas enquanto o senhor falava do mundo de glória e das mansões que Cristo foi preparar. Ele ouviu, com sentimentos subjugados, e com uma atenção tal que parecia nem respirar à medida que a conversa lhe desvendou a terrível cena do Julgamento. À esta altura, a sua mente estava preparada para uma alusão direta aos seus próprios pecados. Ele estava prestando atenção respeitosamente, enquanto estava sendo encorajado, de maneira bondosa, mas honesta, a se preparar para se encontrar com Cristo no julgamento.

O efeito produzido na mente desse ímpio rapaz foi evidentemente dos mais poderosos. Se ele foi duradouro ou não, o senhor não teve

oportunidade de certificar-se. Mas ao tirar proveito da quietude da noite e da impressionante cena, o espírito turbulento daquele menino foi, pelo menos por um tempo, subjugado. A instrução religiosa foi comunicada à sua mente voluntariamente, e é provável que ele irá, frequentemente, enquanto um vagueador sobre o oceano, olhar para as estrelas nas suas vigílias da noite e pensar no julgamento e no céu.

Quão frequentemente as mães podem aproveitar ocasiões semelhantes a estas para a instrução, enquanto, ao mesmo tempo, elas instigam um interesse profundo e impressionam efetivamente as mentes de seus filhos.

Quinta-feira

Quando Não Tratar de Assuntos Religiosos

Evite introduzir assuntos religiosos em ocasiões impróprias . Há momentos em que se causa um dano sério quando tentamos incitar os apelos da religião. O seu filho está com raiva. Seu rosto corado e seus movimentos agitados mostram a irritação pecaminosa da sua mente. Será que a mãe deveria agora conversar com ele sobre a pecaminosidade desses sentimentos e sobre o desprazer de Deus? Não. O momento é inoportuno. Fazer isso seria tão inútil quanto conversar com um alucinado ou intoxicado. Castigue-o pela sua irritação de alguma maneira que venha a amansar a sua ira e levá-lo à reflexão. Mas espere até que esses sentimentos tenham arrefecido para que então você tente raciocinar com ele sobre a impropriedade da sua conduta e sobre a sua necessidade de arrependimento. Ajoelhe-se ao lado de sua cama, no silêncio do quarto, e na hora pensativa da noite, quando a sua mente estiver calma, e o sentimento de raiva não estiver triunfando sobre a razão, e então ele lhe ouvirá e poderá se derreter em contrição. Quando Pedro negou ao seu mestre, ele o fez jurando e amaldiçoando. Mas quando os seus temores haviam diminuído, e veio a hora da reflexão, com um coração triste ele adentrou o átrio de Pilatos. Então, um único olhar do Salvador traspassou o seu coração e “ele saiu e chorou amargamente”.

Outro exemplo: uma criança está altamente excitada com emoções prazerosas. A sua atenção está tão completamente absorvida pelo objeto imediato do seu prazer que é quase impossível dirigir os seus pensamentos

para qualquer outro assunto. Se, sob estas circunstâncias, você tentar convencê-la da incerteza dos prazeres humanos, da sua própria pecaminosidade e de sua necessidade de um salvador, o esforço não apenas, com toda a probabilidade, será inútil, mas o assunto será tão mal-vindo a ponto de excitar aversão. Há momentos em que a mente está preparada com gratidão para receber a instrução religiosa; que essas ocasiões sejam utilizadas. Há outros, porém, quando a mente está tão manifestadamente engajada em um assunto que a absorve tão completamente, em que será vão apresentar a ela qualquer outro tema para reflexão. Se você não quer conectar religião com associações desagradáveis, e excitar a repugnância, então não suscite esse assunto em tais ocasiões.

Sexta-feira

Evitando Conversas Cansativas Sobre Assuntos Religiosos

Se um caçador entrar numa floresta, e andar por ali carregando a sua arma e atirando para todo lado, ele pode acidentalmente pegar alguma caça, mas certamente, ele irá muito mais assustar e espantar a caça do que assegurá-la. Se um pai, com um zelo cego e impensado, fica lançando comentários religiosos de maneira excessiva e aleatória, ele pode, por acaso, produzir o efeito desejado; contudo, as suas palavras irão mais frequentemente excitar a oposição e confirmar a rebelião do que levar à penitência e à oração.

Guarde-se contra conversas longas e tediosas sobre assuntos religiosos. A mente de uma criança não consegue se fixar, por nenhum período longo de tempo, sobre assunto qualquer, sem exaustão. Cada palavra emitida, depois que há manifestações de cansaço, fará mais mal do que bem. Se uma mãe exercitar o seu próprio julgamento e ajuntar sabedoria a partir da sua própria observação, ela logo adquirirá aquela facilidade de adaptar à cada ocasião aquela instrução que terá a maior tendência de fazer bem aos seus filhos. Regra nenhuma pode suplantiar a necessidade de vigilância e de reflexão pessoal.

Capítulo 7

Instrução Religiosa: Conteúdo, Práticas e Expectativas

SEMANA 19
Segunda-feira
Deixe a Bíblia
Dirigir a Instrução

O Conteúdo da Instrução Religiosa

A Bíblia: Histórias e Ensinos Aplicados

Faça da Bíblia o seu livro-texto na instrução religiosa de seus filhos . Poucas pessoas da época moderna obtiveram tanta celebridade como Lamartine. Como poeta, estadista e orador, ele encheu o mundo com a sua renomada fama. Quando ele era criança, a sua mãe foi a sua guia intelectual, e a Bíblia foi o livro com o qual ela o ensinou. Ela o inspirou com tudo o que é nobre em sua natureza, estimulando as suas afeições, iluminando a sua mente, guiando os seus pensamentos, formando os seus gostos. Para tudo isso, a Bíblia era o seu livro-texto. Sob a direção da Palavra de Deus, essa mãe guiou o seu rapaz nobre e entusiasmado pelos pomares e pelos riachos cristalinos do Éden. Da Bíblia, essa criança ajuntou o fruto, colheu as flores, e ouviu as canções do Paraíso. Ele viu diante de si a imagem de Adão e Eva na sua inocência e felicidade e, ao imaginar o primeiro casal naquele momento inicial e perfeito da sua história, ele viu e sentiu a beleza da santidade.

A queda veio com a sua tristeza e fulminante maldição. Na tempestade uivante, na desolação do jardim do Éden, e nas cansativas peregrinações dos nossos primeiros pais, quando expulsos do seu primeiro lar, aquela criança pôde ver a odiosidade do pecado. O dilúvio, então, se seguiu com a sua escuridão e trevas, e com as suas ondas contínuas a bater e a afligir um

mundo em desespero. O coração da criança pulsava imaginando a cena terrível à medida que os lábios da mãe contavam a história. Sua mente era dilatada e seu espírito totalmente elevado por esta ideia impressionante. Babel surgiu diante de seus olhos. A história de José e de sua vida de aventuras lhe inspirou com desejos superiores. Com Daniel, tudo o que é heróico e nobre foi despertado no seu peito e, a partir daí, também a resolução firme de que ele, um dia, também seria um herói cristão que ousaria fazer e sofrer o que for preciso, ainda que o leão esfomeado ruja, ou que a chama da fornalha quente resplandeça. O Salvador, em toda a perfeição da formosura do Seu caráter e em toda a grandeza de sublimidade moral, se tornava o objeto do amor e da admiração deste jovem. O seu peito se inflamava com emoções sublimes diante do relato de todos os acontecimentos das vidas dos apóstolos. O seu caráter foi, assim, formado sob o modelo dos heróis sagrados. A mãe, com a Bíblia, e pela benção de Deus, foi usada para o enobrecimento e para a salvação do seu filho.

Terça-feira
A Permanência
dos Ensinos
Bíblicos da Mãe

Por fim, ela morre e retorna ao pó. A vida, com suas tempestades, passa sobre o seu filho. Tentações tumultuam o seu caminho no ardor da juventude e no vigor da idade adulta. Mas há um anjo guardião sempre pairando sobre ele. A voz gentil e familiar que o ensinou na infância nunca se cala em seus ouvidos. O doce sorriso maternal nunca se apaga dos seus olhos.

Depois que longos anos de labor e de conflito se passaram, Lamartine resolveu visitar pessoalmente aquela terra sobre a qual as instruções da sua mãe tantas vezes haviam conduzido a sua jovem mente. O crepúsculo da tarde acabava de cair sobre os montes da Judéia, quando ele primeiro vislumbrou o seu contorno. A brisa fresca levava o navio sobre a extensão azul do Mediterrâneo, e a lua surgia brilhante sobre o Monte Carmelo, o Monte das Oliveiras e o Líbano. Foi a sua mãe quem primeiro guiara o seu

espírito à Terra Santa. E agora, os seus pensamentos involuntariamente se tornavam a ela:

– A minha mãe – ele diz – certamente está olhando, num momento como este, para a alegria do seu filho.

Com a alma repleta de emoção, com os olhos marejados em lágrimas, ele olha para os céus descobertos sobre ele e exclama:

– Mãe, querida, querida mãe, aqui eu estou, chegando perto da sua amada Jerusalém! Eu vou chorar sobre o monte das Oliveiras e o Calvário, sobre as margens dos rios e lagos, eu vou andar nas pegadas que o seu Salvador e que o meu Salvador andaram. Mãe, mãe querida, eu sei que a senhora está comigo e compartilha da mesma alegria de seu filho.

Quarta-feira

A Excelência da Bíblia para o Ensino Infantil

Assim, a comunhão espiritual que une o coração de uma criança à sua mãe sobrevive e continua a exercer o seu poder muito depois dessa mãe estar dormindo no túmulo. A Bíblia é a mais forte de todas as influências na criação desta comunhão. Há, nos seus relatos, a união de tudo o que é intelectualmente estimulante e tudo o que é espiritualmente sagrado. As suas narrativas, suas imagens, seus preceitos, seus acontecimentos emocionantes e heróicos, tudo move poderosamente o coração humano, mais do que qualquer outra agência.

Não temos fé suficiente no poder da Bíblia. Ela deveria ser para os pais o seu manual, o seu patrimônio, o maior tesouro de benditas influências. A mente infantil ouve avidamente o relato das biografias e das histórias com as quais as suas páginas estão cheias. Conte às suas crianças a história do Éden; da queda e do dilúvio; das cidades da planície, consumidas pelo fogo; de Samuel; de José; de Moisés; de Davi; de Rute; e de Daniel. Leia para eles essas narrativas, na simplicidade bela com que as penas da inspiração as escreveram, e você vai despertar um forte e duradouro interesse em suas mentes; você irá fortalecê-los contra os enganos da infidelidade com os argumentos mais poderosos que todas as demonstrações da filosofia; e você vai aliar o seu nome, o nome da mãe, com a Bíblia, com os anjos, com o céu e com Deus.

A mãe não deve entregar a instrução dos seus filhos nas narrativas e verdades Bíblicas a outros, seja este o professor da escola dominical ou mesmo o pastor. Por mais grata que ela seja à escola dominical e à igreja, e a todas as influências benignas que exercem, é o seu privilégio peculiar e inestimável (e um privilégio do qual ninguém tem o direito de privá-la) tomar os seus filhos pela mão e, por si mesma, guiá-los ao Salvador. Ela deve revelar ao espírito tenro e atento dos seus filhos as realidades da morte com as suas batalhas, do túmulo com suas corrupções, da trombeta do arcanjo, da manhã da ressurreição, da sublimidade e terror do julgamento final. A voz amável da mãe deve guiar a mente ao jardim de Deus nos céus – às suas mansões abençoadas, às suas águas tranquilas, aos seus pastos verdejantes, à sua fonte de alegria inesgotável. Os tons gentis da mãe devem revelar tudo o que é terrível na retribuição de um Deus justo e no remorso e desespero que, como um verme que não morre e uma chama que não se apaga, consumirá o coração do pecador impenitente. Ao fazer isso, a Bíblia deveria sempre ser a “casa do tesouro” de toda influência religiosa. Ela é o poder grandioso de Deus.

Ao ensinar a Bíblia às crianças, almeje interessá-las nas suas verdades morais e nos sentimentos que as narrativas transmitem.

Quinta-feira
Selecionando as
Narrativas Bíblicas
para que Atinjam a
Mente e o Coração

Na realidade, grande parte do sucesso que pode ser obtido por meio do ensino que emerge do volume sagrado depende de um uso apropriado deste. Há algumas partes da Bíblia que as crianças podem, desde uma idade muito nova, entender e apreciar. Outras partes, devido ao seu estilo ou assunto, agirão eficazmente apenas em mentes mais maduras. Das primeiras, que devem ser desde cedo lidas e explicadas, uma influência religiosa imediata e muito importante pode ser exercida. Das partes mais complexas, apenas algumas seleções destas devem ser fixadas na memória da criança, para que venham a exercer a sua influência nos seus anos futuros.

Para o primeiro desses propósitos, as partes narrativas das Escrituras, se criteriosamente selecionadas, são mais apropriadas nos primeiros anos da criança. Mas muito cuidado precisa ser tomado para selecionar aquelas histórias que podem ser mais facilmente compreendidas, ou aquelas cujas doutrinas e lições morais são óbvias e simples. Que seja constantemente mantido em mente que o objetivo em vista, ao ensinar a Bíblia à criança, é afetar o seu coração; e seria bom se toda mãe ocasionalmente parasse e se perguntasse: “Que verdade ou dever moral eu estou buscando inculcar agora? Que efeitos práticos sobre o coração e conduta da minha criança essa lição visa produzir?”

Perguntar a uma criança pequena questões como “quem foi o primeiro homem?”, “quem foi o homem que viveu mais?” ou “quem matou Golias?” podem estar dando a elas lições de pronúncia, mas não devem constituir o cerne da sua instrução religiosa. Elas podem ensiná-las a se familiarizar com os personagens bíblicos, a articular respostas, ou até fortalecer a sua memória – mas estão fazendo pouco ou nada para promover a sua piedade. Eu não quero que pensem que eu estou condenando essas perguntas. Quero apenas que os pais possam entender a verdadeira natureza da instrução religiosa. Se a destreza real ou suposta da criança em respondê-las não for usada para exibi-la diante de outras pessoas – o que só estimula a vaidade e a auto-estima – perguntas como estas sobre as histórias bíblicas podem ser usadas apenas para exercitar a memória, e para que a criança aprenda alguns fatos que podem ser úteis no futuro. Mas isso, em si, não deve ser considerado uma instrução religiosa; na realidade, o conhecimento desses fatos não se constitui, nem no menor grau, na natureza real da instrução religiosa.

Sexta-feira
Um Exemplo de
Ensino Bíblico para
uma Criança Pequena

Qual é, então, o tipo de instrução que deve ser dado a partir da Bíblia? Eu vou ilustrar o método de um caso suposto que deverá trazer os princípios à vista. Imaginemos que se passa com uma criança de 2 ou 3 anos.

– Venha aqui – diz a mãe – venha aqui com a mamãe e eu vou ler uma história para você.

É domingo à tarde, vamos supor, e a mente da criança não está preocupada com nenhum outro interesse:

– Às vezes eu lhe conto histórias para lhe divertir, mas eu não vou fazer isso agora; essa história é para o seu bem. Você entende como ouvir uma história pode lhe fazer bem?

– Não, mãe.

– Bem, você vai ver. É a história de Caim e Abel. Você sabe alguma coisa dessa história?

– Sim! Caim matou Abel.

– Você sabe por que ele o matou?

– Porque ele era perverso?

– Não, quero dizer, o que Abel fez para que Caim ficasse com raiva dele? Você já viu alguém com raiva? Você já ficou com raiva?

– Sim, mãe.

– E eu suponho que você tinha algum motivo para isso. Agora eu vou ler a história, e veja se você pode me dizer o que deixou Caim com raiva: “E Caim trouxe do fruto da terra uma oferta para o Senhor”. Você sabe o que é o fruto da terra?

– Não, mãe.

– Significa qualquer coisa que nasce do chão. Caim era um fazendeiro; ele plantava sementes e colhia os frutos que cresciam delas. Ele trouxe alguns desses para oferecer a Deus. E Abel trouxe das primícias do seu rebanho. Você sabe o que isso significa?

A criança hesita.

Abel não cultivava o solo como Caim. Ele tinha grandes rebanhos de ovelhas e bodes, e ele trouxe do melhor desses para oferecer a Deus. Então, você vê que Caim e Abel fizeram quase a mesma coisa. Agora, Deus não olha apenas para o que fazemos, mas também o que sentimos enquanto estamos fazendo isso. Se eu lhe pedir para ir e fechar aquela porta quando você está ocupado com alguma coisa, ainda que você vá imediatamente,

mas se sentindo mal humorado, Deus não vai se alegrar. Ele olha para o coração. Você já se sentiu mal humorado quando eu lhe peço para fazer o que você não gosta?

– Sim, às vezes.

– Agora Caim, eu suponho, tinha coisas ruins no seu coração quando trouxe a sua oferta, e Deus ficou insatisfeito com ele. Mas Deus se agradou da oferta de Abel, e a aceitou. Você acha que Caim gostou disso?

– Não; ele gostou?

– Não, ele não gostou. Ele ficou muito aborrecido; é muito interessante que ele tenha ficado aborrecido não apenas contra Deus, mas ele estava zangado com o seu irmão, que não havia lhe feito o menor mal. Mas é assim que acontece com todos nós. Se você fizer algo errado, e sua irmã fizer o bem, e eu lhe culpar, e a elogiar, você seria tentado a sentir raiva dela, só porque ela cumpriu direitinho o seu dever. Como esse sentimento é mau! Contudo, Caim sentiu isso também; a mesma coisa que as criancinhas também sentem muito frequentemente. Isto pode se mostrar de maneiras diferentes. Caim, sendo um homem forte, se levantou contra o seu irmão no campo e o matou. Mas criancinhas pequenas, que são fracas e pequeninas, iriam apenas bater uma na outra, ou falar coisas maldosas uma para a outra. Agora, Deus se desagrada de nós quando temos esses sentimentos, seja quando nós o mostramos por palavras más ou por violência. Tem um versículo especial na Bíblia que mostra isso. Você quer que eu o encontre?

– Sim, mãe.

– Eu vou achá-lo, então. Está em Mateus 5:22. São palavras do nosso Salvador. Diz assim: “Quem se irar contra o seu irmão, sem motivo, estará em perigo de julgamento; e quem disser: ‘tolo’, merecerá o fogo do inferno”. Isso não é o verso todo. Outro dia eu lhe explico a outra parte.

O leitor perceberá logo que o tipo de instrução aqui exemplificado consiste em tirar a lição moral que a passagem visa ensinar e ao lhe dar aplicação direta e prática para as circunstâncias e tentações da criança.

O Céu e a Eternidade

Partindo da Bíblia, busque descrever o céu para os seus filhos da maneira como Deus o descreveu para nós.

As visões que geralmente as pessoas têm do céu, como descrito na Bíblia, são bem mais indefinidas do que deveriam ser. Esse lar dos abençoados é descrito nas Escrituras com a mais magnificente figura que a natureza permite. O céu é descrito como sendo uma localidade distinta, assim como qualquer lugar na terra. Nós lemos sobre o esplendor da cidade dourada, adornada com toda a beleza com que a mão do Onipotente a pôde embelezar; das mansões reluzentes com magnificência de arquitetura. Nós somos informados também sobre os prazeres sociais daquele mundo. O crente é introduzido à sociedade dos anjos; conversa com eles, une-se aos seus prazeres, se torna um membro amado da sua comunidade feliz. Nós somos informados dos deleites ativos do céu. Bandos de anjos voam de um lado para o outro, onde nenhuma treva paira sobre o dia incessante. Estes alegres servos de Deus abrem suas asas e dirigem-se, em seu rápido vôo, para onde as glórias todas do universo atraem suas curiosidades.

Ali, os olhos dos santos contemplam o máximo que se pode ver do resplendor do trono de Deus. Seus ouvidos são encantados pela melodia celeste. Os corpos dos crentes irão levantar-se do túmulo, imortais e incorruptíveis. Haverá a união da alma com o corpo naquele mundo maravilhoso. Ali, nos encontraremos com os nossos amigos cristãos, os reconheceremos e nos alegraremos no seu amor. Assim, passaremos a nossa eternidade com músicas, com alegrias inacabáveis, e não mais saberemos o que é tristeza ou gemido para sempre.

Ó, como são vívidas e impressionantes as visões do céu que a caneta da inspiração nos dá acerca da habitação futura do cristão! Mesmo assim, a ideia muito comum que se tem do céu é que trata-se de um vasto espaço aéreo, onde espíritos sombrios e etéreos repousam em uma alegria misteriosa e indefinida. Muitas pessoas têm a impressão de que é errado associar ideias das alegrias com as quais nós agora estamos familiarizados

com aquela habitação celestial. Mas não é sempre mais seguro e melhor, e não é o nosso dever sermos guiados pela Bíblia em nossas instruções? Admitindo que as descrições da Bíblia são figurativas, como necessariamente devem ser, ainda assim, essas são as figuras que Deus empregou para transmitir às nossas mentes uma ideia das alegrias do céu. E Deus certamente selecionaria as figuras mais apropriadas e aquelas que mais se aproximam dos prazeres ali ilustrados.

É nosso privilégio e nosso dever, portanto, descrever o céu para os nossos filhos da maneira como Deus o tem descrito para nós. Assim, nós podemos tornar o céu vívido na mente deles. Assim, podemos excitar nos seus jovens peitos o mais intenso desejo de entrar naquele mundo alegre. E por que Deus teria desvendado suas glórias se não fosse para nos estimular à santidade e para nos atrair ao nosso verdadeiro lar?

Terça-feira
Utilizando as
Alegrias Terrenas
Como Figuras
das Celestiais

O seu filho tem uma sede incrível pelo conhecimento. Sua curiosidade está sempre em alerta. Ele está intrometendo-se nos movimentos misteriosos da natureza e fazendo perguntas que a mente humana não pode responder. Diga a ele que não há limites para os desenvolvimentos humanos; que o túbulo não pode acorrentar as energias da mente; que o tempo não pode circunscrever o seu alcance. Diga-lhe que a eternidade não pode afadigar os seus poderes; que ela avançará em suas aquisições e continuará em seu vôo pelo conhecimento por muito tempo depois que os sóis, as luas e as estrelas tiverem envelhecido e decaído. Diga a ele que, no céu, ele irá entender todas as maravilhas das obras de Deus e experimentar o mais inexplicável deleite ao estudar e compreender toda a engenharia da natureza. E então, você pode falar para ele do Salvador que morreu para introduzi-lo nesse mundo de felicidade.

A sua filha tem o ouvido encantado pela melodia do som? A música é para ela uma fonte de tamanho prazer? E então, será que não haveria

música no céu? Não haveria melodia no “coral celeste”? Não haveria nada cativante à alma na perspectiva de se unir às orquestras dos anjos em seus “aleluias”? Deus descreveu assim o céu para nós. Por que não deveríamos então animar os nossos filhos com as mesmas descrições? Você pode, em linguagem familiar, carregar os pensamentos da sua filha para longe, para a companhia de anjos celestiais com harpas e divinas vozes que soam as suas notas de alegria pelos amplos côncavos do céu. Assim, ela terá uma ideia definida dos prazeres aos quais ela foi convidada. As alegrias do céu serão para ela intensamente atraentes e ela será levada a buscar mais sinceramente o caminho da salvação e a implorar com mais fervor a ajuda de Deus para vencer o pecado e para prepará-la para o seu lar celeste.

O seu filho tem uma disposição afetuosa? Um coração aberto para receber amizade e para derramar o seu amor? Conte a ele sobre o amor do céu, de Deus, dos anjos. Conte-lhe do amor que anima os peitos daqueles nobres espíritos que não têm uma única falta que venha a repelir o nosso apego. Converse com ele sobre a felicidade de se encontrar novamente com os seus amigos que amam o Salvador, naquele mundo onde qualquer palavra ou olhar maldoso são desconhecidos. E ao se estender sobre as provas do amor do Salvador, o seu coração se derreterá.

O seu filho é apaixonado pelas cenas da natureza? Ele olha com olhos de poeta para o oceano, para a tenda estrelada, para as nuvens douradas do pôr do sol? Certamente, há enorme magnificência no cenário do céu. Pois assim como no céu que vemos há esplendor digno de ser observado, quanto mais não haverá nas visões de anjos, do trono de Deus, do universo grandioso de mundos incontáveis? O que é o oceano, senão uma gota aspergida da mão do todo-poderoso? O que são as cataratas do Niágara, para nós tão magníficas, senão um pequenino riacho correndo sobre um canal de seixos? Anime as suas crianças com a descrição dessas glórias do céu perante as quais toda a sublimidade da terra parece insignificante.

Quarta-feira
Apresente aos Seus
Filhos as Alegrias do
Céu como Deus as Apresenta a Nós

Não tema que isso extinguirá no seu peito um gosto pelas belezas da natureza. Isso irá, sim, ao aumentar o prazer que ele deriva dessas fontes, refinar e elevar a sua mente, e lhe dar desejos ardentes de estar preparado para esse mundo de glória. Não tema que isso irá fortalecer no seu coração os princípios do egoísmo ao invés de conduzi-lo para a piedade. Se Deus tivesse sentido estes temores, Ele nunca teria apresentado a nós os atrativos do céu ou os terrores do inferno. Apresente-lhe essas alegrias para que a sua criança possa ser induzida por elas a se arrepender dos seus pecados, a confiar no seu Salvador e a consagrar a sua vida ao Seu serviço.

Essas descrições do céu são, necessariamente, em algum grau, figurativas, e nós devemos instruir as nossas crianças sobre isso. Mas não devemos negligenciar o uso dessas figuras, pois elas transmitem à mente as concepções mais corretas que podem ser obtidas dos prazeres do mundo futuro. O fato de que Deus as selecionou prova que nenhuma outra linguagem pode ser igualmente apropriada. Elas descrevem da maneira mais perfeita que a linguagem humana pode descrever a natureza dos prazeres do céu, mas elas não chegam perto da realidade; pois olhos não têm visto, nem ouvidos ouvido, nem o coração humano concebido as alegrias que Deus tem preparado para aqueles que o amam.

Deus sabe como adaptar a instrução à mente humana. Nós devemos imitar o seu exemplo. E nós devemos apresentar o céu para os nossos filhos como Deus o tem apresentado a nós, repleto de imagens de deleite. As mais puras e nobres alegrias que experimentamos na terra serão encontradas novamente naquele mundo, só que infinitamente elevadas e refinadas. E a pessoa deve ter princípios de interpretação estranhos se ela não lê na Bíblia que no céu vamos encontrar um esplendor de cenário, harmonia de música, intimidade de amizades, ardor de amor, deleite de movimentos ativos, mansões de glória e lares de bênçãos infindáveis. Vamos instigar essa visão sobre os nossos filhos até que os seus corações sejam aquecidos por elas. Nenhuma outra visão pode ter uma tendência mais forte para convencê-los da tolice de acumular tesouros sobre a terra, e para levá-los a ouvir com interesse as suas instruções a fim de que venham a aprender como a salvação pode ser obtida.

Quinta-feira
Buscando Ser
Exatamente o que Queremos que Nossos Filhos Sejam

O Caráter Cristão Exemplificado

Juntamente com a Bíblia, como um meio de influência religiosa, devemos colocar o cultivo cuidadoso dos nossos próprios corações. Os pais devem lutar para serem, eles mesmos, exatamente o que querem que os seus filhos sejam. Eles devem estimar nos seus próprios espíritos aquelas virtudes e graças que eles desejam ver embelezando o caráter dos seus filhos. As nossas crianças têm mais direito de esperar que nós sejamos pais-modelo do que nós temos de exigir que elas sejam crianças-modelo. As suas tentações são tão severas para elas quanto as nossas são para nós. Nós somos tendentes a pensar que os seus fardos são leves porque eles não representam muito peso para as nossas mentes maduras. E assim, muito erroneamente, nós nos desculpamos por defeitos que censuramos severamente nelas.

Você quer que os seus filhos olhem para Deus sinceramente, afetuosamente, alegremente, como o seu Pai e seu amigo – se alegrando em suas alegrias e sendo o seu confortador na tristeza? Conduzam-nos a fazerem isso a partir do seu próprio exemplo. Que eles vejam esse espírito em você. Quando você se inclina sobre o berço de uma criancinha que está à beira da morte, quando o desastre vem e consome os seus meios de prazer e todo conforto, quando a doença lhe arranca das ocupações diárias com a família e você padece em debilidade e dor sobre a sua cama – essa é a hora de mostrar a beleza e a bem-aventurança da confiança em Deus. Um sorriso no seu rosto, um relance de confiante afeição no seu olhar, uma palavra de calma submissão provinda do fundo do seu coração, essas coisas irão penetrar os corações das suas crianças observadoras com grande e efetivo poder. Meras palavras são vento. Elas caem sobre o ouvido e são esquecidas. Mas quem poderá esquecer um exemplo permanente, consistente e invariável? Que criança poderá deixar de lembrar da vida, da vida diária, do seu pai e da sua mãe?

Também os ornamentos e as graças, tanto do caráter natural, quanto dos princípios da piedade, podem ser melhor inculcados nas crianças pela

influência do exemplo. Você gostaria que a sua filha aprendesse a controlar os seus ânimos, e a cultivar um espírito subjugado, manso e submisso? Você quer que ela fale brandamente com o seu irmãozinho, quando ele estiver irritado, e que ela aguentar os seus próprios pequenos problemas sem aborrecimento ou reclamação? Mostre a ela como fazer isso pelo seu exemplo. Quando a empregada descuidada quebra o seu vaso de cristal, ou queima a comida, ou derrama alguma coisa sobre o tapete; esse é o momento de ensinar a sua filha a governar-se a si mesma. Essa é a sua hora de conflito. Obtenha você mesmo a vitória, e os seus filhos irão ajuntar força do seu sucesso para lutar contra as tentações e pecados que eles enfrentarem.

Não diga que os incômodos e as provações que você têm que enfrentar são muito grandes para serem sempre suportados com dignidade. Deus nunca coloca sobre os Seus filhos fardos intoleráveis. Nós precisamos da disciplina que essas coisas trazem para nós para que sejamos capazes de simpatizar com os nossos filhos nas suas lutas. E certamente, não deveríamos nos surpreender quando os nossos filhos ficarem aborrecidos e com raiva quando são desapontados e injuriados, se nós mesmos perdemos nosso controle e exibimos nosso ressentimento com sentimentos desordenados e palavras raivosas quando outras pessoas são descuidadas ou nos incomodam.

Sexta-feira
A Obra de Formação
do Caráter das
Crianças Realizada
no Coração dos
Próprios Pais

Os pais nunca deveriam, especialmente na presença de crianças, dar lugar a sentimentos de irritação e raiva. Mesmo quando a criança erra, isso não deveria causar expressões de ressentimento ou irritação em nossas expressões ou palavras. Podemos agir firmemente nessas ocasiões, reprovando as crianças eficazmente, e ao mesmo tempo manter, durante todo o tempo, o espírito calmo, manso e pacífico que a todo momento deve caracterizar a conduta do cristão.

Na realidade, a eficiência da disciplina parental dependerá, em grande medida, da brandura e da mansidão da forma que ela assume; enquanto ao mesmo tempo, ao assumir tal caráter, ela torna manso e sereno também o seu recipiente.

Da mesma maneira, sentimentos de consideração benevolente para com a felicidade dos outros, assim como todos os outros sentimentos morais do coração, podem ser melhor cultivados pela influência do exemplo dos pais. Você gostaria de cultivar no seu filho um coração que se compadece com a tristeza dos outros – um espírito generoso, ativo no alívio do sofrimento? Leve o seu filho ou filha com você, quando você andar tateando pelos corredores escuros que levam ao quarto sombrio da pessoa pobre e doente. Permita que eles vejam a escassez de mobília, as roupas gastas, e a fraca chama na lareira que mal aquece o quarto. Deixe que eles mesmos carreguem a cesta que trará algum conforto para os desolados. E o espírito que arde no seu peito aquecerá também o deles. E o espírito de benevolência que Cristo acendeu no seu peito irá difundir o seu calor para os seus jovens corações.

Que belo ordenamento da Providência é este que requer que a grande obra de formação do caráter das crianças seja realizada no coração dos próprios pais! Eu devo ensinar o meu filho a fugir da vaidade, do orgulho, e do egoísmo ao cultivar dentro de mim mesmo, com assiduidade incansável, o espírito de simplicidade, de humildade, e de auto-sacrifício. É dessa maneira, mais eficientemente do que de qualquer outra, que eu devo alcançar e influenciar o seu coração. É assim que eu devo conter os desejos impetuosos do meu filho: principalmente ganhando a vitória sobre mim mesmo, e trazendo todos os meus próprios desejos sob perfeito controle. É, portanto, dentro de mim mesmo – no meu próprio coração – que eu posso trabalhar o mais eficientemente possível na modelagem do caráter dos meus filhos; pois para promover o seu progresso moral eu devo ir à frente deles e liderar o caminho.

Que sérias questões, então, surgem na mente de cada pai e mãe! Será que eu sou o que eu quero que o meu filho seja? Eu sou agradecido, submisso e alegre? Eu tenho conquistado meus impulsos, me tornado desprendido desse mundo? E estou eu, diariamente, em minha vida, apresentando um

exemplo que o meu filho possa seguramente imitar? Aqui está a fidelidade do trabalho parental. Aqui é onde deve ser lançado o fundamento profundo de toda disciplina familiar salutar. Foi isso que o nosso Salvador nos ensinou. Essa foi a influência que Ele exerceu. Por mais persuasivas que tenham sido as Suas palavras, infinitamente mais persuasivo foi o poder do Seu exemplo.

SEMANA 21

Segunda-feira

Cristo como Objeto Proeminente da
Afeição das Crianças

A Pessoa e a Obra de Cristo

Detenha-se, particularmente, na pessoa e obra do Salvador, na instrução religiosa das crianças. As Escrituras declaram que a pregação de Cristo crucificado é o grande instrumento que Deus usa para convencer do pecado, e levar a alma ao arrependimento e à gratidão. E a História da Igreja em todas as eras tem demonstrado que a história do amor e da morte do Salvador são capazes de despertar a contrição e derreter o coração quando todos os outros apelos são em vão. O seu filho irá ouvir, com lágrimas nos olhos, quando você lhe contar da glória que o Salvador tinha no céu; de como Ele se tornou humano; dos sofrimentos e perseguições da Sua vida e da Sua morte cruel sobre a cruz. E quando você disser ao seu filho que foi Deus quem assim se manifestou na carne, e sofreu todas essas indignidades para redimir as suas criaturas pecaminosas da perdição, você estará transmitindo à mente tenra uma ideia tal da bondade de Deus, e da ingratidão dos pecadores, como nada mais pode produzir.

O filósofo pode admirar a concepção nobre de um Espírito invisível, incompreensível, eterno. Mas é Deus, como foi manifestado no Salvador sofredor, manso e compassivo, que atrai as simpatias do coração. Uma ideia definida é introduzida à mente infantil quando você lhe fala Daquele que tomou as criancinhas nos seus braços e as abençoou. Todo cristão pode julgar, a partir do efeito produzido em seu próprio coração ao ouvir o relato do amor do Salvador, a tendência que isso tem de despertar no peito de uma criança as emoções mais profundas de contrição e de gratidão. É com muita

frequência que se observa, em todos os relatos de piedade infantil, que o Salvador é o objeto proeminente da afeição.

Terça-feira
A Impressão que o
Amor do Salvador
Causa nas Crianças

Qualquer pessoa ficará impressionada, ao virar as páginas de quase qualquer biografia de crianças piedosas, em testemunhar quão forte é a impressão que o amor do Salvador exerce sobre o coração. Mesmo sob as mais adversas circunstâncias, o coração jovem tem encontrado o caminho que o conduz até Ele. Não poucas instâncias têm ocorrido nas quais os pais, que não eram acostumados a dar proeminência ao Salvador em suas instruções, são surpreendidos ao descobrirem que Jesus Cristo é o amigo simpatizante a quem a criança, na doença e no sofrimento, se apegava com maior afeição. Deus, em Cristo, tem atrações que nada mais pode ter.

Quando perguntaram ao pequeno Nathan Dickerman:

– No que você mais gosta de pensar quando você está com dor?

Ele respondeu:

– No Senhor Jesus Cristo.

De outra vez, o biógrafo recorda: “Nathan está muito doente esta noite. Seu coração está batendo o mais rápido e violentamente possível, enquanto o pulso mal pode ser percebido no seu antebraço. Mas ele diz que está mais feliz que o normal. Eu lhe perguntei por quê. Ele respondeu:

– “Porque o meu Salvador está perto”.

Ao ser indagado sobre qual era o seu hino favorito; ele refletiu por um momento e repetiu:

“Há um, sobre todos os outros, que merece o nome de amigo;

Seu amor é maior que o de um irmão; caro, livre, e sem fim.

Qual de todos os nossos amigos, para nos salvar,

Teria ou poderia ter derramado o seu sangue?

Mas esse Salvador morreu para nos reconciliar com Deus.”

A lembrança do que o Salvador sofreu o sustentou em todos os seus sofrimentos. O amor redentor era o tema de suas mais doces meditações.

Um dia, alguém no quarto estava mencionando que a sua doença era de tal natureza que ele iria provavelmente morrer de repente. Nathan ouviu isso, e levantando-se sobre a cama, segurou uma mão na outra, e repetiu o seguinte verso:

“Jesus pode tornar um leito de morte macio como um leve travesseiro,

Enquanto no Seu peito eu reclino a minha cabeça, e docemente expiro ali a minha alma”.

Depois de se sentar por alguns momentos em silêncio, ele acrescentou outro:

“Jesus, meu Deus, eu conheço o Teu nome; Teu nome é toda a minha confiança;

Ele jamais permitirá que minha alma seja envergonhada; nem que a minha esperança seja perdida...”

– Essa não é uma boa esperança, mãe?

Nós podemos abrir quase qualquer memorial de crianças piedosas para ilustrar esse princípio. E de fato, todos os que estão familiarizados com as características do sentimento devocional, como exemplificados na mente de uma criança, devem ter observado a maravilhosa adaptação da verdade religiosa para a nossa fraqueza e fragilidade.

Quarta-feira
A Piedade da
Jovem Natalie

[Acréscimo da tradutora:]

Eu gostaria de acrescentar aqui um testemunho semelhante e recente da realidade da presença de Cristo na vida e na morte de uma mocinha de doze a treze anos, minha sobrinha Natalie, que recentemente entrou na presença gloriosa do seu Senhor querido. Uma semana antes de ser diagnosticada com um câncer nos ossos, raro e incurável, ela surpreendeu os seus pais contando-lhes como estava tão feliz pelo que Deus havia feito na sua vida e por ter um Salvador que a amava. O seu baú de tesouros guardava um livro intitulado com as palavras do Salmo 31: “Nas tuas mãos estão os meus dias”.

Durante quase um ano em que ela teve de enfrentar as mazelas dos tratamentos, a internação hospitalar que a afastava do seu querido lar e família, e constantes e intensas dores, a Natalie deu testemunho da sua confiança no amor e na presença de Cristo, jamais temendo a morte, sujeitando-se à vontade de Deus diariamente, não ousando questionar nem sugerir que isso não deveria estar acontecendo com ela, e encorajando todos a seu redor a terem a mesma confiança infantil e esperança da glória que ela tinha.

Ela confessou que sempre pedia a Deus que ela pudesse glorificar a Deus em sua vida de alguma forma, mas que não imaginava que seria dessa maneira. Mas ela sentia grande alegria em saber que Deus ouvira a sua oração e estava usando a sua doença para trazer glória ao Seu nome pela obra que Ele estava realizando no seu coração e na sua vida. E, de fato, Deus usou o testemunho de sua fé e confiança inabaláveis no amor e na vontade de Deus para falar a muitos corações nos nossos dias. A sua alegria e paz em Cristo eram testemunhadas por todos que a viam em meio à sua dor e se impressionavam com o seu constante e contagiante sorriso. Nas palavras de seus pais: “pela graça de Deus, ela escolheu pensar nos outros e não em si mesma; ela também escolheu não reclamar, embora não fosse errado se ela reclamasse”. Muito pelo contrário, as suas atividades favoritas nos dias mais difíceis da doença eram apreciar as visitas da família, ouvir a leitura da Bíblia e de sermões, e cantar salmos e hinos.

Quinta-feira
“Jesus Me Ama”:
O Amor do Salvador
no Testemunho de
Natalie

O seu salmo favorito era o Salmo 16, que ela pedia para ser cantado sempre que a família estava reunida:

“Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio.

Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente.

Quanto aos santos que há na terra, são eles os notáveis nos quais tenho todo o meu prazer.

Muitas serão as penas dos que trocam o SENHOR por outros deuses; não oferecerei as suas libações de sangue, e os meus lábios não pronunciarão o seu nome.

O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice; tu és o arrimo da minha sorte.

Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança.

Bendigo o SENHOR, que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina.

O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado.

Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro.

Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.

Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente”.

Certa vez, ao receber um escrito que mencionava a primeira parte do verso de Filipenses: “Para mim o viver é Cristo”, ela completou, escrevendo no papel: “e o morrer é lucro”. Já perto de sua partida, em meio a dores terríveis, ela ouviu a sua irmãzinha choramingar enquanto a família cantava hinos. Ela ajuntou as suas forças para dizer à pequenina: “Por que você está chorando? Ouça o que acabamos de cantar: Jesus me ama!” Dias depois, ela partiu em perfeita paz e confiança no Senhor Jesus, indo assim descansar nos braços Daquele que a havia sustentado em sua vida e em seu sofrimento.

Sexta-feira
Confiando na
Simplicidade e no
Poder do Evangelho

Que os pais, portanto, imitem os apóstolos, e falem aos seus filhos do Salvador sofredor. Mostrem-lhes Deus em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo. Essa é a simplicidade do Evangelho.

De fato, nós sabemos ser impossível que as afeições de uma criança se apeguem com ardor a qualquer objeto sobre o qual elas não formem uma concepção definida. Fale para a sua criança do Cristo que a criou; do Cristo que se tornou homem, e sofreu e morreu para salvá-la; do Cristo cujos louvores o crente irá cantar no céu, por eras sem fim. Esse é Deus – se eu posso expressar assim – simplificado para a compreensão da criança.

A mãe que não apresenta esse Salvador com frequência, e não se detém na história dos Seus sofrimentos e morte, ainda não aprendeu a simplicidade e o poder do Evangelho. Todos os outros motivos são fracos, comparados com esse. Em vão, você poderá buscar no mundo dos fatos e da imaginação por qualquer motivo calculado para produzir uma impressão tão profunda sobre a mente. E tudo o que diz respeito a esse acontecimento impressionante da história da redenção tem a tendência de produzir humildade, penitência e amor.

Eu insisto o mais sinceramente sobre esse ponto, pois ele me parece ser da maior importância. É o instrumento todo-suficiente que Deus tem dado para subjugar o poder do pecado no coração.

SEMANA 22

Segunda-feira

A Importância de

Orar pela Situação Espiritual das Crianças
na Presença Delas

A Necessidade da Oração: Orando por Seus Filhos e Com Eles

Ore com os seus filhos. Não apenas é dever da mãe orar pelos seus filhos, mas também, quando eles são pequenos, orar com eles. Deixe que eles ouçam as suas frequentes súplicas para que Deus os torne amigos Seus. Que eles vejam os seus desejos intensos de que eles sejam preservados do pecado, e preparados para o céu. Os sentimentos que impulsionam o coração da mãe irão, por consequência, em algum grau, ser transferidos

para o coração das crianças. Essas cenas de devoção serão lembradas por muito tempo.

E mesmo que os seus esforços e as suas orações não sejam respondidos pela evidência imediata da piedade dos seus filhos, essas horas de devoção deixarão marcas na memória que jamais poderão ser apagadas. Por todos os anos subsequentes, elas irão operar restringindo que o seu filho se entregue ao excesso de pecado, e advertindo a sua consciência com um alto chamado ao arrependimento e à virtude.

Conta-se de um homem, eminente por seus talentos, por sua elevada situação na vida e por sua dissipação que, uma tarde, ao sentar-se na mesa de jogos de um cassino, os seus colegas observaram que ele estava inusitadamente triste. Eles o cercaram, ridicularizando o seu aspecto sério. Ele tentou, levantando-se e fazendo comentários jocosos – como era de seu feitio – desviar a atenção deles, e desvencilhar-se daquela melancolia momentânea. Mas não passou muito tempo antes que ele se encontrasse novamente perdido em seus pensamentos, e abatido com alguma meditação triste. Isso o expôs tanto ao ridículo de seus companheiros que ele sequer podia se defender. Quando eles o pressionaram ao extremo com seus risos e zombarias, ele por fim observou:

– Bem, para dizer a verdade, eu não consigo parar de pensar, de vez em quando, nas orações que a minha mãe costumava oferecer à beira da minha cama quando eu era criança. Mesmo depois de tanto tempo, eu não consigo esquecer as impressões daqueles primeiros anos.

Ali estava um homem de mente altamente cultivada, e de talentos de ordem tão elevada a ponto de lhe trazerem influência e eminência, apesar da sua vida dissoluta; e mesmo assim, nem o passar dos anos, nem a aquisição de conhecimentos, nem a multidão de cuidados, nem cenas de impiedade, puderam obliterar o efeito que a devoção da sua mãe deixara sobre a sua mente. A voz baixa e suave das orações daquela mãe foi mais alta do que o barulho daquela diversão culposa. A mãe piedosa, apesar de morta, continuava a falar com repreensões impressionantes ao seu filho dissoluto.

Muitos fatos poderiam ser apresentados para ilustrar a importância desse dever. A história a seguir vai tanto ao ponto, e nos dá um encorajamento tão animador, que não posso deixar de relatá-la:

Poucos anos atrás, um senhor inglês trouxe uma carta de apresentação a um casal em seu país. O estranho era de mente e maneiras refinadas, mas espiritualmente, um infiel. O senhor e a senhora para quem ele trouxe essa carta eram cristãos filantrópicos e ativos. Eles convidaram o estranho para ficar hospedado em sua casa, e o trataram com todo tipo de atenção.

Na noite do dia em que ele chegou, logo antes da hora normal de se retirarem para a cama, o pai da família, conhecendo a situação espiritual do seu convidado, fez a ele a observação de que havia chegado a hora em que eles normalmente oravam como família; e que ele ficaria feliz se o convidado quisesse permanecer e se unir a eles; mas que, se preferisse, ele poderia se retirar. O convidado insinuou que teria prazer em permanecer na presença da família. Um capítulo da Bíblia foi lido, e toda a família se ajoelhou em oração, e o estranho juntamente com eles. Depois de alguns dias, o estranho deixou a sua pousada hospitaleira e embarcou num navio para outro país.

No curso de três anos, porém, a providência de Deus novamente conduziu aquele estranho à casa daquela família. Mas ah! Quão mudado ele estava dessa vez! Ele voltou um cristão alegre, um homem humilde de piedade e de oração. No decorrer das conversas daquela noite, ele contou que, quando, naquela primeira noite da sua visita, ele se ajoelhou com eles na oração familiar, aquela fora a primeira vez em muitos anos que ele havia dobrado o joelho diante do seu Criador. Aquele ato trouxe à sua mente uma multidão de memórias, e o lembrou tão vividamente das orações de seus pais, as quais ele havia ouvido em casa, que a sua atenção foi completamente absorvida por aquelas lembranças. Sua emoção foi tão grande que ele mal pôde ouvir uma sílaba do início ao fim da oração que foi feita na ocasião. Mas Deus fez disso o instrumento para levá-lo dos terríveis caminhos de infidelidade desenfreada para a paz e as alegrias da piedade.

Os seus pais, creio eu, já há muito tempo haviam ido para o seu lugar de descanso; mas as orações que eles haviam oferecido pelo seu filho, e na presença do seu filho, tinham deixado uma influência que não poderia morrer. Eles poderiam ter orado por ele de maneira muito fervorosa, mas se eles não tivessem orado *com* ele, e se não tivessem se ajoelhado ao seu lado, ocasionando que o seu ouvido escutasse as suas sinceras súplicas, o seu filho poderia ter continuado em sua vida sem ser reconciliado com o seu Criador.

Há eficácia na oração. Deus ouve e responde os nossos pedidos. Mas Ele o faz de acordo com as leis que Ele mesmo tem estabelecido. É presunção esperar que Ele vá interromper a harmonia dessas leis. Ele age por meio delas. E nós devemos buscar acomodar todos os nossos esforços aos conhecidos hábitos e leis da mente; devemos apresentar à mente e ao coração das crianças aqueles motivos que têm maior tendência de influenciá-los. Deus respondeu as orações desses pais piedosos; mas Ele o fez pela instrumentalidade dos próprios esforços que eles fizeram, ao pedir que Ele abençoasse os seus filhos, apesar de, por muito tempo, esses esforços parecerem não ter tido qualquer resultado.

Quarta-feira
Ensinando seus
Filhos a Orar

Ensinando os Filhos a Orar

Ensine os seus filhos a orar . Pode ser muito útil ensinar a oração do Pai Nosso e outros exemplos de orações simples. E a criança poderá assim orar de verdade – expressar os seus próprios sentimentos na linguagem de outros. Mas isso não deve substituir a necessidade de ensiná-la a ir, por si mesma, a Deus para agradecer por todas as incontáveis alegrias do dia, e para pedir perdão pelas várias faltas que ela possa ter cometido. As mentes das crianças se detém em coisas particulares. Elas não têm o hábito de generalizar. Requer pouco sentimento confessar que nós somos pecadores. Mas especificar atos individuais de perversidade demanda um exercício de humildade muito maior. E um reconhecimento geral da bondade de Deus

afeta a mente muito diferentemente do que a enumeração de bênçãos particulares.

É, portanto, importante que os seus filhos sejam ensinados a rememorar os eventos de cada dia ao final deste. Eles devem ser lembrados das misericórdias recebidas e dos pecados cometidos; e devem ser ensinados a expressar gratidão por aquelas, e a implorar perdão por estas. O retorno do pai de uma jornada, por exemplo, fez com que os seus filhos tivessem uma noite mais alegre do que o normal. Quando eles se retirarem para a cama, faça menção da noite alegre que eles passaram. Diga-lhes que foi Deus quem preservou a vida do seu pai, e o retornou em segurança para casa. E havendo, assim, provocado real gratidão nos seus corações, leve-os a expressarem essa gratidão em sua linguagem simples e sem arte.

Assim, ao dirigir a atenção das crianças para fatos proeminentes e para bênçãos individuais, elas não apenas irão adquirir facilidade na oração, mas serão ensinadas da maneira mais eficaz sobre a sua completa dependência de Deus.

Quinta-feira
Acontecimentos
Diários e a Oração

Deve-se tomar cuidado também para não se negligenciar as bênçãos ordinárias da vida. É um dia chuvoso. Mostre a bondade de Deus em mandar a chuva. Deixe que as crianças vejam distintamente que o seu Pai no céu faz isso para que os seus filhos tenham comida para comer. A noite se aproxima. Mostre-lhes as consequências que resultariam se Deus nunca mais fizesse o Sol subir e brilhar sobre eles. Eles têm recebido as roupas necessárias. Mostre-lhes como Deus faz a lã crescer, para que eles sejam aquecidos. Toda mãe pode facilmente apresentar a seus filhos meditações como estas, que irão alargar o seu campo de pensamento, aumentar o seu conhecimento de Deus, promover a gratidão, e dar-lhes uma facilidade na oração que será para eles uma aquisição permanente e valiosa.

Ninguém diga que repassar instruções como estas requer um grau de conhecimento e de habilidade que poucos pais possuem. A maior dificuldade a ser superada é o sentimento que muitos pais alimentam de que

eles não têm tempo para isso. Mas a mãe que sente a importância desse assunto – como ele merece ser sentido – irá achar o tempo para ser fiel às suas crianças, seja o que for que ela tenha de negligenciar para fazer isso.

Sexta-feira
A Criança Pode
Orar e Confessar
Pecados em sua
Linguagem Própria

O mesmo curso deve ser buscado na confissão de pecado. Ao apontar para as bênçãos recebidas, você poderá facilmente convencer a sua criança da sua falta de gratidão apropriada. Talvez ela esteve, durante o dia, sendo culpada de falsidade, ou de desobediência, ou de raiva. Aponte para o caso particular, e leve o seu filho a confessar esse pecado diante de Deus, e a pedir perdão.

Vamos supor que o seu filho ficou irritado, e bateu em sua irmã. Antes dele dormir, você deve lembrá-lo do seu pecado. Mostre a ele quão perverso ele foi, e quão triste Deus deve estar com ele. Diga a ele que enquanto dorme, ele pode vir a morrer, a menos que Deus o guarde com vida. Sob tais instruções, quase qualquer criança irá desejar pedir perdão, e provavelmente irá oferecer uma oração como esta: “Deus, eu sou muito perverso. Eu bati na minha irmã. Eu estou muito arrependido, e nunca mais vou fazer isso. Ó, Deus, me perdoa, por causa de Jesus Cristo.” Essa será uma verdadeira oração, se oferecida de coração; e se, depois de ser oferecida, a mãe se ajoelhar ao lado da cama, e confessar o pecado de seu filho, e orar para que Deus o perdoe; com toda probabilidade, o efeito pretendido pela oração será alcançado. O ofensor ficará arrependido, e o pecado será perdoado.

Por estas razões, é um dever óbvio dos pais ensinar a criança a expressar os seus próprios sentimentos na sua linguagem própria. E a mãe cuidadosa pode fazer deste exercício um dos instrumentos mais eficientes para ensinar a criança a obediência naquele momento, e para treiná-la para a santidade e a felicidade dali para a frente.

Os pais costumam rir das expressões infantis que as crianças usam nas suas orações, e às vezes temem que a sua linguagem seja irreverente. Mas Deus olha simplesmente para a sinceridade da petição, para a sua importância na mente de quem está fazendo o pedido. Uma criança de dois anos e meio orou: “Senhor, me ajuda a sorrir e a não chorar quando a minha mãe me dá banho de manhã.” E Deus não olha com a mais bondosa consideração para o humilde pedido desta criancinha, assim como ele faz para com as ferventes petições do homem que implora ajuda para passar por uma cirurgia dolorosa, ou força para vencer um espírito irritadiço? Pedidos como estes, vindos espontaneamente do coração das crianças, são orações genuínas, e mostram um estado emocional que deve sempre ser apreciado.

SEMANA 23
Segunda-feira
Deus Pode Salvar
Crianças Bem
Pequenas

Atitudes e Expectativa de Conversão

Espere que o seu filho venha a tornar-se um crente. O coração que é suscetível à tristeza e ao amor é capaz de arrependimento verdadeiro e de amor a Deus. Ninguém pode duvidar que, num período muito cedo da vida, a criança já dispõe de todos os poderes que são empregados no exercício da verdadeira religião. Tampouco pode haver qualquer dúvida de que, naquele período tenro, a mente é mais suscetível às boas impressões; a atração do mundo é mais fraca; e a corrente de afeição pode ser mais facilmente voltada para Deus.

A realidade é que os fatos nos fornecem os maiores encorajamentos. Quantas pequenas biografias têm sido publicadas recentemente, as quais contam emocionantes histórias de piedade infantil! Crianças de cinco e seis anos de idade têm dado a mais gratificante evidência de apego ao Salvador. Elas têm suportado a dor, e encarado a morte, sendo sustentadas pelos consolos da religião. Tais fatos são numerosos e decisivos demais para desculpar qualquer incredulidade quanto a isso.

Terça-feira
O Tempo e a Idade
da Conversão não Importam Tanto
Quanto as Suas
Evidências

Mas, ao mesmo tempo, tememos que muitos pais não sintam a sua responsabilidade imediata. Eles ainda acalentam a impressão de que os seus filhos precisam alcançar maturidade antes de poderem ser decididamente penitentes pelo pecado, e amigos de Deus. Mas a mãe que mantém sentimentos como este é culpada da mais cruel injustiça para com os seus filhos. É quase impossível que ela seja vigilante e fiel em seus esforços, a menos que ela espere o sucesso. Toda mãe deve se engajar nos deveres da instrução religiosa com a expectativa confiante de que Deus irá acompanhar os seus esforços com a Sua bênção. Ela deveria até sentir que, se o seu filho não dá evidências precoces de piedade, muito da responsabilidade recai sobre ela. A experiência cristã da criança irá, sem dúvida, ser diferente daquela de um homem que passou muitos anos no pecado, cujos hábitos estão firmemente fixos, e cujas afeições há tempo estão fluindo no canal do mundanismo. Com tal pessoa, a luta de se voltar para a santidade será, frequentemente, grande, e o senso do pecado será agonizantemente intenso. Mas o período da conversão de seus filhos pode acontecer num estágio tão precoce da sua existência que não deixará traços que permitam marcar o tempo da mudança. A luta será comparativamente fraca, e o arrependimento será manifestado pelo olhar de lágrimas e pelo coração triste, e nem sempre pela profunda agonia de espírito que com frequência marca a conversão daqueles que envelheceram no pecado.

Muita injúria é feita, com frequência, ao colocar-se grande ênfase sobre o tempo em que alguém se torna crente. Sentimentos passados são, na melhor das hipóteses, um teste incerto do caráter cristão. O grande objeto de indagação deveria ser quanto aos sentimentos e à conduta presentes. A vida agora está de acordo com os requisitos do Evangelho? O coração está, agora, demonstrando humildade, paciência e gratidão? A resolução é, agora, forte, de se viver para Deus? Se o Sol está brilhando e nos aquecendo, não será de grande importância qual foi a hora em que ele se levantou. Há

muitos cristãos que não podem se lembrar do tempo em que foram objeto do novo nascimento. Portanto, não fique ansioso quanto a esse respeito. Sem dúvida, ao dirigir a atenção de sua criança para qualquer tempo particular em que você imagina que ela se tornou crente, você pode estar levando a mente dela a buscar segurança na suposta experiência daquele momento, ao invés de no arrependimento e devoção continuados.

Quarta-feira
Esperando
Confiantemente na Bênção de Deus sobre
os Nossos Esforços

Que os pais, portanto, façam tudo o que estiver ao seu alcance para despertar nos corações de seus filhos sentimentos de tristeza pelo pecado, e de confiança em Cristo. E quando eles encontrarem esses sentimentos no coração deles, e controlando a vida deles, que os pais dêem graças a Deus, e sejam encorajados. Eles devem vigiar, com expectativa paternal, para que as tentações sejam evitadas, e para que a fraca chama brilhe mais e mais forte. Cristo tem confiado este amado ser aos seus cuidados. Por que os pais não deveriam ter a expectativa confiante de que esse será o resultado dos seus esforços? Deus não os tem encorajado a esperar isso, ao prometer ajudá-los com a Sua bênção? Ele não os tem encorajado, sempre e repetidamente, coroando esses esforços com sucesso? Lance fora, portanto, a incredulidade. Duvidar é desconfiar da promessa de Deus. Ensine o seu filho, e ore pelo seu filho, e fique na expectativa de bênção imediata. Assim, com toda a probabilidade, o seu coração será alegrado pelos frutos da tenra piedade dentro de sua casa; crianças gratas lhe honrarão por toda a vida, e as alegrias do céu serão magnificadas quando você encontrar os seus queridos ali.

Quinta-feira
A Vida Espiritual
das Crianças Deve
Ser Guardada de
Outras Pessoas

Não converse com outros sobre a piedade de seus filhos. Um dano grande é comumente feito nesse sentido. Uma criança se torna profundamente interessada no assunto da religião, e seus queridos são encorajados a esperar que ela tenha realmente se tornado um crente. Eles falam disso a outros. Logo, isso é divulgado publicamente. A criança passa a receber muita atenção; é elogiada sem o devido cuidado. Assim, essa pequena criança é lançada de uma vez na mais ardente fornalha da tentação. Nós poderíamos apontar para muitas dolorosas ilustrações dessa verdade nas biografias de crianças piedosas.

Diz o biógrafo de Nathan Dickerman: “Seus sentimentos eram com frequência machucados pela conversação indevida que era feita em sua presença.

“Bons amigos incorriam no erro de fazerem comentários que, embora talvez bem intencionados, eram tristemente indevidos, já que feitos em sua presença. E é de se lamentar profundamente que pais e amigos tão frequentemente, e sem dúvida, irrefletidamente, falem em frente das crianças em louvor de suas pessoas, de uma maneira que inevitavelmente promove a vaidade, o que injuriará a sua utilidade e alegria enquanto viverem”.

“O ouvido de Nathan era constantemente saudado com palavras como: “Que menino lindo! Este menino é impressionante! Que rosto alegre! Esse é o mais maravilhoso caso de que já ouvi! Não me contaram nem a metade...”

O impressionante mesmo é que, mesmo ao ser exposta a tais tentações, uma real humildade ainda possa ser preservada no coração de uma criança! E apesar da graça de Deus ter sustentado essa querida criança, poucos teriam escapado ilesos.

Sexta-feira

A Bajulação Causa Hipocrisia e Orgulho Espiritual Também
nas Crianças

Quão frequentemente até o ministro cristão é sensivelmente afetado pela bajulação! E como é que uma criança poderá receber sem prejuízo essas atenções acentuadas? Uma exposição honesta de fatos sobre esse assunto seria por demais dolorosa. A humildade é uma das virtudes cardinais do

Cristianismo. No momento em que a impressão é transmitida à mente de que há algo impressionante e meritório no arrependimento pelo pecado, e no amor a Deus, o coração é elevado com o sentimento de orgulho. E daí faz-se e diz-se coisas para atrair a atenção. Orações são oferecidas e sentimentos de piedade são expressos provenientes do amor à ostentação; e a criança é assim “estragada”. Preserve os seus filhos dessas tentações, não dando publicidade a seus sentimentos religiosos. Preserve cuidadosamente, em casa, a chama que é acendida no seu peito. Sob a sua proteção, que eles adquiram força de princípio e estabilidade de caráter. Introduza-os gradualmente aos mais públicos deveres da vida cristã. Ensine-lhes a humildade. Preserve aquele espírito infantil sincero que foi louvado pelo Senhor Jesus. Dessa maneira, você o conduzirá a se tornar um seguidor de Cristo ativo e ardente, mas, ao mesmo tempo, humilde.

Capítulo 8

Frutos da Piedade

SEMANA 24
Segunda-feira
Conhecendo os Frutos
da Verdadeira Piedade

Nada pode conduzir mais efetivamente ao sucesso de uma mãe no trabalho de treinar os seus filhos para serem cristãos consistentes e úteis do que se ter idéias corretas sobre os verdadeiros frutos da piedade. Devemos saber quais os frutos que o verdadeiro espírito de piedade irá produzir, tanto para o nosso próprio bem, como para o de nossos filhos. Nós precisamos saber quais os pontos que nós mesmos devemos buscar alcançar no cultivo do caráter cristão, e também em que direção devemos liderar os nossos filhos. Eu me proponho nesse capítulo a considerar o que realmente são os frutos verdadeiros da piedade, como desenvolvidos numa família.

Terça-feira
A Essência da Piedade: Conhecimento de Deus
e Comunhão com Deus

Espírito Devocional

Um espírito devocional . Um espírito de devoção habitual e sincera está tão diretamente implícito na própria ideia de piedade, que nem parece próprio enumerá-lo como um dos frutos da piedade. Mesmo assim, a importância de esforços diretos e constantes para cultivar tal espírito é frequentemente negligenciada. Por um espírito devocional, nos referimos a um espírito de sincera e fervente oração, e a uma disposição de associar os pensamentos de Deus e da Sua providência a todos os acontecimentos e eventos da vida. Valorize e desenvolva agora esse espírito em vocês mesmos e os inculque sobre os seus filhos.

Ensine-lhes, por exemplo, que quando o seu pai, ou você mesma, os reúne para a devocional matinal ou noturna, isso não é mera formalidade, ou um dever familiar que os filhos devem meramente testemunhar, mas ensine-os que, pelo contrário, eles mesmos têm um dever ativo e importante para realizar nesses momentos.

“Quando o seu pai lê uma passagem das Escrituras” – você pode dizer a eles – “você não deve ficar desatento, mas deve fixar os seus pensamentos sobre o que ele lê, e aplicar as instruções à sua própria situação. E, quando o papai se dirige a Deus em oração, você deve silenciosamente repetir após ele todas as palavras da sua petição, tentando fazer delas as suas próprias. E assim você deve fazer da hora da oração familiar um tempo em que você não apenas ouve a oração do seu pai, mas se engaja na devoção você mesmo”.

Quarta-feira
A Devoção
Pessoal Ensinada
pelo Exemplo

Não será suficiente inculcar uma lição como essa sobre os seus filhos apenas por preceito; você deve liderá-los em tais deveres pelo seu exemplo. Eles devem ver a evidência de um espírito sincero de devoção em você. Para esse fim, você deve ser diligente em oração privada, confessando os seus pecados e implorando a assistência de Deus para lhe capacitar a resistir às tentações peculiares a que você está exposta. A oração social é uma grande fonte de prazer e edificação espiritual, mas ela nunca pode tomar o lugar da oração privada. Há pecados e tentações aos quais todos estamos expostos, os quais não podemos confessar na presença de qualquer outra pessoa senão somente de Deus. Em nossas orações secretas, portanto, nós precisamos ser particulares, chamando pelo nome os nossos pecados secretos e as nossas imperfeições constitucionais.

Quinta-feira
A Devoção Individual Ensinada por Preceito

Ensine aos seus filhos essas verdades:

“Ao final do dia” – você pode dizer a eles – “quando você for para o seu quarto para o repouso noturno, e antes de fechar os olhos para dormir, reviva, em seus pensamentos, as cenas do dia. Relembre todos os deveres que você realizou com fidelidade, e também os deveres que negligenciou, e as tentações às quais você cedeu. Entre os seus pecados de omissão, veja só, talvez você não tenha usado bem o seu tempo na escola como deveria ter feito. Mamãe teve que lhe censurar por deixar as suas roupas tão desarrumadas no quarto. Você também lembra que se sentiu irritado por causa de uma pequena perturbação de sua irmã, e apesar de você ter tido domínio próprio suficiente para não lhe responder com raiva, os seus sentimentos ficaram por algum tempo tão alterados que lhe fizeram bastante descontente. Pense sobre essas faltas até que você sinta o quão pecaminosas elas são aos olhos de Deus. Então, você deve confessar todos estes e outros pecados similares a Deus, e pedir o Seu perdão por eles”.

Sexta-feira
A Necessidade
da Vigilância e
Perseverança
na Oração

É assim que você deverá vigiar o seu próprio espírito, e ensinar os seus filhos a vigiarem os deles, dia após dia, e ano após ano, para que você e eles possam crescer na graça. É apenas por este espírito de oração particular e secreta que uma pessoa pode fazer qualquer avanço, certo ou rápido, na vida divina. Nada pode substituir a fidelidade na oração. No momento em que você começa a negligenciá-la, o seu coração irá ficar frio, e você se tornará vítima de deserção espiritual. Mas se você for fiel na devoção, o seu caminho pela vida será “como a luz da aurora, que brilha mais e mais até ser dia perfeito”. Você logo irá, dessa maneira, ganhar tal vitória sobre os seus próprios desejos pecaminosos que a serenidade e a paz serão o estado habitual de sua mente.

SEMANA 25
Segunda-feira
Cultivando um
Espírito Alegre e

Tranquilo em Nós e
em Nossos Filhos

Alegria

Alegria . Um espírito alegre é tão encorajado nas Escrituras que quase poderíamos considerar um pecado o ser melancólico. É nosso dever ser alegre. Tristeza e abatimento não são apenas consequências do pecado, mas são estados de mente pecaminosos. Eles provam que há ingratidão e falta de submissão ao governo de Deus.

Eu não vou dizer que não possa haver, na história das pessoas, períodos particulares na vida em que elas inevitavelmente serão acometidas de tristezas. Aqui e ali pode cair sobre um indivíduo uma terrível calamidade, e a mente mais forte, e até a fé mais forte, podem ficar prostradas por ela. Mas, mesmo nesses casos, não se pode garantir que não seja o dever do cristão sentir uma tal confiança perfeita na sabedoria e na benevolência do governo de Deus, a ponto de ser ele capaz de ilustrar a verdade da promessa: “Tu guardarás em perfeita paz aquele cuja mente está fixa em ti”.

Não pode, portanto, haver dúvidas de que é o nosso dever, sob todas as circunstâncias ordinárias, ter uma mente serena e pacífica. E ao mesmo tempo em que admitimos que pode haver uma grande diferença, nesse respeito, nas disposições naturais das crianças, nada é mais certo do que o fato de que podemos cultivar nelas, assim como em nós mesmos, o hábito de olhar para o lado brilhante de qualquer objeto, e por esse cultivo, com mais ou menos dificuldade, um espírito de alegria e tranquilidade quase ininterruptas pode ser adquirido. Jovens, e certamente muitas pessoas mais velhas, são tendentes a imaginar que, se elas estão tristes, essa é a sua má-sorte; mas a verdade é que, em geral, não se trata do seu azar, mas do seu pecado. Elas se indulgem, ano após ano, naqueles sentimentos que sabem ser errados, e que corroem o coração como uma víbora que fica mordendo ali.

Terça-feira
Contando as Muitas Bênçãos e Orando
por um Espírito de
Contentamento

Suponha que, quando você acorda de manhã, antes de oferecer a sua oração matinal, você pense em todas as bênçãos com as quais você está cercado. Você reflete sobre quantas pessoas, durante a noite que passou, agonizaram de dor em suas camas. “Quantos morreram” – você diz – “e se encontram, esta manhã, no mundo eterno, despreparados para as cenas terríveis que presenciarão”. Meu Pai Celeste tem me preservado com vida, e outro dia me é dado agora para que eu me prepare para o Céu. O Senhor tem me provido com todas as roupas de que eu preciso para me vestir, e de comida para me alimentar. Eu tenho bons amigos ao meu redor; oportunidades de fazer o bem se abrem diante de mim; e se eu for fiel em meus deveres nesse dia, quão alegremente as suas horas podem voar! E, sobretudo – que pensamento delicioso – se o Senhor achar por bem me levar deste mundo hoje, eu não posso duvidar de que Ele tem, por causa de meu abençoado Salvador, perdoado os meus pecados, e que Ele irá me levar para a Glória. Cada dia está me levando para mais perto da santidade e felicidade eternas. Ah, quantos motivos eu tenho para ter um coração transbordante de gratidão! Eu serei certamente indesculpavelmente ingrata para com meu Pai celeste se, coroada de todas essas bênçãos, eu tiver um coração murmurante”.

– “Pai Celeste” – você diz, em oração meditativa – “ajuda-me neste dia a manifestar a minha gratidão a ti com um coração alegre. Que eu possa de tal maneira te amar e te servir e ter tanta confiança na Tua bondade, e subjugar todos os meus desejos e sentimentos pecaminosos, que conseqüentemente perturbam a nossa paz, e assim realizar todos os meus deveres de tal maneira que eu possa ter um coração tranquilo durante todo o dia.”

Na oração matutina, você ora por um espírito alegre, como um de seus mais preciosos deveres e bênçãos. Você então sai de seu quarto fortalecida pela oração para encontrar-se com sua família, com uma expressão plácida, e mais ainda, com um coração tranquilo. Se qualquer perturbação doméstica surgir, você estará assim preparada para triunfar sobre ela.

Quarta-feira
A Alegria é
Contagiosa

E existe uma misteriosa influência pela qual a serenidade e a boa natureza de um coração é transmitido para todos os corações que o cercam. Ao falar em tons bondosos e agradáveis com sua família; ao envolver-se ativa e continuamente em promover a paz e em preservar a paz; ao prevenir, o quanto possível, todas as ocasiões perturbadoras; e ao sacrificar, com ímpeto, o seu próprio conforto e os seus próprios direitos para fazer as coisas correrem tranquilamente, – você mantém um estado mental imperturbável, o que lhe recompensa mais ricamente por cada ato de auto-negação. A recompensa vem com o dever. É surpreendente a influência que uma pessoa de coração realmente caloroso, alegre e desinteressado pode ter sobre toda a família.

Certa vez, ouvi dizer de uma criança: “Não pode haver tristeza onde ela se encontra. Ela tem a faculdade de fazer tudo correr agradavelmente, e todos se sentem alegres.” Esse deveria ser o caráter de toda criança cristã; e quão efetivos, em disseminar uma atmosfera de gozo, podem ser os esforços de uma mãe crente.

Se qualquer mãe se dispuser, perseverantemente, e em oração, no curso desta vida, a resistir a toda emoção de descontentamento, e a cultivar, dia a dia, e de hora em hora, um espírito contente e alegre, contendendo contra cada sentimento errado, e apreciando tudo o que é amável e de boa fama, com um esforço nunca intermitente de manter um sorriso no seu rosto, e a paz no seu coração, ela logo ganhará tal controle sobre si mesma, e entrará num hábito tal de contentamento, que praticamente nada conseguirá interromper a sua alegria. Mesmo em meio a tristezas, ela estará contente. Ela estará contente em casa ou fora de casa, no trabalho ou no descanso, sozinha ou em companhia. E quando a hora da morte vier, e ela olhar adiante para o seu lar no céu, enquanto outros choram, ela se alegrará.

Quinta-feira
O Dever da Alegria

“Alegrai-vos sempre”, diz o apóstolo Paulo. Esse é um mandamento divino; mas é um mandamento que nós não podemos obedecer sem fazer esforços diretos para cultivar o espírito que ele incentiva. A mãe precisa, então, cuidadosamente e em oração, cultivar um espírito de alegria. Ela

deve resistir àquele espírito deprimido e sombrio. Esse é o espírito de Satanás, não de Deus. É um elemento do mundo da punição, não da casa dos anjos. Diz-se do famoso Wilberforce que ele tão cuidadosamente, na primeira parte de sua vida, vigiou o seu próprio coração, diligentemente subjugando todas as emoções da vaidade, da ambição, do egoísmo e da irritabilidade, que na parte subsequente de sua vida, ele parecia estar acima da tentação. A respeito desses pecados que tanto perturbam a mente comum, a luta, para ele, parecia estar quase findada, e a vitória, quase completa. Os últimos anos de sua vida foram como a glória calma e dourada de uma tarde de verão. Nenhuma nuvem obstruía o horizonte das suas alegrias. Ele era tão alegre quanto os dias eram longos. Seus filhos e netos o cercavam, sentindo que a sua presença dispersava quase toda tristeza. A sua passagem predileta das Escrituras era: “Não andeis ansiosos por coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e súplica, com ações de graça, e a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará as vossas mentes e os vossos corações em Cristo Jesus.”

Sexta-feira
Você Não Tem
Qualquer Direito
de Ser Infeliz

Agora, eu não tenho dúvida de que está no poder de quase qualquer crente, pelo mesmo cultivo, obter a mesma alegria rica e celestial. Muitas pessoas são infelizes embora estejam cercadas de quase todas as bênçãos terrenas; e muitas são muito felizes, as quais são privadas de quase qualquer bem terreno. Nossa felicidade depende muito mais do estado de nossos corações do que de qualquer outra coisa. Cultive, então, um correto estado de coração, e você irá, quase certamente, ter uma vida feliz.

E não pense que você tem qualquer direito de ser infeliz. Se você passar um dia infeliz, em depressão e aborrecimento, você deve se arrepender dele, e pedir o perdão de Deus, e buscar a Sua ajuda, para que você não peque mais. Um dia assim é um dia mal gasto. A sua depressão deve ter desonrado a religião que você professa. Você deve ter estragado a alegria dos seus

amigos, do seu marido, de seus filhos, e de todo o seu círculo doméstico. E isso deve ter não apenas prevenido a possibilidade de qualquer esforço vigoroso de fazer o bem, mas a influência do seu exemplo de depressão deve ter repellido outros da religião.

Portanto, faça do seu dever diário o de ser alegre. Ore para que você seja alegre; medite sobre as suas bênçãos; olhe para o lado bom de tudo; e cuidadosamente sonde e estude o seu próprio coração, para que você possa identificar quais são aqueles sentimentos que perturbam a tranquilidade da sua mente, e que devem, portanto, ser freados; e quais são aquelas emoções que satisfazem e dão prazer, e que devem, portanto, ser cultivadas. Você, provavelmente, não faz ideia do quanto a sua utilidade e alegria dependem do cultivo cuidadoso de um espírito contente.

SEMANA 26

Segunda-feira

A Lei da Bondade

Bondade

Bondade . O espírito da religião é o espírito do auto-sacrifício, de desistirmos da nossa própria conveniência, e de abrirmos mão dos nossos próprios direitos, a fim de podermos promover a felicidade dos outros. Nós devemos assim nos esforçar, não apenas para garantir a felicidade daqueles a quem amamos, mas também para promover a felicidade daqueles que são maldosos para conosco, cujo caráter e modos nos são desagradáveis. Nós somos instruídos na Bíblia que devemos, nesse respeito, imitar a Deus “que faz o sol brilhar sobre maus e sobre bons, que manda a chuva para o justo e para o injusto”.

E cabe-nos diligentemente praticar esse sentimento nós mesmos e, com determinação, inculcá-lo sobre os nossos filhos. Ensine seus filhos que não é, de maneira alguma, suficiente amarmos aqueles que nos amam e sermos bondosos para com aqueles que são bondosos conosco. Nossa bondade deve ser um estado de coração, um princípio estabelecido de aplicação universal. Onde quer que possamos conferir um favor, devemos fazê-lo com alegria, quer aqueles que o recebam sejam merecedores ou imerecedores; e devemos agradecer a Deus pela oportunidade de ter podido fazer o bem.

Terça-feira
A Bondade
Agrada a Deus

Devemos lembrar que um ato de bondade, por menor que seja, se procede de uma boa-vontade sincera, é agradável a Deus. Devemos ensinar essa verdade aos nossos filhos. Uma criancinha, por exemplo, está sentada no canto da sala perto da lareira numa manhã gelada de inverno. É um cantinho aconchegante – o lugar mais agradável da sala. Com um livro interessante nas mãos, ela está aproveitando a sua posição confortável. O seu irmão entra em casa vindo do frio. De uma vez, talvez, vem o seguinte pensamento à sua mente: “Eu peguei esse lugar primeiro e eu tenho direito a ele. É tão confortável que eu não posso nem pensar em me levantar daqui.” Esse é o espírito egoísta terreno e pecaminoso. Mas ela repele esse pensamento. O espírito do Cristianismo e do céu vem sobre ela, e, levantando-se imediatamente do seu assento, ela afetuosamente diz: “Aqui, irmão, você parece estar com tanto frio! Tome esse lugar quentinho. Eu já estou bem aquecida, e vou me mudar para um pouquinho mais longe do fogo”.

Esteja certa de que Deus olha para esse tipo de ato e se agrada dele. É agir como Deus. Anjos olham para baixo e amam esse tipo de espírito e dizem: “esse é o espírito do Céu; ali está uma criança que queremos ter associada a nós aqui.”

Quarta-feira
Ensine e Exemplifique
a Bondade para
Seus Filhos

Esse espírito você deve manifestar a todo momento e em todas as ocasiões, e assim dar o exemplo aos seus filhos. Ensine-os a estarem sempre prontos a fazer tudo em seu poder para fazer outros felizes. Quando eles estão com os seus irmãos e irmãs, ou com os seus colegas na escola, eles devem estar sempre prontos, em todas as coisas, para desistir de seus próprios planos para agradar a outros.

Um prato de maçãs é trazido para a sala. Uma é maior e mais bela que as outras. Ensine-os a não escolher aquela para eles mesmos, mas a selecionar bondosamente – embora sem ostentação – aquela maçã para o seu irmão, ou irmã, ou para o seu amigo que veio visitar-lhes. Algum jogo é proposto. Ensine-os a abrir mão de sua própria preferência para a escolha dos outros. Assim, em tudo que não for errado ceder, ensine-os a desistir de seus próprios desejos, a fim de que possam gratificar a outros.

Quinta-feira
Desejo de Agradar
os Outros Não é
Desculpa para o
Pecado e Indecisão

Devemos ser cuidadosos, contudo, para que essa disposição amável e complacente não se degenere em indecisão e instabilidade. Nós nunca devemos ceder, ainda que seja no menor grau, quando for errado fazer isso. Seja o que pensamos ser o nosso dever, isso devemos resolver fazer, com mansidão e bondade, mas firmemente, a qualquer custo. Não devemos pensar: “É um pecadinho, e eu vou me entregar a ele para gratificar a outros.” Lembre-se de que se aproxima o tempo quando deveremos comparecer perante o tribunal de Deus; e Ele não vai considerar uma desculpa para desagradá-Lo o fato de que nós o fizemos para agradar os nossos amigos ou associados. Essas tentações nós devemos resistir; e Deus nos expõe a elas para que, pela resistência, possamos fortalecer em nossos corações o princípio da obediência a Ele.

Sexta-feira
Jesus Nosso Exemplo
de Bondade e Firmeza

Uma pessoa pode ter a disposição mais amável do mundo – a mais bondosa e mais gentil – e ainda assim possuir um tal grau de decisão de caráter a ponto de estar disposta a encontrar qualquer oposição e desgraça, ao invés de fazer o menor mal. Esse era o caráter do nosso Salvador. Ele estava disposto a deixar o céu, com todas as suas alegrias, e a sofrer e morrer sobre a cruz, para que Ele pudesse nos fazer bem. Tudo isso Ele

pôde fazer por aqueles que não o amavam, que eram os seus inimigos, e que, com ódio e insulto, o pregaram na cruz. Nosso Salvador pôde fazer tais desafiadores sacrifícios para promover a felicidade dos outros. E ainda assim, nunca houve outra pessoa no mundo que tivesse tamanha decisão de caráter como Ele. Nenhum motivo terreno podia induzi-lo a fazer nada que fosse errado ao menor grau.

Devemos todos possuir o espírito de Cristo se quisermos ser Seus discípulos. Nós devemos imitá-lo em Sua bondade abnegada, em Seu esquecimento de seu próprio conforto, a fim de podermos promover a alegria dos outros, e também em sua consciente realização do dever a todo custo. Cultivar essa disposição é uma parte importante do abençoado conflito cristão.

SEMANA 27

Segunda-feira

A Boa-Educação é um Mandamento Bíblico

Gentileza

Boas-Maneiras . Algumas pessoas podem ficar surpresas em encontrar *boas-maneiras* mencionadas como um dos frutos e evidências da piedade. Você tem sido, talvez, acostumada a associar a boa-educação àqueles modos elegantes que pertencem mais aos vaidosos e frívolos do que aos sérios e piedosos. Mas a verdade é que a boa-educação ou gentileza é uma das mais importantes virtudes cristãs. Ser cortês é um dos mandatos da Bíblia. De fato, a Bíblia contém as regras mais perfeitas de gentileza conhecidas no mundo; e ela impõe a observância dessas regras como algo de infinita importância. A mais perfeita definição de boa-educação que eu já vi diz assim: “a boa-educação é bondade verdadeira demonstrada com bondade”.

As boas-maneiras não consistem de hábitos floridos e ares artificialmente adquiridos. Elas são a expressão natural de sentimentos amáveis. Se cuidadosamente cultivamos os sentimentos a que aludi sob o ponto da bondade e, com benevolência real e sem ostentação, tratamos todos com quem nos associamos de acordo com esses princípios, nós seremos verdadeiramente gentis. Nossas maneiras serão agradáveis a todas as pessoas. E pessoas que não tem esses sentimentos, e desejam parecer

educadas, somente conseguirão imitar a formalidade vazia e sem vida. De fato, é difícil conceber que alguém seja um cristão e não seja bem-educado. O caráter cristão de alguém que não possui essa graça certamente é muito defeituoso, pois implica a ausência dos mais amáveis tratos da mente e do coração.

Terça-feira
Deve Haver
Bondade no Coração
e na Expressão

Um escritor de um dos livros apócrifos diz que uma palavra graciosa é melhor do que um presente; e, de fato, é verdade que algumas pessoas fazem favores a outras de uma maneira tão repulsiva que dá mais dor do que prazer em recebê-los. Nossa bondade real deve ser expressa com bondade. Se não for assim, iremos frequentemente causar maior dor do que prazer com o que pretendemos que seja um ato de bondade.

Que a mãe assim ensine os seus filhos, tanto por preceito como por exemplo, a sempre serem bem-educados. Que ela sinta verdadeira bondade por todos e aprenda a expressar a bondade que sente de uma maneira bondosa. Que ela inculque esses princípios nos seus filhos. Mostre-lhes claramente que ambos os pontos são essenciais. Não é suficiente que haja um sentimento substancial de bondade no coração; ele deve ser expresso bondosamente. De outro lado, não é suficiente haver bondosa expressão de palavras e atos; deve haver um sentimento bondoso no coração.

Quarta-feira
Um Exemplo de
Má-Educação

Essa distinção pode ser feita com muita clareza aos filhos mais novinhos com o seguinte exemplo: Eu estava certa vez andando com um pastor quando encontramos um homem pobre e aleijado na estrada. O pastor achou que seria um ato de bondade ajudá-lo em seu caminho e, parando o seu cavalo, disse: “Aqui, aleijado, suba aqui!” O homem pobre ficou alegre de conseguir uma carona e subiu. O pastor não deu mais atenção a ele, mas encheu a mente de seus próprios pensamentos. Ocasionalmente, o homem

pobre falava alguma coisa; mas não se dava atenção ao que ele falava, a não ser que fosse necessário responder-lhe algo. E então, a resposta era um curto sim ou não. Finalmente, chegamos ao lugar onde o homem coxo deveria descer. Ao deixar a carruagem, ele caridosamente agradeceu ao pastor pela sua bondade em lhe dar a carona. Nenhuma palavra, contudo, foi dita em resposta ao seu agradecimento, mas o pastor meramente seguiu o seu caminho. Agora, a maneira fria com a qual esse favor foi feito, sem dúvida, deu muito mais dor ao pobre homem do que a carona lhe deu prazer. Foi, sem dúvida, a realização de um favor de uma maneira extremamente desumana e anti-cristã. O pastor foi muito mal-educado.

Suponha, agora, que ele tivesse adicionado o charme dos bondosos modos ao favor substancial que desejou dar. Ele teria dito: “Amigo, eu tenho um lugar extra na carruagem aqui – você não gostaria de entrar e pegar uma carona?” Ele, então, teria alegre e socialmente conversado com o homem e manifestado interesse pela sua história. E quando o homem deixou a carruagem e o agradeceu pela carona, ele deveria ter respondido: “você é muito bem-vindo, senhor.” Essa maneira de fazer o favor teria alegrado e gratificado o pobre homem e ele teria ido para a sua casa com sentimentos felizes.

Quinta-feira
Os Benefícios
Temporais da
Gentileza

É surpreendente a quantidade de alegria que pode ser conferida a outros ao longo de uma vida, por meio de se fazer coisas bondosas de uma maneira bondosa. É por uma cuidadosa atenção a essas pequenas coisas, como alguns as consideram, que devemos alegrar aqueles que estão ao nosso redor. Como a nossa vida inteira é feita de coisas tão pequenas como momentos assim, a alegria ou a tristeza da vida depende das dores e prazeres que esses momentos tão passageiros forem repletos. E é invariavelmente verdade que a pessoa mais feliz é aquela que mais faz para promover a felicidade dos outros.

Um homem egoísta é sempre um homem infeliz, e uma criança egoísta é sempre uma criança infeliz: “ao sentar sozinha no seu canto comendo a maçã que ela se recusa a compartilhar com o seu irmão ou irmã; quando ela toma avidamente a cadeira mais confortável da sala; ao agarrar o novo livro, resolvida a ter o prazer de lê-lo primeiro – ela está, e só pode estar, infeliz. A consciência dentro dela está inquieta, e a fisionomia do seu rosto mostra, em sua expressão desagradável, o coração desconfortável que ela tem. E o mesmo acontece com aqueles que passaram do período da infância. O homem ou mulher que cresceu com um espírito egoísta não tem amigos nem alegrias. Tais pessoas são vistas com frequência. Elas vivem como se fossem sozinhas no mundo. Elas não amam ninguém e ninguém as ama. E, depois de uma vida insensível, elas morrem, e ninguém lamenta por elas.

Sexta-feira
O Valor Eterno
da Gentileza

Que as crianças sejam treinadas, portanto, a cultivar um espírito cortês, a falar em tons de voz bondosos, a usar uma maneira gentil e agradável de fazer coisas agradáveis, e isso promoverá a sua alegria cada dia que elas viverem. Isso tenderá a fazer todos ao redor delas alegres. Outros irão imitar o seu exemplo, e embeber o seu espírito. O espírito de gentileza irá vastamente aumentar a nossa influência também em apontar outros para o Salvador. Ele conferirá honra à religião de Cristo; pois o mundo julga o Cristianismo não tanto pelas instruções do Salvador, como pelas vidas dos seus professores.

Não há nada que valha a pena se ter nesse mundo que possa ser conseguido sem esforço. Se você quer possuir a graça da boa-educação cristã, você deve fazer dela uma parte do seu dever cristão, e um assunto de oração. Você deve resolver, pela manhã, que irá se esforçar no decorrer do dia para bondosamente manifestar sentimentos bondosos. E à noite, em auto-exame, você deve se perguntar onde falhou nesse dever; que oportunidades você teve em que poderia ter contribuído para a alegria dos outros, mas nas quais falhou em fazer isso. Esse é o verdadeiro espírito do

céu. Se um dia vamos entrar no céu, nós precisaremos ter esse espírito, e é aqui, nesse mundo de pecado, que devemos triunfar sobre a tentação e subjugar as paixões, e obter aquelas amáveis qualidades de caráter que nos farão alegres companhias para os anjos e para os espíritos dos justos aperfeiçoados.

SEMANA 28
Segunda-feira
Assiduidade nos
“Pequenos Deveres”
da Vida é Fruto
da Piedade

Fidelidade no Dever

Fidelidade em pequenos deveres. Um grande erro no qual quase todos os cristãos caem é o de não serem suficientemente assíduos na realização do que são usualmente chamados de “os pequenos deveres da vida”. Não somos suficientemente cuidadosos para levar avante os princípios do Cristianismo para todos os nossos relacionamentos como maridos e esposas, irmãos e irmãs, pais e filhos, vizinhos e amigos. Se você, meu leitor, seja qual for a sua situação na vida, tem sinceramente iniciado a carreira da vida cristã, você deve fazer o seu dever diário de agradar a Deus na realização de cada dever, grande ou pequeno; e é pela sua atenção a coisas que muitas pessoas consideram triviais, que você pode o mais efetivamente glorificar a Deus.

Crianças particularmente são tendentes a imaginar que obrigações religiosas são algo muito distante dos deveres ordinários da vida. Elas raramente conectam a ideia de dever cristão com tais assuntos como *ordem*, *higiene pessoal*, *gentileza* e outros pontos parecidos que às vezes são chamados de “moralidade inferior”. Contudo, nunca será demais ensiná-las – e assiduamente – que os princípios de piedade, se elas de fato os possuem, devem regular toda a sua conduta, e levá-las a fazer o que é certo em coisas pequenas, assim como em coisas grandes.

Terça-feira
Servindo a Deus nos Pequenos Deveres

Na realidade, as coisas pequenas, com crianças, são as coisas grandes, pois em sua importância e relações variadas, elas envolvem os mais elevados princípios morais. Aqui está um menino, por exemplo, cuja mãe tem separado para o seu uso algumas gavetas onde ele deve guardar as suas roupas; e ela lhe deu o dever de ter as suas roupas dobradas com cuidado e sempre colocadas em ordem. Um dia, ela entra no seu quarto e, ao abrir as gavetas, ela vê que está tudo em desordem. Na pressa de pegar uma peça de roupa, o menino descuidadamente tirou a peça e recolocou as outras coisas dentro, sem dobrar, e agora tudo está em confusão. A mãe fica profundamente descontente ao constatar que seu filho está formando hábitos tão negligentes. Isso provoca um sentimento de real infelicidade no coração da mãe. Seu tempo valioso é ocupado em reparar os efeitos de sua indolência e negligência, e o próprio menino está crescendo com hábitos que irão diminuir extremamente a sua eficiência e utilidade como homem.

Agora, não podemos chamar isso de pecadinho, se ele produz tais consequências que fazem uma mãe triste e aumentam os seus cuidados e trabalhos, e que está formando na criança hábitos que a deixarão despreparada para os futuros deveres da vida. Se for assim, também um homem que toca fogo numa cidade pode dizer que esse foi um pequeno pecado porque ele meramente acendeu um pequenino fogo com algumas brasas. Ensine os seus filhos, portanto, que os olhos de Deus estão sobre eles em tudo o que fazem; e que se eles realmente amam a Deus e desejam agradá-lo, devem se esforçar para serem fiéis em todos os seus deveres, tanto pequenos, como grandes.

Quarta-feira
A Utilidade da Mãe Depende do Cultivo
da Ordem e Esmero
em Tudo

A mãe deve, ela mesma, estar convencida dessa verdade e aplicá-la ao seu próprio caso. Poucas pessoas fazem idéia do quanto a utilidade e a alegria de alguém na vida dependem de seu cultivo do hábito do esmero, ordem e sistema em tudo o que fazem. Algumas senhoras realizarão o dobro de outras no decorrer de sua vida simplesmente porque, na sua infância,

elas adquiriram o hábito de manter todas as coisas no seu devido lugar. Vá às suas casas e tudo parece estar em ordem. Não há pressa ou alvoroço. Parece não haver esforço algum para se manter as coisas em ordem. Outras senhoras, que foram treinadas sob hábitos diferentes, ou desistem e se desesperam e indolentemente se sentam no meio da confusão que reina em sua casa, ou trabalham e correm pela vida, nunca gozando de nenhuma quietude ou descanso, sempre ocupadas em pôr as coisas em ordem, mas nunca capazes de mantê-las assim.

Portanto, não permita que as crianças imaginem que é um pecado pequeno ser desarrumado ou negligente. Um dos seus deveres mais importantes é cultivar hábitos corretos a esse respeito. Ensine-as que elas podem assim agradar a Deus, alegrar os pais, adornar a religião, e não apenas se preparar para a utilidade futura, mas ser útil a cada dia e a toda hora.

Quinta-feira
A Criança
Pode Glorificar a
Deus Agora

Somos muito tendentes a pensar que, se tivéssemos em alguma situação diferente daquela em que somos realmente colocados, poderíamos fazer uma grande quantidade de bem. Os jovens normalmente supõem que se eles estivessem lá fora, no mundo, eles poderiam, de várias maneiras, como homens e mulheres, servir ao seu Criador. Mas eles imaginam que não podem fazer muito - se é que podem fazer alguma coisa - para servir a Deus e promover a Sua glória, a não ser que estejam em alguma posição importante. Mas Deus deseja ter seus amigos colocados em todas as diferentes posições na sociedade, para que o poder da religião possa ser exibido em todos. Ele deseja que hajam mercadores, mecânicos, marinheiros, pais e mães piedosos, e crianças piedosas.

E a criança que é piedosa pode servir a Deus de maneira tão aceitável para Deus na situação em que é colocada, tanto quanto qualquer outra pessoa nas situações em que Deus as tem colocado. Deus não olha para a posição que ocupamos na sociedade, mas para a fidelidade com que

realizamos os deveres próprios dessas posições. E a conduta cristã fiel, mesmo da criança mais novinha, é tão aceitável a Ele, e talvez, tão útil na realização dos propósitos divinos, como o zelo e a energia do mais devoto mártir cristão.

Sexta-feira
A Fidelidade nos
Pequenos Deveres
Agrada a Deus

Ensine essas coisas diligentemente a seus filhos e treine-os no hábito do esmero e ordem em tudo o que fazem. Quando eles chegarem em casa da escola, que eles sejam sempre ensinados a pendurarem, eles mesmos, o chapéu, a capa e as roupas nos lugares apropriados, e a guardar os seus livros. Ensine-os a fechar as portas que abrem sempre que entrarem ou saírem. Ensine-os a guardar todos os seus livros e brinquedos em ordem. Mostre-lhes que é o seu dever dar atenção a todas essas coisas não como assuntos de pouca importância, mas como deveres cristãos da maior relevância, que exigem constante vigilância e cuidado.

Essas são as maneiras pelas quais Deus deseja que os jovens manifestem o poder da religião e o glorifiquem. É por uma atenção consciente a tais deveres como esse – realizados porque eles desejam fazer aquilo que é agradável aos olhos de Deus – que eles devem exhibir os frutos da piedade. Eles devem almejar, todo dia, adquirir um caráter de perfeita fidelidade na realização de todos os seus deveres, lembrando que nada que tende à perfeição de caráter é trivial demais para exigir os seus esforços e orações. A melhor evidência que tanto os velhos como os novos podem dar de piedade é a busca consciente de ser fiel na realização de todo dever, seja qual for. Assim nós glorificamos a Deus e honramos a religião cristã da melhor maneira.

Isso é o que significa o texto: “pelos seus frutos os conhecereis”. A maneira pela qual devemos julgar a piedade de todas as pessoas é a sua conduta. Se um homem ou mulher professa ser cristão e mesmo assim é infiel na realização dos deveres ordinários da vida, a sua profissão é vã. É assim na juventude e é assim na velhice. A melhor evidência que pode ser

dada pelo cristão devoto é a fidelidade com que ele realiza todos os deveres da vida, tanto grandes como pequenos.

Capítulo 9

Mais Frutos da Piedade

SEMANA 29
Segunda-feira
Lute Contra um
Espírito Acusativo

Continuamos neste capítulo enumerando vários atributos do caráter cristão que a mãe deveria buscar cultivar em si mesma, e naqueles sob a sua responsabilidade.

Brandura no Falar

Guarde-se contra um espírito de censura . Um espírito reprovador é um pecado muito comum, e se constitui numa falta que atinge particularmente as mulheres, devido ao seu modo de vida comparativamente mais retirado. Quase não há outro pecado sobre o qual a Bíblia nos advirta em termos mais sérios e profundos. Os males e perversidades produzidos por uma língua desgovernada – a ruína que produz em alienar amigos, acender animosidades e perturbar de todo modo a paz e a harmonia da sociedade – são assuntos que tem evocado algumas das mais fortes expressões dos escritores inspirados:

“Ora, a língua é fogo, é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta, ela mesma, em chamas pelo inferno”. (Tiago 3:6)

“Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã.” (Tiago 1:26)

Esses são os termos com que os escritores sagrados falam da importância de se pôr guarda à língua. Uma única pessoa, de disposição reprovadora, irá com frequência manter toda uma igreja ou vizinhança em turbulência. E cada leitor provavelmente já deve ter visto grande infelicidade produzida

pelas observações maliciosas ou comentários difamadores que outros propalaram. De fato, há pouquíssimas pessoas que não tenham constantemente suportado horas de sofrimento em consequência de comentários descuidados e, talvez, um tanto exagerados que fizeram, e que foram transmitidos a outros ouvidos por aqueles que estão sempre prontos a causar problemas. Salomão nos diz que, se alguém falar mal do rei, “o pássaro do ar irá carregar a sua voz, e aquilo que tem asas lhe contará o assunto”; e por essas expressões poéticas ele quer nos ensinar que sempre existe alguém pronto para carregar más notícias.

Se você diz algo contra uma outra pessoa, é muito provável que isso será repetido, com exageros, para aquele indivíduo. Um repetirá a outro o infeliz comentário, que cresce de tamanho à medida que segue, como uma bola de neve, e alcança os ouvidos da pessoa contra quem foi feita a observação. Isso leva à recriminação, a tratamentos maldosos, ou a uma querela. Outros são atraídos. E bem se pode dizer, na linguagem da Bíblia, “Eis quão grande problema um pequeno fogo causa!”. O tamanho do sofrimento que, dessa maneira, é causado no mundo é simplesmente inimaginável. Cada escola, cada igreja, cada vizinhança é assolada por ele. Não preciso gastar muito tempo para mostrar quão grande é este mal.

Que a mãe possa explicar esse assunto para seus filhos, e adverti-los contra esse perigo. Conduza-os a formar a resolução de que eles nunca irão se permitir falar mal de alguém, a não ser que fazer isso seja claramente o seu dever. Dê-lhes, você mesma, um bom exemplo a esse respeito. Resolva que irá cortar o espírito de severidade pela raiz. Se você fizer isso, quantas horas de sofrimento serão poupadas! Se, por outro lado, você se permitir falar livremente das faltas dos outros – repassando as inúmeras histórias que ouve – estará continuamente em problemas e estará sempre envolvendo outras pessoas na dificuldade. Resolva que nunca falará nada acerca de alguém ausente, que você não queira que esta própria pessoa ouça – exceto em casos onde não há dúvidas de que é o seu dever fazer isso.

Terça-feira
Fuja da Fofoca

Há casos em que é o nosso dever falar do caráter dos outros; e, se elas realmente têm um caráter pervertido, advertir a outros desse fato. Pode ser o nosso dever advertir os nossos filhos contra um colega pernicioso e perigoso. E quando essa ocasião surge claramente devemos realizar o nosso dever com fidelidade, por mais desagradável que seja. Mas tais casos são comparativamente raros, enquanto o costume de falar mal é um dos mais condenáveis e indesculpáveis do mundo.

Uma vez que esse hábito é formado, é quase impossível erradicá-lo. Uma pessoa que se torna fofoqueira, espalhando toda calúnia que pode colecionar, está quase fora do alcance da correção. Ela irá, sem a menor dor de consciência, jogar suspeitas sobre a melhor das reputações. Ela não se apercebe do seu próprio caráter degradado, e torna-se maledicente e acusadora da comunidade. É surpreendente o quanto uma pessoa assim pode ser inconsciente desse odioso pecado. Quando ela ouve algo sobre o pecado de falar mal, por encontrar-se tão imersa no hábito de olhar para as faltas dos outros e não para as suas próprias, ela nem pensa em fazer qualquer auto-aplicação, mas procura ao seu redor para ver a qual de seus vizinhos pode acusar de ser um fofoqueiro.

Nós temos tantas faltas próprias para nos entristecermos com elas e corrigi-las, que deveríamos ser sobremodo condescendentes para com as faltas dos outros. E quando vemos qualquer coisa na conduta de nossos amigos e conhecidos que são erradas ou desagradáveis devemos tentar evitar essas coisas nós mesmos, e ao mesmo tempo ser muito cuidadosos de não as mencionarmos a outros. Um dos maiores elogios que pode ser feito a qualquer senhora é dizer que ela nunca foi conhecida por falar mal dos outros. Resolva, com a ajuda da graça de Deus, que esse será o seu caráter, e faça todo esforço para formar o mesmo caráter nos seus filhos. Mostrelhes que esse hábito irá multiplicar seus amigos; irá livrá-los de muitas horas de amargura, e por toda a sua vida, redundará em crescimento de sua utilidade e prazer.

Quarta-feira
A Preciosidade
e Fragilidade da
Pureza Mental

Ensine seus filhos a cultivar, como um dos frutos de piedade, uma escrupulosa delicadeza e pureza de mente. A consciência das crianças será um guia muito sensível sobre esse assunto, se estiver num estado saudável. Ensine-lhes que qualquer conversa que não for boa ou edificante – que elas não gostariam, por exemplo, que sua mãe as ouvisse falar ou repetir – deve ser motivo para que se recusem a ouvir seus companheiros. Se seus colegas, em algum momento, começam tal tipo de conversa, elas devem deixar a sua companhia imediatamente, quer eles fiquem ofendidos ou não. Elas jamais vão errar por serem cuidadosas demais com respeito às palavras que usam, ou às ideias que permitem entrar em suas mentes. A delicadeza da mente é muito facilmente ferida, e uma vez afetada, o dano é irreparável. Mesmo nas mais improváveis circunstâncias da vida, as mulheres frequentemente se deparam com aqueles que parecem não ter nenhum senso de propriedade. Há pessoas que estão sempre introduzindo tópicos de conversa que são revoltosos à mente purificada; essas pessoas tem se tornado tão obtusas em seus sentimentos que parecem totalmente inconscientes de qualquer impropriedade. Outras mulheres têm uma modéstia e delicadeza instintiva, que é seu mais brilhante ornamento. Você nunca ouve delas uma palavra, ou uma alusão, que não seja pura ou agradável. A simplicidade apropriada de suas vestes, os tons suaves de voz, os assuntos de conversa que elas introduzem, e a gentil expressão de suas faces, tudo se une para testificar da pureza que reina em seus corações. Quem pode ver uma moça assim e não estimá-la e amá-la? As indelicadezas, provindas de qualquer sexo, são repreendidas pela sua presença. Mesmo senhoras indelicadas (se não for uma perversão da linguagem o eufemismo de chamar assim uma mulher de mente impura) têm o cuidado, em sua presença, de pôr um guarda a suas línguas.

Quinta-feira
Nossa Felicidade
Depende da Pureza
dos nossos
Pensamentos

“Guarda o teu coração com toda a diligência” é um dos mandamentos que Deus tem nos dado, e a felicidade de cada jovem cristão depende mais do cultivo dessa virtude do que normalmente se imagina. Constatar, ao passarmos por essa vida, que os nossos pensamentos naturalmente residem em objetos que são puros e agradáveis, será uma das mais ricas fontes de nossos prazeres terrenos. Nós iremos, necessariamente, passar muitas e muitas horas na vida a sós com nossos próprios pensamentos. Se os nossos pensamentos forem tais que nos dão um desconforto na consciência, de modo que teremos que estar continuamente batalhando contra eles, então, a consequência é que vamos experimentar muitos dias de tristeza secreta, mas real. Se, por outro lado, por um cuidadoso cultivo do coração, temos acalentado apenas aqueles pensamentos que a consciência aprova, iremos provavelmente nos mover, em nossos deveres diários, em felicidade serena.

Explique esses princípios a seus filhos, e busque levá-los a resolver que não irão, nem na escola, nem em qualquer outro lugar, participar de conversas, ou ouvir conversas, as quais eles não iriam querer repetir na presença de seu pai ou de sua mãe. Deixe que este seja para eles o teste do que é próprio. Diga a eles que, se em algum momento, eles estão em dúvida se a conversa que eles estão ouvindo é apropriada ou não, eles devem se perguntar: “eu gostaria de repetir isso para a minha família, na hora do jantar?”. Se eles não estiverem prontos a contar a conversa a seus pais, então eles devem se recusar a ouvi-la. Se eles não puderem mudar o assunto da conversa, eles devem deixar aquela companhia. Ensine-os a lembrar que Deus sempre está presente; que os Seus olhos estão sobre eles; que Ele ouve toda palavra que é proferida; que Ele vê todo pensamento do coração, e que, como eles valorizam a aprovação de Deus, devem resolver estimar, com o maior cuidado, a pureza de coração.

Sexta-feira
Ensinando e
Exemplificando a Veracidade e
Honestidade em Tudo

Veracidade e Honestidade

Uma observância muito escrupulosa da verdade deve ser um dos frutos mais proeminentes de piedade . Para alguns, isso pode parecer uma orientação quase desnecessária. Mas na realidade, pais parecem muito lentos em serem convencidos de que os seus filhos sejam sequer capazes de contar mentiras. É quase uma regra invariável que todas as mães acreditam que os seus filhos falam a verdade; e é uma regra quase igualmente invariável que elas estão todas enganadas. As crianças em geral irão proferir a falsidade, até que sejam ensinadas a falar a verdade. Às vezes elas são assim instruídas muito cedo, e em tais casos a mãe, esquecida das falsidades infantis, diz que ela nunca viu a sua criança contar uma mentira. Mesmo quando a criança é mais velha, em geral, não se deve confiar em nenhum amor natural à verdade, se queremos salvar nossos filhos do pecado da falsidade. Nós devemos, em nossa conversa com eles, apresentar esse assunto à sua atenção, não de maneira suspeita ou buscando encontrar faltas, mas num contexto de confiança e boa-vontade. Devemos explicar a eles como Deus considera terrível o pecado da falsidade, e citar e explicar aquelas passagens da Escritura relacionadas ao assunto.

A mãe também precisa, ela mesma, ser sempre honesta, franca e aberta, em todos os seus lidares, com todos os seus filhos. Nunca combine – como muitas mães fazem – com um filho mais velho, de enganar um filho mais novo. Se você o fizer, pode esperar que os seus filhos a imitem (vão combinar juntos para enganar você). Seja honesta com todos eles, e em todos os seus relacionamentos com seus amigos, vizinhos e parentes, seja sempre aberta e sincera. Assim você irá conduzir os seus filhos no caminho correto.

SEMANA 30
Segunda-feira
Ensinando o Perdão
pelo Exemplo e
por Histórias

Disposição para Perdoar

O espírito de perdão é um dos frutos da piedade . A mãe deve cultivar ela mesma esse espírito, e inculcá-lo sobre os seus filhos. Ensine-lhes que a

regra do Cristianismo é: “Perdoe os seus inimigos” e “faça o bem àqueles que o injuriam e perseguem.”

A mãe deve inculcar esse princípio, como todos os outros, pelo seu próprio exemplo. E depois do seu próprio exemplo, a narração de histórias de perdão terá uma maior influência sobre as crianças do que quaisquer preceitos gerais e exortações.

Eu irei aqui, como exemplo, relatar uma dessas histórias. Havia um rico comerciante que tinha muitas peculiaridades de caráter que o expunham ao ridículo. Ele era um homem benevolente, mas tinha hábitos tão excêntricos, que um escritor habilidoso poderia facilmente representá-lo como uma caricatura corrompida.

Um de seus vizinhos, sem nenhuma provocação justa, publicou um panfleto muito insultante contra ele, chamando-o de Billy Button, e expondo-o aos risos do mundo, na atitude mais ridícula e insultante em que ele poderia ser representado. A publicação de tal panfleto foi um insulto o mais rude e agressivo que poderia ser infligido, pois não há nada de que a mente humana tanto se retraia, como do deboche e da zombaria. O comerciante leu o panfleto difamatório, e simplesmente observou que o escritor provavelmente viveria para se arrepender de sua publicação.

Alguém informou o escritor do panfleto sobre o comentário que o comerciante havia feito. Ele o considerou uma raivosa ameaça de vingança, e disse que iria tomar bastante cuidado de se manter fora do alcance e do poder do mercador. Mas, dentro de alguns anos, no decorrer dos negócios, o escritor da calúnia inevitavelmente se tornou profundamente endividado para com aquele comerciante que ele havia tão deliberadamente injuriado, e se arruinou, e abriu falência.

Com muito esforço e depois de muitos atrasos, o devedor infeliz efetuou um acordo dos seus negócios, e obteve uma liberação dos seus outros credores; mas como ele poderia ir ao comerciante que ele havia feito objeto da escória do público, e que havia declarado que o difamador ainda iria viver para se arrepender de sua publicação? Parecia tolice esperar que ele esqueceria a maldade, e favoreceria quem o injuriou. Mas os apelos de uma esposa e filho sofredores, por fim, o compeliram a fazer o pedido.

Humilhado pela miséria, ele se apresentou no escritório de contabilidade do mercador injuriado. O comerciante estava em sua mesa, sozinho, e, ao se virar e ver o seu ofensor diante dele, suas primeiras palavras foram: “Sente-se, senhor”. O homem culpado, tremendo de apreensão da repulsa que ele tão amplamente merecia, contou a lastimável história dos seus infortúnios, e apresentou o seu certificado de liberação, assinado pelos outros credores, apesar de não ter senão uma esperança muito pequena de obter a assinatura deste a quem havia ofendido tão profundamente.

O comerciante recebeu o certificado, e ao passar os olhos por ele, disse: “Eu acredito, senhor, que você uma vez escreveu um panfleto sobre mim”. O homem desgraçado não conseguiu responder nada. O comerciante, sem dizer mais nenhuma palavra, escreveu algo no certificado, e o entregou de volta ao homem. O pobre devedor recebeu em desespero o certificado, esperando encontrar escrito nele algo que expressasse a indignação do comerciante. Mas como foi grande a sua surpresa ao ver, em letras redondas e belas, a assinatura do mercante, liberando-o de sua dívida!

– Eu tenho como regra– disse o homem compassivo – nunca me recusar a assinar a liberação de um homem honesto, e eu nunca ouvi que você não o fosse”.

A surpresa e a alegria foram demais para o pobre devedor, e ele desfez-se em lágrimas.

– Ah! disse o comerciante – o que eu disse realmente aconteceu. Eu disse que você iria viver para se arrepender de ter escrito aquele panfleto. Eu não falei aquilo como uma ameaça. Eu apenas quis dizer que um dia você iria me conhecer melhor, e se arrependeria de ter tentado me magoar. Eu vejo que você está arrependido agora.

– Sim, eu estou, certamente estou – exclamou o homem, grato.

– Bem, querido senhor, você agora me conhece. E o que você fará daqui para frente? O que você pretende fazer da vida?

O homem desventurado respondeu que, tendo recebido a liberação de seus credores, tinha amigos que o ajudariam a retomar o seu negócio novamente.

– Mas como você sustentará a sua família no meio tempo? – perguntou o comerciante.

A resposta do homem foi que, ao dar aos credores o último centavo, ele havia sido compelido a privar sua família mesmo das mais comuns necessidades.

– Querido senhor, – disse o empresário– isso não pode ficar assim. A sua esposa e filhos não devem sofrer. Faça a bondade de levar isso à sua esposa por mim – e lhe deu uma nota de cinquenta dólares – e não desanime. As coisas ainda vão dar certo para você. Disponha-se a trabalhar com energia, e ainda poderá ver muitos dias de prosperidade.

O pobre homem estava totalmente dominado por suas emoções. Ele não podia falar. Seus sentimentos o proibiram de se expressar, e escondendo o rosto no seu lenço, ele saiu da sala soluçando como uma criança.

Histórias que fornecem ilustrações práticas de qualquer princípio moral irão geralmente exercer uma influência mais poderosa sobre as mentes das crianças do que instruções gerais. As mentes dos ouvintes absorve o espírito que a história exemplifica por uma espécie de simpatia moral.

A mãe que está ciente disso irá, em suas leituras gerais, prestar atenção a incidentes e passagens que ela pode usar como bons relatos que sejam interessantes e instrutivos para os seus filhos. Ela deverá ler e explicar para eles em tempos apropriados, e reforçar as lições que essas histórias guardam, inculcando princípios a eles, por comentários adicionais feitos por ela.

Ensine os seus filhos, assim, de toda maneira, a cultivar um espírito pronto a perdoar. Diga-lhes que esse é o espírito da Bíblia, o espírito de Cristo. Ninguém que tenha qualquer outro espírito pode com segurança oferecer a oração: “Perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.

Terça-feira
Cultivando Prazeres Saudáveis

Gosto por Prazeres Saudáveis

Cultive em suas crianças um gosto por prazeres puros e nobres, ao invés de um amor por diversões mundanas . Prazeres puros e nobres duram. Eles caem bem e não deixam uma ferroadada quando passam. Os prazeres e farras do mundanismo não caem bem. Eles exaurem os poderes do corpo e da alma e prematuramente acabam com a capacidade de sentir prazer, além de deixarem um ferrão quando passam. Essa é a razão porque a Palavra de Deus os condena e por que os cristãos se abstêm deles.

Quase não há uma reprimenda mais constantemente lançada sobre os cristãos do que a acusação de intolerância, porque eles se recusam a se unir com o mundo nesses pecados de divertimentos. Eles são convidados a um baile, ao teatro, ou a uma festa de apostas, mas nenhuma persuasão é capaz de induzi-los a ir.

– Que possível mal pode haver – dizem eles – em se ir a um baile? Nós vamos para um salão claramente iluminado. Temos música agradável para gratificar o ouvido. Agradavelmente passamos o tempo entusiasmados ao ritmo da música e em danças animadas. Após terem-se passado algumas horas de verdadeira diversão, voltamos ilesos para as nossas casas. Agora, que real objeção pode haver contra esse entretenimento – eles questionam – que não seja fundamentada em ignorância e superstição?

Essa é uma pergunta muito importante, e merece uma resposta muito séria. Para explicar a minha visão sobre esse assunto, deixe-me supor que você tem um filho de dezenove anos, um rapaz muito amável, correto e promissor. Ele é a esperança da família, atencioso para com seu pai e mãe e amável para com suas irmãs; todos o amam. Ele é gerente em uma loja, e é altamente respeitado por seus patrões. Como você tem visto muitos rapazes amáveis e em tais situações promissoras, que tiveram suas vidas arruinadas pela dissipação, você sente grande zelo por ele. Ele tem tão pouco egoísmo em sua natureza, e está tão disposto a sacrificar suas próprias inclinações para agradar a outros, que, apesar de se esperar que ele venha a se tornar um dos melhores e mais úteis dos homens, você sabe que ele está muito exposto a ser desviado pela tentação.

Como um filho afetuoso e obediente que é, ele vem a seu pai e lhe diz: “Pai, haverá um baile esta noite. Todos os meus amigos estão indo, e se o senhor não tiver objeção, eu gostaria de ir também”.

- Bem, meu filho – diz o pai. Que horas começa o baile?
- Entre oito e nove horas da noite – ele responde
- E que horas terminará? – pergunta o pai.
- Me disseram – o filho responde – que eles provavelmente irão para casa entre duas e três da manhã.
- Eu suponho que vinho será oferecido muito livremente na ocasião; não irá, meu filho?
- Ora, sim, senhor, imagino que sim, mas eu espero ter resolução suficiente para não ser culpado de nenhum excesso.
- Eu confio que você tem, meu filho, mas você sabe de alguém que está indo ao baile que tem uma reputação de ser intemperante?
- Sim, senhor. Haverá vários ali que são conhecidos por se embriagarem.
- Estarão presentes muitos que são normalmente considerados dissolutos em seu caráter a ponto de você não querer tê-los como amigos?
- Haverá alguns destes, senhor, eu imagino.
- É muito perigoso – o pai retoma – para um rapaz ser lançado em tal companhia em meio de todas as excitações da música, da dança e do vinho. Não será fácil se desfazer de amizades que você quase certamente irá conhecer nesse baile. Eu também suponho, é claro, que eles terão jogos de cartas em alguns dos quartos.
- Sim, senhor.
- Eles jogam apostando dinheiro?
- Alguns deles eu creio que sim, senhor, com pequenos valores.
- Não é incomum – o pai responde – sob tais circunstâncias, que pessoas comecem com pequenos valores, e prossigam para valores maiores. Sob o estímulo da diversão e do vinho, eles se entregam profundamente ao jogo, até que o dia amanhece e os encontra ainda com as cartas em suas mãos. Muitos rapazes, nesses cenários, enveredam por um caminho para a perdição. Eu tenho, em minha experiência, conhecido muitos assim que perderam a virtude e que trouxeram vergonha irremediável sobre os seus pais e amigos.

– Você diz, meu filho, que o baile vai terminar às três da manhã. Você pode, talvez, chegar em casa – e à sua cama – às três e meia. Você precisa acordar às seis para abrir a loja no horário. Isso lhe dá duas horas e meia para o sono, o qual, devido à excitação anterior, será febril e não revigorante. Eu lhe aconselho, portanto, meu filho – o pai continua – a não ir. Ao presenciar tais cenas, você estará exposto a muitas tentações, à excitação do vinho, e à excitação de muitas paixões perigosas, pois você mal pode evitar conhecer muitas pessoas indesejáveis. Você será convidado à mesa do jogo, e pode assim começar a aquisição de um gosto por toda a excitação da aposta.

– Muitos poderão estar lá – prossegue o pai – que não têm prazeres a não ser o das dissipações da moda, que ficariam felizes de assegurar-se de se associarem com você. Aí, convites se multiplicarão! Quando um rapaz entra nesse redemoinho, é difícil sair dele novamente. Quando você for para a loja de manhã, estará vagaroso e desanimado. Todas as suas energias estarão exaustas. Com dor de cabeça, olhos vermelhos e membros trêmulos, você terá um dia de depressão mental, sensação totalmente oposta à excitação dos prazeres da noite, e que irão grandemente desqualificá-lo de realizar o seu dever para com os seus patrões.

– É por essas razões – o pai continua – que os seus pais não desejam que você comece a ir a estes ambientes. Nós estamos certos de que, em geral, ao invés de aumentar, eles grandemente diminuem a quantidade da alegria humana. É por causa disso que não desejamos que você ou as suas irmãs adquiram um gosto por esses prazeres; pois a nossa própria observação, assim como o testemunho dos sábios e bons em todas as épocas, tem nos ensinado que essas diversões, ao interromperem os prazeres regulares e pacíficos da vida doméstica, expõem aqueles que se engajam neles a grandes tentações e, por exaurirem prematuramente os poderes mentais e corporais e enfraquecerem a constituição física, seriamente interferem com a felicidade futura e levam a perigos iminentes.

– E quando nossos vizinhos estranham que nós tão cuidadosamente guardamos vocês de tais cenas de folia e de prazeres, que para eles parecem inocentes e agradáveis, nós temos respondido que podemos fazê-los bem felizes, ao cultivar em seu coração um gosto por uma classe de prazeres

totalmente diferentes. Os prazeres da carne, também, sempre deixam uma ferroadinha depois que se vão. Descontentamento e insatisfação sempre se apoderam da alma depois de uma cena de farra excessiva e inapropriada. Esse é sempre o caso, em todas as classes e condições da vida. Madame de Jenlis, que frequentou as mais altas sociedades da vida parisiense, e estava familiarizada com os entretenimentos do palácio real nos seus mais altos esplendores, afirmou que os dias que se sucediam às festas mais deslumbrantes eram os mais melancólicos.

– Portanto, meu filho, eu lhe aconselho a não ir. Persevere no plano de vida que você tem até agora determinado para si mesmo. Venha para casa e passe a tarde em prazeres calmos com a sua mãe ou irmãs, ou na leitura de algum volume interessante da biblioteca. Adquirir um gosto pela leitura, e encha a sua mente de conhecimento útil. No seu horário regular, vá dormir. Você, então, se levantará de manhã renovado e revigorado, e com boa disposição você irá realizar os seus deveres. E quando você vir o seu colega na loja em frente, que foi ao baile, cochilando de desânimo, e preguiçosamente aguentando um interminável dia em seu balcão, você estará grato de não ter sacrificado tanto bem substancial por algumas horas de folia noturna.

– Ao perseverar nesse curso – o pai continua – você irá mais efetivamente assegurar a confiança de seus empregadores. Você terá mais crédito. Seus prospectos na vida serão melhores. Você logo poderá ter a sua casa própria. Você fará esta casa mais feliz. Sua vida irá transcorrer com suavidade, com bem menos perigo de você cair sob o poder da tentação; e conseqüentemente, haverá uma perspectiva bem mais brilhante de você desfrutar a felicidade eterna além do túmulo.

Esse é, em suma, o argumento que os cristãos apresentam, e têm apoiado, durante todas as eras passadas, contra os divertimentos e as alegrias do mundo. Eles estão totalmente convencidos de que aqueles que adquirem um gosto por esses prazeres terão a sua própria felicidade terrena grandemente prejudicada, e serão expostos a tentações que serão tremendamente perigosas para o seu bem-estar eterno.

Quarta-feira
O Argumento
Cristão Contra os
Prazeres Mundanos

Eu tenho me delongado nesse assunto, e tratado-o de forma mais completa porque os jovens, inexperientes dos perigos do mundo, normalmente se perguntam por que os seus pais piedosos estão tão relutantes a que eles adquiram uma afeição por divertimentos que parecem tão inocentes e agradáveis. Mas eu acho que qualquer menino ou menina inteligente, de 14 ou 15 anos, pode ver a força das considerações acima, e pode se convencer de que os cristãos não têm, em sua decisão sobre esse assunto, agido sem boas razões.

E aqui eu não pretendo discutir se essas diversões não poderiam ser tão melhoradas e refinadas a ponto de evitar todas as objeções lançadas sobre elas. Eu desejo me referir a elas da maneira como elas realmente são no momento e como sempre têm sido, e como em toda probabilidade continuarão a ser.

Estes divertimentos são todos do mesmo caráter germinal, levando às tentações peculiares da indulgência em desejos indignos e da exposição àquelas más companhias que se engajam neles. Todos tendem a destruir o gosto pelos prazeres calmos e domésticos, que, quando cultivados, deveriam se tornar mais agradáveis e atraentes para nós a cada ano, e os quais nos permitem gozar de um consolo crescente, especialmente quando a juventude tiver fugido, e a velhice, a doença e o infortúnio chegarem. Pais cristãos buscam guardar os seus filhos de adquirirem um gosto por esses prazeres, porque eles prevêem que essas diversões irão, no fim, desapontá-los; e eles desejam guiá-los num caminho mais seguro, e infinitamente mais promovedor de sua alegria.

Quinta-feira
Os Efeitos das
Festas Mundanas
Sobre a Mulher Cristã

Temos contemplado a influência de uma dessas cenas de folia sobre um rapaz. Vamos agora considerar seus efeitos sobre uma mãe de família, ou sobre uma jovem moça.

Em primeiro lugar, na mera preparação para qualquer encontro ou festa típicas de dissipações mundanas, muitas horas são tiradas da rotina pacífica dos deveres ordinários em devoção ao vestir. Então a tentação é quase irresistível, devido à forte competição exibicionista que é estimulada, de fazer gastos que estão fora do orçamento. E então, quando a festa noturna está no seu auge, e as músicas voluptuosamente alcançam seu volume máximo, e o sorriso em cada rosto é menos nublado, quantas fontes secretas de desonra são necessariamente estimuladas, apesar de cuidadosamente disfarçadas. O espírito da ocasião tem a mais forte tendência de chamar a exercício as paixões da inveja e da rivalidade. O vestido melhor de uma senhora, e a beleza superior de outra; a comparativa negligência com que uma é tratada, e a excessiva atenção que outra recebe; essas coisas constituem a mais frutífera fonte de vaidade, em uma, e de mágoa e mortificações na outra. A própria natureza do prazer, em todo o espírito da ocasião, tem a mais direta tendência de chamar esses sentimentos a exercício ativo. Não há lugar nos quais os desconfortáveis sentimentos do coração são tão frequentemente e dolorosamente excitados como nessas festas deslumbrantes. Para usar a linguagem familiar do poeta:

A bochecha tingida e serena

Com um sorriso caloroso,

O coração se desmorona

Num chão frio, e doloroso.

E quando, bem depois da meia noite, já febril devido ao salão quente, e ao exercício excitado, uma mãe ou moça retorna à sua casa, quão pobremente ela está preparada para os deveres da devoção! Em que estado mental inadequado ela se encontra, para ter comunhão com Deus de modo aceitável e para consagrar-se novamente, com um coração afetuoso e humilde, para o seu serviço.

E então, no amanhecer do próximo dia, todas as coisas relativas à família estão em desordem. Ela levanta tarde, e ainda cansada, do seu travesseiro. Durante o dia todo ela se sente deprimida de espírito, e incapaz de se

engajar com qualquer satisfação nos deveres ordinários da vida. Normalmente requer-se um ou dois dias de desânimo e depressão, para o sistema recuperar seu tom da exaustão das poucas horas de farra noturna. Mesmo considerando que as emoções prazerosas das horas de convívio social fossem tão maravilhosas quanto alguém ouse estimá-las, o prazer delas, quando pesado, não compensa o desgaste físico e intelectual que necessariamente é provocado.

E quando vamos mais adiante; quando consideramos o inevitável término dessa vida de prazer; quando contemplamos a vítima – pois devemos considerar como vítima aquela que teve uma vida festeira e deslumbrante, depois de ter passado pelo período da juventude e vigor, e com a sua suscetibilidade para essas alegrias já esgotada, sua mente e coração fartos dessas aspirações, porém, sem nenhum gosto formado por alegrias mais sólidas e recompensadoras – nós a consideramos com a mais profunda comiseração, como um aviso impressivo para todos os jovens de evitarem essas areias movediças, sobre as quais a sua felicidade tem sido tão fatalmente depositada.

Quando nos voltamos para a Bíblia, para o caráter do nosso Salvador e de seus apóstolos, encontramos essas visões confirmadas, até mesmo pelo peso da inspiração; tanto é que, de fato, o só imaginar o nosso Salvador ou o apóstolo Paulo tomando parte ativa nessas cenas é tão chocante aos nossos sentimentos, que só o supô-lo é quase irreverente. E por que é que alguém se esquia de tal ideia, senão porque o espírito da Bíblia é tão diametralmente oposto a essas diversões, que a mente se retrai ao pensar em conectá-los com personagens sagrados?

Sexta-feira
As Alegrias Salutares
do Crente

E quando indagamos do testemunho humano, ouvimos apenas uma voz, que vem a nós de todo o tempo passado e de toda nação. Em atestado da tolice de uma vida de prazer, há milhares agora em nossas igrejas que uma vez foram devotos das farras; e eles lhe dirão, sem sequer uma voz contradizente, que, desde que abandonaram suas aspirações anteriores, e

buscaram alegria em objetos diferentes, e cultivaram um gosto por prazeres de outra qualidade, encontraram paz e satisfação, as quais nunca conheceram antes; e não têm mais disposição de voltar a essas alegrias do mesmo modo que como não têm vontade de retornar aos chocalhos da fase de bebê.

É muito importante que os jovens entendam as verdadeiras razões da decisão a que os cristãos têm chegado sobre esses assuntos. Não é um espírito rabugento ou mal-humorado que dita essa decisão, nem qualquer desejo de proibir prazeres reais. Mas vemos que essas diversões são, no fim, promotoras de mais tristezas do que de alegrias, e portanto, desejamos a todos os que amamos que andem naqueles caminhos de sabedoria que são verdadeiros deleites e naquelas veredas que são verdadeira paz.

E assim, se pais desejam, em suas próprias vidas, e nas vidas de seus filhos, produzir os frutos pacíficos e agradáveis de justiça, eles devem evitar as cenas de folia. Vocês devem se guardar cuidadosamente de cultivar gosto por tais prazeres. Existem, nesse mundo, muitas regiões de prazer onde podemos andar com segurança. Há muitas alegrias que são benéficas ao coração e que conduzem a prazeres crescentes entre as debilidades da velhice e a proximidade da morte – alegrias que na manhã da vida são como os raios de sol da alvorada, e na tarde de nossos dias, são como os serenos e dourados tons de um pôr do sol de verão. Existem as alegrias das afeições bem cultivadas, de uma mente elevada, de amigos e de amor ao lar, de conversa social ao lado da lareira, do jardim de flores, do alimentar os animais domésticos da mão que ele ama, da caminhada de tardinha a sós ou em companhia, de visitar o doente e alegrar os angustiados. Há fontes suficientes de prazer que Deus tem aberto para nós nesse mundo que são purificadoras em sua natureza, e que não passam deixando um aguilhão. Não é necessário procurarmos por felicidade em caminhos perigosos e proibidos.

Em todos os caminhos considerados nesse capítulo, a mãe deve buscar treinar os seus filhos no serviço a Deus. Esses são os deveres práticos da cristandade – deveres que trazem com eles as suas próprias recompensas. Não há outro caminho para o céu senão aquele que é aqui apontado – confiança em um Salvador expiador, que nos perdoa de pecados passados e

esforços fiéis de viver uma vida devota e santa. Aqueles que diligente e fielmente percorrerem esse curso irão encontrar o jugo do Salvador, de fato, suave; e o seu fardo, leve. O dever irá continuamente se tornar mais fácil e mais agradável. As propensões e desejos descontrolados que tão frequentemente estragam a paz dos outros irão deixar de perturbá-los – sendo subjugados pela graça divina – e eles seguirão seu caminho se alegrando até o fim.

Capítulo 10

Resultados: Os Prazeres e Recompensas dos Pais

SEMANA 31
Segunda-feira
Os Prazeres
e Recompensas
Terrenos dos Pais

Nos capítulos precedentes foram feitas frequentes alusões às fatais consequências que decorrem da negligência ao dever. Em vista disso, alguns pais se sentem oprimidos e angustiados. É certamente verdade que a má-conduta dos filhos sujeita os pais à intensidade máxima de sofrimento. Mas deve ser lembrado que, quando a fidelidade dos pais é acompanhada de suas bênçãos usuais, o resultado são alegrias, mais próximas daquelas do céu do que das da terra. O coração humano não é suscetível a prazeres mais excelentes do que o que a relação parental lhe dá. Não há alegria quando a mãe, pela primeira vez, abraça seu bebê ao peito? Não há deleite ao presenciar o primeiro sorriso sereno que aparece na sua face? Sim! Os primeiros dias da infância de um bebê trazem “um êxtase que só uma mãe conhece”. O próprio cuidar deles é um prazer.

E quando o seu filhinho já deixou a fase da infância – que passou como um sonho – e está imerso em atividades e animado com a inteligência da meninice, não se abrem outras fontes de prazeres à sua mente? Não há emoções vibrantes de prazer em ouvir a gargalhada do seu rapazinho alegre ao testemunhar os desdobramentos da sua mente ativa; em sentir o seu beijo doce e o seu abraço apertado? Não há deleite em ver o seu menininho correr para lhe abraçar, com a sua face cheia de sorrisos e o seu coração cheio de amor; e em ouvi-lo, em sua pronúncia infantil, chamá-lo de mãe? Ao receber novas provas diárias de sua afeição e obediência, e ver que o seu

pequeno peito é animado com um espírito nobre e generoso, você se sente recompensada “a cem por um” por toda a sua dor, ansiedade e trabalho.

Depois de poucos anos os seus filhos chegam à maturidade, e com aquela bênção divina que esperamos acompanhar nossos esforços e orações, eles serão encontrados com afeições generosas e princípios estabelecidos de piedade. Com que emoções os pais, então, olham para a sua família feliz e próspera! Eles estão recebendo a recompensa e a gratificação terrenas. Que coisa cativante é ver uma mãe idosa e viúva se apoiando no braço firme de seu filho, quando ele a acompanha à casa de Deus! E quantos pais tiveram seus anos de declínio alegrados pelas atenções afetuosas de sua filha! Quem irá com mais carinho cuidar de você na doença como uma filha, cujo peito é animado pelos princípios de piedade que você tem inculcado? Entre as mais doces alegrias terrenas a serem experimentadas na idade idosa está a alegria de ver ao seu redor filhos alegres e gratos. As marcas da estima e do amor que você recebe deles irá diariamente recompensá-la por todo o seu trabalho. E quando os filhos de seus filhos se amontoarem ao seu redor, dando incessantes provas de respeito e afeição, você encontrará em seus carinhos a renovação da sua juventude. Quando todas as demais alegrias terrenas estiverem se desvanecendo, você encontrará nos pequenos faladores em seu colo alegrias incansáveis.

Terça-feira
Os Prazeres e
Recompensas
Eternos dos Pais

Mas aqui está uma cena de felicidade ainda mais esplêndida. A família cristã irá se reunir novamente. Pais e filhos estarão juntos no céu. E quando toda a família estiver alegremente reunida ali; quando eles se sentarem juntos em verdes pastos e às margens das águas tranquilas; quando eles entrarem e saírem das mansões que Deus preparou para eles; então, e só então, irão experimentar a plenitude do prazer com o qual Deus recompensa a fidelidade parental. Quão cativante é o pensamento de que a família inteira irá se reunir novamente no mundo de cânticos e de alegria eterna, onde a tristeza e a dor terão fugido para sempre! Quando, daquele estado

feliz de existência, você olhar para trás – para a sua peregrinação na terra – você nunca se arrependerá de nenhuma quantidade de trabalho que empreendeu, de nenhum sacrifício que fez, de nenhum sofrimento que passou, para treinar os seus filhos para serem, com vocês, herdeiros de uma imortalidade gloriosa. Ah, existem motivos suficientes, sim, abundantemente suficientes, para encorajar cada pai e cada mãe a esforços incansáveis! Quando, com as profundas emoções de amor parental, você olha para seus filhos obedientes e afetuosos que cercam a sua lareira, os seus pensamentos serão carregados para prazeres infinitamente mais ricos, e que durarão para sempre, no mundo por vir.

Nós podemos vir a ser chamados para seguir os nossos filhos à sepultura. E essa é uma aflição dolorosa. Mas se temos motivos para crer que eles foram para as mansões que o Salvador tem preparado para eles, muito da amargura dessa aflição é levada embora. Eles foram para casa antes de nós. Eles estão abrigados de toda tempestade. Eles estão protegidos de todo sofrimento. Voando em vãos angelicais, e animados com as alegrias celestiais, eles estão prontos para nos receber quando Deus, em seu próprio bom tempo, nos der entrada àqueles mundos alegres. Uma vez perguntaram a um senhor se ele havia perdido algum de seus filhos. “Não” – ele respondeu – “Eu tenho dois no céu, mas não perdi nenhum”. Para uma família verdadeiramente crente, a morte de qualquer de seus membros é apenas uma ausência temporária, e não uma separação eterna.

Quarta-feira
O Poder da Mãe

O Poder e o Dever dos Pais

As mães têm uma influência mais poderosa sobre o bem-estar das gerações futuras do que todas as demais causas humanas combinadas . Até agora a história do mundo tem sido constituída de narrativas de opressão e de sangue. A guerra tem espalhado seus terrores inumeráveis. O grito do oprimido tem incessantemente ascendido ao céu. Onde iremos procurar a influência que irá mudar essa cena, e encher a terra com os frutos da paz e da benevolência? É no poder da verdade divina, no Cristianismo, como ensinado pelos lábios da mãe. Na grande maioria dos casos, os

primeiros seis ou sete anos decidem o caráter de um homem. Se o menino sai do teto paterno incontrolado, turbulento e vicioso, ele irá, com toda probabilidade, embalar-se na louca carreira da auto-indulgência. Há exceções, mas essas exceções são raras. Se, por outro lado, seu filho sai de casa acostumado a ter domínio próprio, ele irá provavelmente manter esse hábito por toda a vida. Se ele tem sido ensinado a sacrificar seu próprio prazer para promover a felicidade daqueles ao seu redor, pode-se esperar que continuará a praticar a benevolência, e conseqüentemente será respeitado, útil e feliz. Se ele tem adotado firmes resoluções de ser fiel em todas as relações da vida; ele, em toda probabilidade, irá se tornar um homem virtuoso e um cidadão estimado – um benfeitor de sua raça.

Quando a nossa terra estiver cheia de mães piedosas e patriotas, então ela estará cheia de homens virtuosos e patriotas. A influência redentora do mundo, sob a bênção do Espírito Santo, precisa vir dos lábios da mãe. Aquela que foi a primeira na transgressão ainda será o principal instrumento terreno na restauração. Outros fatores podem ajudar grandemente. Outras influências podem estar prontas para receber a mente que vem das mãos da mãe, e levá-la adiante em seu desenvolvimento. Mas as mães devem ser os maiores instrumentos na sua redenção. Esse sentimento irá suportar o escrutínio, e o quanto mais ele for examinado, mais manifestadamente verdadeiro irá se mostrar. Ele é semelhante ao ditado da filosofia e da experiência. A mãe que está negligenciando o esforço pessoal, e dependendo de outras influências para a formação do caráter virtuoso nos seus filhos, irá descobrir, quando for tarde demais, que ela tem errado fatalmente.

O patriota, que espera que as escolas e as faculdades ou universidades e a difusão generalizada do conhecimento, irá promover a boa ordem e a felicidade da comunidade enquanto o governo familiar é negligenciado, irá descobrir que está tentando purificar os riachos que estão fluindo de uma fonte corrupta. É a influência materna, no final das contas, que precisa ser o grande agente, nas mãos de Deus, em trazer de volta a nossa raça culpada ao dever e à felicidade. Oh! Que as mães pudessem sentir essa responsabilidade como deveriam! Então o mundo iria assumir um aspecto diferente. Então, iríamos ver com menos frequência famílias infelizes e pais

de coração partido. Uma nova raça de homens iria adentrar os cenários desta vida, e a crueldade e o crime iriam passar. Ó, mães! Reflitam sobre o poder que o seu Criador colocou em suas mãos! Não há influência terrena que possa ser comparada à sua. Não há uma combinação de fatores tão poderosos na promoção da felicidade ou da miséria de nossa raça como as instruções do lar. Em um sentido bastante peculiar Deus tem lhes constituído as guardiãs e reguladoras da família humana.

Quinta-feira
O Dever do Pai

Talvez alguém pergunte, “Não há nada que os pais homens possam fazer?” Certamente há bastante. Muito mesmo. Mas esse tratado é preparado para imprimir sobre a mente os deveres das mães. Contudo, para que não seja inferido do que foi escrito que o dever total do governo familiar está depositado na mãe, eu quero rapidamente observar que nenhum pai deveria ser desculpado por se liberar da totalidade da responsabilidade.

Um pai normalmente dará muitas desculpas para se livrar do seu dever, mas Ah! ele não poderá livrar seus filhos da ruína, nem a ele mesmo do pesar que a sua negligência ocasiona. Será um pobre consolo para ele, ao dirigir-se em vergonha e tristeza para o túmulo, refletir que esteve engajado e ocupado em outras atividades, e deixando as suas crianças a amadurecer na ignomínia e desgraça. Que deveres podem ser superiores àqueles que devemos aos nossos filhos? Um clérigo, às vezes, diz que tem tanto a fazer, que o seu tempo é tão completamente ocupado que ele é obrigado a negligenciar seus filhos. E quem tem a reivindicação primordial sobre a sua atenção? A sua congregação, ou o seus filhos? Deus o colocou sobre uma congregação, e também fez dele o pai de uma família. E que dever Deus considera o mais imperativo? E ainda assim, não são poucos os casos que podem ser apontados em que pastores de piedade devota e utilidade extensiva têm dado toda a sua atenção aos labores do estudo e deveres públicos, e tem deixado seus infelizes filhos crescerem desenfreados e cheios de vícios.

Ninguém pode desfrutar do privilégio de ser pai, sem ter deveres a realizar, que irão requerer tempo e cuidado. E que tempo pode ser usado de maneira mais útil do que o tempo gasto em treinar uma família de crianças que irão continuar a fazer o bem no mundo muito depois que estivermos calados no túmulo? Podemos ter alguma outra influência equivalente a essa de filhos e filhas piedosos? Podemos deixar ao mundo um legado mais rico do que a piedade fervorosa e a utilidade ativa de uma descendência numerosa? Oh, não há pecado que alcance tão longe e estenda uma desolação tão avassaladora como a negligência parental. Nenhum pai que se retire dessas responsabilidades pode estar livre de culpa. O primeiro dever que pesa sobre nós é manter o nosso próprio coração com diligência; o segundo dever é conduzir as nossas famílias a Deus. O terceiro, consultar pelo bem-estar espiritual dos nossos próximos; o quarto, fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para evangelizar o mundo. E ainda assim, quantos ministros cristãos têm tido a sua influência paralisada, a paz de sua mente destruída, e os seus corações quebrados ao negligenciar os cuidados que devem a seus filhos.

Muitos dos mais importantes governantes e homens públicos são assim afligidos e desonrados. E a aflição deve ser agravada pela consciência de que estão colhendo o que plantaram. Eu não quero, de propósito, infligir dor no coração de qualquer pai que lê essas páginas, mas não posso deixar de levantar uma voz de advertência com relação à destruição que tem ocorrido devido a esta causa que estamos agora contemplando. A tentação é muito grande, para homens que estão engajados em carreiras literárias, e sobrecarregados com negócios públicos, de negligenciar os seus deveres domésticos. Mas quanto isso é devastador para a utilidade e felicidade! É melhor ser um homem pobre, e é melhor ser um homem humilde, do que ser desgraçado na vida pela dissolução daqueles que nos chamam de pai e ter um travesseiro de morte plantado com espinhos pelas mãos de nossos filhos. Todo homem, seja qual for a sua situação na vida, está obrigado a considerar os deveres que tem para com os seus filhos como os mais sagrados que ele tem a desempenhar. Se ele os negligenciar, deverá colher as mais amargas consequências.

E ainda preciso fazer uma outra observação aqui. Ela está intimamente conectada com o dever da mãe. O pai deve sempre buscar ensinar os seus filhos a honrar a sua mãe. Se o pai não fizer isso, as dificuldades da mãe serão grandemente aumentadas. Mas onde parece haver harmonia de projetos entre os pais, a autoridade é fortalecida. Há algo em amar e reverenciar a mãe que exerce uma influência deleitável sobre o coração. Ela refina e eleva o caráter, e é uma forte salvaguarda contra o vício degradante. Meninos, em particular, não respeitarão a mãe por muito tempo se eles vêem que o seu pai não a trata com atenção. Você mal pode encontrar um jovem dissoluto que tenha estado acostumado desde a infância a olhar para a sua mãe com respeito e amor. É em desobediência à mãe que a carreira de crime geralmente começa. O caminho é então preparado para a desconsideração de toda autoridade parental, e então o progresso é rápido para o mais ousado desafiar de todas as leis de Deus e dos homens. Muitos criminosos infelizes têm, das prisões, traçado o seu curso de culpa até o período da infância, quando começaram desobedecer aos comandos da mãe; eles têm sentido e reconhecido isso. Se tivessem sido habituados a obedecer, todo o seu curso subsequente teria provavelmente sido diferente. É, portanto, de primeira importância que nada venha a ser omitido no que diz respeito a dar à mãe uma grande e constante influência sobre as mentes dos seus filhos.

Sexta-feira

O Dever de Continuar Aprendendo sobre a Educação das Crianças

O assunto da educação deve ser tratado com estudo perseverante . E ainda assim, quantos pais negligenciam esse dever! Nada, certamente, pode ser de maior importância para os pais e filhos, do que um sistema correto de governo familiar. Toda mãe admite a sua necessidade de informação. Há muitos livros valiosos de fácil acesso que podem conceder grande ajuda. Uma mãe deveria considerar um de seus primeiros deveres se informar sobre esses assuntos o quanto seus recursos a permitirem. A arte de influenciar e guiar uma jovem mente é suscetível a avanços quase ilimitados, e nós somos infiéis a nossos filhos se não nos familiarizamos

com os resultados dos experimentos dos outros. Não devemos estar tropeçando em trevas quando a luz está brilhando ao nosso redor.

Há princípios fundamentais operando sobre a mente humana, assim como em qualquer outra ciência. E muitas mães ansiosas têm cometido erros para o sério prejuízo de seus filhos, que elas poderiam ter evitado, se tivessem consultado fontes de informação que estão ao alcance de todos. Quão grande deve ser a aflição da mãe que, em consequência da negligência, tem sido mal-sucedida com a sua família. Ela olha para seus filhos arruinados e repreende-se a si mesma com a justa reflexão de que, se tivesse buscado um outro curso, eles teriam sido a sua alegria e bênção. Talvez mesmo eles lancem censura sobre ela e atribuam toda a sua culpa e desgraça ao seu mau governo.

Mas, concluindo, poucos homens mais desprezíveis passaram pelo mundo do que Lord Byron. E ele distintamente atribuiu a formação do seu caráter, e consequentemente, todo o seu crime e desventura, às paixões irrefreáveis de sua mãe e à negligência de governo apropriado. Como tal acusação de um filho dissoluto traspassa o coração de uma mãe piedosa! O conhecimento do dever pode ter sido obtido, mas ela negligenciou alcançá-lo, e por uma ignorância indesculpável, arruinou seu filho. Uma mãe carinhosa será tomada de angústia, se ela inocentemente administrou uma droga poderosa, e está vendo o seu filho, em consequência, expirar em agonia. Mas quanto mais aterrorizante é ver a ruína moral causada por nossa própria ignorância criminosa! Quem não preferiria ver um filho ou filha deitar-se no túmulo do que vê-los na vergonha e desgraça da devassidão? Se queremos preservar os nossos filhos, temos a obrigação de buscar todo tipo de informação possível sobre o nosso dever.

Aguarde: A Criança no Lar

~ Caro leitor,

Se esse livro foi edificante para você e sua família, aguarde a sequência *A Criança no Lar: Vivendo para Agradar a Deus e a Seus Pais*, do mesmo autor. Das primeiras palavras do primeiro capítulo, ao final do último capítulo, o leitor é cativado por ilustrações e exemplos tirados da vida real. Você será movido a chorar ao ler o relato de um filho rebelde sendo levado à execução apesar das lágrimas amargas de seu pai e mãe. Nele você vai conhecer Casabianca, de 10 anos, que bravamente permaneceu no seu posto em um navio que afundava ao aguardar instruções de seu pai, o capitão. Todo pai, pastor, professor de Escola Dominical e educador deveria ler esse livro, e então lê-lo para e com os seus estudantes e crianças. Um banquete aguardará todos que entram nessas páginas. Leia algumas das indicações:

“De uma maneira emocionante e ilustrativa, *A Criança no Lar*, de Abbot, cultiva poderosamente nas consciências das crianças a necessidade de honrar a Deus e a seus pais ao promover a necessidade de obediência sincera, verdade religiosa, genuína piedade, traços de caráter bíblicos, senso de responsabilidade e terror ao engano. As dúzias de histórias incluídas tornam esse livro inteligível mesmo para crianças bem pequenas, enquanto simultaneamente retêm o interesse de adolescentes. Compre esse livro para cada um de seus filhos; ou melhor, leia-o em voz alta com eles e discuta o seu conteúdo juntos como família.

- Dr. Joel R. Beeke

Presidente do Puritan Reformed Theological Seminary

“Poucos escritores, em qualquer era, têm possuído a habilidade de instruir persuasivamente as crianças, enquanto, ao mesmo tempo, é capaz de cativar as mentes da juventude com ilustrações que seguram o seu interesse e os mantêm querendo continuar a leitura. John S. C. Abbot é uma

dessas raras exceções. Suas obras escritas são jóias raras e a republicação de *A Criança no Lar* é como a redescoberta de um tesouro escondido.

- Dennis Gundersen

Presidente da Editora Grace and Truth Books